



HEITOR VIEIRA PASSOS

**DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS DA
NATUREZA EM ESCOLAS ESTADUAIS DURANTE A
PANDEMIA: UM RECORTE DE LAVRAS E IJACI, MG**

**LAVRAS-MG
2024**

HEITOR VIEIRA PASSOS

**DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA EM
ESCOLAS ESTADUAIS DURANTE A PANDEMIA: UM RECORTE DE LAVRAS E
IJACI, MG**

Dissertação de mestrado apresentada à
Universidade Federal de Lavras, como parte
das exigências do Curso de Pós-graduação em
Educação Científica e Ambiental, com área de
concentração em Educação Científica e
Ambiental para a obtenção do título de Mestre.

Prof. Dr. José Alberto Casto Nogales Vera
Orientador

**LAVRAS-MG
2024**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Passos, Heitor Vieira.

Desafios e Estratégias no Ensino de Ciências da Natureza
em Escolas Estaduais Durante a Pandemia: Um Recorte de
Lavras e Ijaci, MG / Heitor Vieira Passos. - 2024.
150 p.

Orientador(a): José Alberto Casto Nogales Vera.

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal
de Lavras, 2024.
Bibliografia.

1. Metodologias de ensino. 2. COVID 19. 3. Escolas
públicas estaduais. I. Vera, José Alberto Carlos Nogales. II.
Título.

HEITOR VIEIRA PASSOS

**DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA EM
ESCOLAS ESTADUAIS DURANTE A PANDEMIA: UM RECORTE DE LAVRAS E
IJACI, MG**

**CHALLENGES AND STRATEGIES IN NATURAL SCIENCES EDUCATION AT
STATE'S SCHOOLS DURING PANDEMIC: A CROPPING OF LAVRAS AND IJACI,
MG**

Dissertação de mestrado apresentada à
Universidade Federal de Lavras, como parte
das exigências do Curso de Pós-graduação em
Educação Científica e Ambiental, com área de
concentração em Educação Científica e
Ambiental para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 27 de março de 2024
Dra. Rosângela Alves Tristão Borem UFLA
Dr. Paulo Ricardo da Silva UFLA
Dr. Felipe Andrade Velozo UNIFAL

Prof. Dr. José Alberto Casto Nogales Vera
Orientador

**LAVRAS-MG
2024**

A minha noiva, Bruna de Oliveira Silva, pelo cuidado e carinho comigo durante esta etapa de
minha vida acadêmica e profissional.
Dedico

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Lavras, UFLA, pela oportunidade de pós-graduação na mesma instituição em que me graduei.

Agradeço aos colegas discentes e ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Ambiental, PPGECA, pelas experiências e ideias trocadas ao longo destes quatro semestres.

Agradeço ao professor Doutor José Alberto Casto Nogales Vera e à professora Doutora Karen Luz Burgoa Rosso pela paciência e orientação fornecidas ao longo do curso, mesmo em momentos conturbados para ambos os docentes.

Agradeço à minha mãe, Maria Aparecida Vieira Passos, e ao meu pai, Antônio Carlos de Sousa Passos, pelo apoio aos meus estudos e escolhas de vida.

Agradeço aos meus sogros, Antônio Maria Claret da Silva e Joana Darc de Oliveira da Silva por confiarem em minha escolha de cursar um mestrado como o melhor caminho para construir uma vida junto a minha noiva.

Agradeço a todos os professores e a todas as professoras, colegas de profissão, que encontrei ao longo do caminho da graduação e pós-graduação.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal no Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro.

“O caos não é um castigo e sim uma parte inevitável da vida.”

Ludoviajante

RESUMO

O presente trabalho buscou investigar o contexto de ensino da área de Ciências da Natureza nas escolas públicas estaduais localizadas nos municípios de Lavras - MG e Ijaci -MG durante a pandemia do COVID-19, sendo que três escolas concordaram em participar da pesquisa, duas em Lavras e uma em Ijaci (única escola estadual do município), as três instituições de ensino são Escola Estadual Azarias Ribeiro, Escola Estadual Firmino Costa e Escola Estadual Maurício Zákha. Após o aceite das instituições, entrou-se em contato com os professores das disciplinas de Ciências, Biologia, Química e Física, no intuito de recrutar voluntários para responder a pesquisa, totalizando 10 professores. Em seguida, encaminhou-se aos participantes um questionário para que respondessem; para a análise de dados, utilizou-se a Análise de conteúdo de Bardin (1977), a teoria das redes complexas com auxílio do software Iramuteq para o tratamento das respostas e montagem das categorias de análise, a partir destas categorias, constatou-se que grande parte das metodologias utilizadas pelos professores foram na contramão das metodologias utilizadas nacionalmente, enquanto a maior parte do Brasil aumentava sua presença nas redes sociais, uma parcela dos docentes de Lavras e Ijaci lançou mão dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem, aumentando o uso de recursos audiovisuais; as dificuldades apresentadas estão para a presença dos discentes, que por mais de uma vez encontram-se desmotivados e ausentes das aulas síncronas ou assíncronas, sendo que outra parcela das dificuldades advém das consequências do contexto, como a pouca familiaridade com as tecnologias da informação e comunicação (TIC), tanto pelos professores quanto pelos estudantes, a necessidade de reestruturação de planejamentos e problemas socioeconômicos que dificultaram o acesso às TIC e a permanência dos educandos na escola. Concluída a parte anterior, constatou-se os professores para pedir uma entrevista, contudo, um único professor mostrou-se aberto a uma entrevista para aprofundar as questões abordadas no questionário, o que levou, primeiramente, a reforçar as metodologias e dificuldades encontradas, com foco em três aspectos, o campo pessoal do professor, sua interação com a escola e sua interação com os educandos. O trabalho investigou as principais estratégias e dificuldades enfrentadas por professores da educação básica durante a pandemia da COVID-19, sendo o recorte de docentes das escolas públicas da rede estadual de ensino de Lavras e Ijaci, MG das disciplinas de Ciências da Natureza do Ensino Fundamental II e Ensino Médio; encontrou-se os principais pontos de dificuldade dos docentes, o tipo de auxílio que necessitariam para realizar um ensino emergencial remoto de maneira eficaz, bem como o que seria necessário aos discentes para evitar o abandono escolar e promover melhor integração professor-estudante durante o distanciamento social. O trabalho também elencou as principais tecnologias utilizadas pelos professores durante a pandemia, como o trabalho dos docentes foi afetado e como se estabeleceu a relação entre professores e estudantes durante a pandemia, quais recursos de comunicação e/ou divulgação, as dificuldades de acesso às Tecnologias da Comunicação e Informação por parte da comunidade escolar e elencou-se sugestões de como preparar docentes, discentes e outros profissionais da educação para possíveis cenários semelhantes no futuro.

Palavras-chave: Metodologias de ensino; COVID-19; Escolas públicas estaduais; Análise de conteúdo, redes complexas.

ABSTRACT

The present study aimed to investigate the teaching context of Natural Sciences in public state schools located in the municipalities of Lavras - MG and Ijaci - MG during the COVID-19 pandemic. Three schools agreed to participate in the research, two in Lavras and one in Ijaci (the only state school in the municipality), namely the Escola Estadual Azarias Ribeiro, Escola Estadual Firmino Costa, and Escola Estadual Maurício Zákha. After the institutions' acceptance, contact was made with the teachers of Science, Biology, Chemistry, and Physics subjects, in order to recruit volunteers to respond to the survey, totaling 10 teachers. Next, a questionnaire was sent to the participants for them to respond; for data analysis, Bardin's Content Analysis (1977) was used, along with the theory of complex networks with the assistance of the software Iramuteq for the treatment of responses and the construction of analysis categories. From these categories, it was found that a large part of the methodologies used by the teachers went against the nationally used methodologies, while most of Brazil increased its presence on social networks, a portion of the teachers in Lavras and Ijaci resorted to Virtual Learning Environments, increasing the use of audiovisual resources. The difficulties presented relate to the presence of the students, who often found themselves unmotivated and absent from synchronous or asynchronous classes, with another portion of the difficulties stemming from contextual consequences, such as limited familiarity with information and communication technologies (ICT) by both teachers and students, the need for restructuring of plans, and socioeconomic problems that hindered access to ICT and the students' attendance in school. Upon completion of the previous part, the teachers were invited for an interview, however, only one teacher showed openness to an interview to delve into the issues addressed in the questionnaire, which led, first, to a reinforcement of the methodologies and difficulties encountered, focusing on three aspects: the teacher's personal field, their interaction with the school, and their interaction with the students. The work investigated the main strategies and difficulties faced by elementary and high school teachers during the COVID-19 pandemic, focusing on teachers from public schools in the state education network of Lavras and Ijaci, MG, teaching Natural Sciences in Middle School and High School; the main points of difficulty for teachers were identified, the type of assistance they would need to effectively conduct remote emergency teaching, as well as what would be necessary for students to avoid dropping out and promote better teacher-student integration during social distancing. The study also listed the main technologies used by teachers during the pandemic, how teachers' work was affected, and how the relationship between teachers and students was established during the pandemic, including communication and/or dissemination resources, difficulties in accessing Communication and Information Technologies by the school community, and suggestions on how to prepare teachers, students, and other education professionals for possible similar scenarios in the future.

Keywords: Teaching methodologies; COVID-19; Public state schools; Content analysis; complex networks.

INDICADORES DE IMPACTOS

O trabalho investigou as principais estratégias e dificuldades enfrentadas por professores da educação básica durante a pandemia da COVID-19, sendo o recorte de docentes das escolas públicas da rede estadual de ensino de Lavras e Ijaci, MG das disciplinas de Ciências da Natureza

do Ensino Fundamental II e Ensino Médio; encontrou-se os principais pontos de dificuldade dos docentes, o tipo de auxílio que necessitariam para realizar um ensino emergencial remoto de maneira eficaz, bem como o que seria necessário aos discentes para evitar o abandono escolar e promover melhor integração professor-estudante durante o distanciamento social. O trabalho também elencou as principais tecnologias utilizadas pelos professores durante a pandemia, como o trabalho dos docentes foi afetado e como se estabeleceu a relação entre professores e estudantes durante a pandemia, quais recursos de comunicação e/ou divulgação, as dificuldades de acesso às Tecnologias da Comunicação e Informação por parte da comunidade escolar e elencou-se sugestões de como preparar docentes, discentes e outros profissionais da educação para possíveis cenários semelhantes no futuro.

IMPACT INDICATORS

The work investigated the main strategies and difficulties faced by elementary and high school teachers during the COVID-19 pandemic, focusing on teachers from public schools in the state education network of Lavras and Ijaci, MG, teaching Natural Sciences in Middle School and High School; the main points of difficulty for teachers were identified, the type of assistance they would need to effectively conduct remote emergency teaching, as well as what would be necessary for students to avoid dropping out and promote better teacher-student integration during social distancing. The study also listed the main technologies used by teachers during the pandemic, how teachers' work was affected, and how the relationship between teachers and students was established during the pandemic, including communication and/or dissemination resources, difficulties in accessing Communication and Information Technologies by the school community, and suggestions on how to prepare teachers, students, and other education professionals for possible similar scenarios in the future.

LISTA DE TABELAS

1.	Tabela 01: Resultados em porcentagem das perguntas 01 à 07 do questionário	33
2.	Tabela 02: categorias da pergunta 08 Durante as aulas remotas, qual foi a estratégia de ensino que mais utilizou	53
3.	Tabela 03: categorias da pergunta 09 Como seu trabalho foi afetado pela pandemia do COVID-19 e quais desafios precisou enfrentar	56
4.	Tabela 04: categorias da pergunta 09 / desafios relacionados aos estudantes	57
5.	Tabela 05: categorias da pergunta 09 com suas respectivas respostas/ desafios relacionados ao contexto afetada	58
6.	Tabela 06: categorias da pergunta 10 Como sua relação com os estudantes foi afetada ..	61
7.	Tabela 07: categorias da pergunta 11 O que seria necessário para melhorar o seu trabalho durante o ensino remoto	63
8.	Tabela 08: Relação professor-escola	67
9.	Tabela 09: Relação professor-alunos	70
10.	Tabela 10: Relação professor-metodologias	78
11.	Tabela 11: Relação professor-pessoal	84

LISTA DE IMAGENS

1.	Figura 01: Durante as aulas remotas, qual foi a estratégia de ensino que mais utilizou...	37
2.	Figura 02: Nuvem de palavras/Durante as aulas remotas, qual foi a estratégia de ensino que mais utilizou	38
3.	Figura 03: Como seu trabalho foi afetado pela pandemia do COVID-19 e quais desafios precisou enfrentar	39
4.	Figura 04: Nuvem de Palavras/Como seu trabalho foi afetado pela pandemia do COVID-19 e quais desafios precisou enfrentar	40
5.	Figura 05: Como sua relação com os estudantes foi afetada	41
6.	Figura 06: Nuvem de Palavras/Como sua relação com os estudantes foi afetada	42
7.	Figura 07: O que seria necessário para melhorar o seu trabalho durante o ensino remoto.	43
8.	Figura 08: Nuvem de Palavras/O que seria necessário para melhorar o seu trabalho durante o ensino remoto	44
9.	Figura 09: Durante as aulas remotas, qual foi a estratégia de ensino que mais utilizou, segunda análise	45
10.	Figura 10: Nuvem de palavras/Durante as aulas remotas, qual foi a estratégia de ensino que mais utilizou, segunda análise	46
11.	Figura 11: Como seu trabalho foi afetado pela pandemia do COVID-19 e quais desafios precisou enfrentar, segunda análise	47
12.	Figura 12: Nuvem de palavras/Como seu trabalho foi afetado pela pandemia do COVID-19 e quais desafios precisou enfrentar, segunda análise	48
13.	Figura 13: Como sua relação com os estudantes foi afetada, segunda análise	49
14.	Figura 14: Nuvem de palavras/Como sua relação com os estudantes foi afetada, segunda análise	50
15.	Figura 15: O que seria necessário para melhorar o seu trabalho durante o ensino remoto, segunda análise	51
16.	Figura 16: Nuvem de palavras/O que seria necessário para melhorar o seu trabalho durante o ensino remoto, segunda análise	52

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	13
2.	REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1.	O fenômeno educação	15
2.2.	Um breve panorama sobre a educação e a educação brasileira	16
2.3.	A Educação e a Pandemia do COVID-19, panorama e estratégias no Brasil	17
2.4.	A Educação e a Pandemia do COVID-19, um recorte internacional	20
3.	METODOLOGIA	23
3.1.	Métodos de produção de dados	23
3.2.	Métodos de análise de dados	25
3.2.1.	Análise de Conteúdo de Bardin	27
3.2.2.	Análise de Conteúdo e o uso de softwares	29
3.2.3.	Teoria dos Grafos, Redes Complexas e o uso do Iramuteq	30
3.2.4.	Uso do Iramuteq	32
4.	RESULTADOS E DISCUSSÃO	33
4.1.	Análise das perguntas objetivas	33
4.2.	Análise das perguntas discursivas	36
4.2.1.	Primeira Análise pelo Iramuteq	37
4.2.2.	Segunda Análise pelo Iramuteq	45
4.3.	Análise da entrevista	66
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
	REFERÊNCIAS	92
	ANEXO A - Respostas do questionário	96
	ANEXO B - Transcrição Da Entrevista	101
	ANEXO C - Produção do <i>corpus textual</i> e funcionamento do Iramuteq	115
	ANEXO D – Tabela de excertos e categorias sobre o questionário e a entrevista ...	116

1.INTRODUÇÃO

Um pouco sobre mim, me chamo Heitor Vieira Passos Vieira Passos, até o momento de publicação deste trabalho, tenho 26 Anos, nascido em 1997, Montes Claros, Minas Gerais, depois disso, passei por muitas cidades, Belo Horizonte, Betim, Vespasiano e por último, Ijaci; passei boa parte de minha infância e adolescência pulando de uma escola para outra, já que mudava de cidade com relativa frequência, não formei vínculos com outras pessoas e a escola para mim foi praticamente um inferno, muito bullying e racismo, mesmo em escolas particulares e os dias em casa não foram fáceis, precisei amadurecer rápido para entender o que se passava ao meu redor.

Nunca imaginei que entraria em uma faculdade, principalmente por estar me esforçando o mínimo possível dentro dos estudos, mas em 2015 realizei o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e consegui ingressar no Curso de Graduação em Ciências Biológicas Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Lavras (UFLA) em 2016, jamais cogitei ser professor, mas a biologia me fascinava e fascina até hoje, no entanto entre no Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) e por meio deste projeto tive maior contato com as escolas, conheci pessoas incríveis e, mesmo conhecendo os problemas da educação brasileira, optei por me fazer um professor, não só pelo curso, mas também por desejar voltar para a escola, um ambiente dinâmico e que desta vez, encontrei acolhimento, bem diferente do que vivenciei quando criança e adolescente.

Em 2020, perto de minhas últimas matérias para poder me formar, a COVID-19 apareceu com força total no Brasil, obrigando-nos a estudar os últimos semestres de forma remota, o que causou muitos atritos dentro da família, pois mesmo estudando em casa, os parentes não compreendiam que meu tempo era comprometido para com minha formação; depois de me graduar, pude atuar como professor, por pouco tempo e com turmas reduzidas, pois o vírus ainda pairava sobre nós, mas isso me fez refletir sobre como os educandos e os professores estariam enfrentando este cenário, eu era novo na carreira e pensei em conciliar uma pós graduação com meu emprego, o que me direcionou ao Programa de Pós Graduação em Educação Científica e Ambiental (PPGECA) da UFLA, culminando neste presente trabalho, que buscou compreender quais foram as estratégias de ensino e as dificuldades enfrentadas pelos professores.

A escola esteve presente em minha infância, em minha juventude e agora permeia meu dia a dia, uma vez que sou professor de ciências na rede pública de ensino municipal de Lavras, Minas Gerais, pelo menos durante este ano de 2024.

Ainda há questões as quais não contemplei em meu mestrado, o que me permite flertar com o doutorado, mas por hora, está é minha pequena contribuição ao conhecimento acadêmico voltado a investigar e compreender melhor o fenômeno que chamamos de educação.

2.REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. O fenômeno educação

O ser humano, semelhante a outros seres vivos, adapta o ambiente a suas necessidades existenciais, domesticando os ciclos de vida de animais, plantas e outros seres vivos que lhe tenham serventia, transforma as paisagens ao seu redor da forma que lhe for mais conveniente e benéfica a seus objetivos imediatos, no entanto, tal atividade é intermediada pelo trabalho, entendido como uma ação intencional, um exercício enquanto meio de se chegar a um fim, capaz de satisfazer as necessidades materiais e intelectuais do ser humano, mediado por etapas de planejamento e passando pelo processo criativo que lhe é próprio (SAVIANI, 2015).

Saviani (2015) aponta que antes de realizar/concretizar o trabalho, o ser humano necessita organizá-lo no campo das ideias, criando representações simbólicas de seus objetivos, de suas intenções e de seus saberes necessários à execução da tarefa, de tal maneira que outro fenômeno emerge: a Educação, uma vez que o autor afirma “Dizer, pois, que a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos significa afirmar que ela é, ao mesmo tempo, uma exigência de e para o processo de trabalho, bem como é, ela própria, um processo de trabalho.”(SAVIANI, 2015, P. 286).

O processo educativo em si preocupa-se com o conhecimento produzido e sistematizado ao longo da existência humana, entendido como cultura e culminando no fenômeno social intitulado “Escola”, cuja existência encontra sentido em seu papel de socializar o conhecimento sistematizado (SAVIANI, 2015).

Ressalta-se que, ao longo da história brasileira, o fenômeno social escola passou por inúmeras modificações, desde a época jesuítica, até a atualidade; no intuito de compreender tal fenômeno, Ribeiro (2001) aponta que, para além de estudar apenas a Instituição Escola, é necessário voltar a atenção para o entorno sócio-político do meio em que ela se insere e traçar,

concomitantemente, o caminho do fazer organizacional da sociedade brasileira em paralelo aos diferentes períodos da escola nacional.

Visto o dito acima, faz-se necessário destacar uma característica contraditória presente na escola, em que a instituição é capaz de agir como forma de manutenção do poder dos grupos dominantes ou atuar no rompimento de antigos paradigmas, uma vez que as forças contraditórias da sociedade tendem a aflorar nos âmbitos acadêmicos, simulando conflitos entre classes, de modo que as organizações sociais e monetárias atuam sobre o fazer da educação e vice e versa; sobre tal aspecto Ribeiro (2001) afirma: “Desta forma, a infraestrutura age sobre a superestrutura determinando mudanças correspondentes, e este age sobre aquele ao retardar ou acelerar o processo de mudança original”, no qual compreende-se a infraestrutura como a sociedade e a superestrutura como a organização escolar brasileira.

Em sua principal função, a escola deve atender a um determinado público e de forma eficiente, colocando em pauta a “*qualidade*” versus a “*quantidade de pessoas atendidas*”, sendo que o trabalho do professor e as teorias educacionais vigentes em cada período histórico acompanham as tendências do modelo econômico de forma a moldar os estudantes ao que se espera de sua atuação no mercado e atendendo aos interesses de um determinado grupo (RIBEIRO, 2001).

Tendo em mente tais parâmetros (“quantidade” e “qualidade”), é vital apontar que durante a década de 1960 houve um aumento significativo no número de pessoas matriculadas na rede de ensino pública e, apesar da melhora considerável dos indicadores da educação, a massificação do acesso ao ensino não foi acompanhada de investimentos que viabilizassem o trabalho docente, que por sua vez, ao longo dos anos seguintes, resultou na queda da qualidade do ensino público apesar da melhora dos índices educacionais, como por exemplo o número de pessoas alfabetizadas, mesmo considerando que uma significativa porção seja de analfabetos funcionais (KUPPER, 2020).

Kupper (2020) ainda afirma que para solucionar os problemas supracitados, é necessário um investimento massivo em políticas públicas, não voltadas apenas aos educandos, mas também aos docentes e suas condições trabalhistas, fornecendo remuneração digna e apostando na formação continuada desses profissionais, uma vez que os mesmos necessitam de atualizar seus conhecimentos e refletir sobre a práxis, além de carecer de recursos materiais para a seu ofício (infraestrutura tecnológica e básica, como número de edifícios, quantidade reduzida de educandos por sala de aula, acesso à materiais literários de qualidade).

Há ainda a necessidade de elucidar outra questão do século XXI dentro do ambiente educacional, devido às grandes transformações no âmbito tecnológico, apenas acumular informações já é algo trivial, visto a facilidade em se obter acesso às mesmas por meio das mídias digitais e das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), ferramentas facilitadoras da troca de informações entre os indivíduos e comunidades (KUPPER, 2020), mesmo que nem sempre a procedência do material seja confiável, o que exige do indivíduo interpretar criticamente os materiais aos quais tem acesso.

2.2. Um breve panorama sobre a educação e a educação brasileira

Segundo Sá e Neto (2016), a educação enfrenta profundos problemas desde a sua gênese, uma vez que a mesma é vista, desde a antiguidade, como uma questão vocacional ou de dom, descaracterizando e desvalorizando o preparo que é essencial ao ofício; os autores ainda apontam para o fato de que, dentro do imaginário coletivo ao passar dos séculos, qualquer pessoa com o mínimo conhecimento dentro de uma área é considerada apta a ensinar, com isso, desde o período colonial, onde os jesuítas encarregaram-se do ensino e catequização dos indígenas e de outros grupos étnicos, bastava saber ler e escrever para ser considerado professor.

Apesar dos estigmas sociais, ainda considera-se o ensino como ferramenta essencial para o desenvolvimento do trabalho (SAVIANI, 2015), no entanto, as diferentes organizações sociais sistematizaram a docência de acordo com suas necessidades emergentes de cada período (RIBEIRO, 2001), o que levou a organização da profissão docente a passar pela elaboração dos mais variados setores, como as instituições religiosas, as guildas do período medieval e da renascença, as organizações estatais e industriais (setor que necessitou de maior mão-de-obra durante a revolução industrial), sendo um fator que impediu os próprios docentes de estipularem as regras e condições de seu ofício (SÁ; NETO, 2016).

Destarte as modificações e avanços educacionais, as mudanças sempre passaram por um filtro externo à classe docente, sendo estas imposições e modificações ao trabalho que por vezes desuniram e descaracterizaram a imagem coletiva do que é ser um professor (ÍDEM, 2016).

Com base no supracitado, supõem-se que os professores enfrentam, atualmente, alguns dos mesmos problemas e desafios que os antigos docentes enfrentaram ao longo da história da educação (SÁ; NETO, 2016), passando pelo quadro de desvalorização monetário

(baixos salários), pouco investimento na infraestrutura das unidades escolares (KUPPER, 2020), desarticulação da categoria e falta de apoio social para com suas causas, bem como a culpabilização dos docente em relação às falhas educacionais, mesmo quando as demandas a serem resolvidas fogem ao poder de intervenção do professor (SÁ; NETO, 2016).

Ademais, há o fenômeno da sociedade da informação, onde o acesso às notícias e dados são mais aceleradas e facilitadas pelas TIC, na qual o professor deixa de ser apenas um agente de transmissão de conhecimentos e precisa assumir o papel de mediador entre as informações disponibilizadas pelas TIC e viabilizar o processo de reflexão e participação dos discente, contudo, as amarras burocráticas atuam como entraves às mudanças necessárias à contemporaneidade, realizando reformas que pouco auxiliam os docentes, pois as mesmas não sanam as demandas da categoria e focam, principalmente, nas capacidades técnicas e metodológicas do professor (ÍDEM, 2016) em detrimento de contextos mais complexos e urgentes que fogem ao poder do ambiente escolar.

Além do elucidado acima, também mostra-se vital ressaltar que as escolas brasileiras passaram, a partir da década de 1960 até o séc. XXI, por um processo de sucateamentos das instituições públicas, onde houve o aumento das vagas e das unidades de ensino, no entanto, o investimento financeiro não acompanhou o crescimento do público a se atender, o que abriu brechas para reformas neoliberais no ensino, reformas essas facilitadoras e fomentadoras do crescimento de instituições particulares de ensino (BITTAR; BITTAR, 2012).

Em adição às outras questões, o professor está cada vez mais sujeito a realização de trabalhos burocráticos, ofício esse que não lhe é cabido, cargas horárias desproporcionais a remuneração, levando o profissional a trabalhar em várias instituições de ensino, além da atribuição de disciplinas as quais o docente não possui domínio devido a sua formação acadêmica e rotatividade de instituições ao não estabelecer vínculos duradouros de emprego devido a contratos temporários, dentre outros desafios ao exercício da profissão docente (DE CASTRO NETA ET AL, 2020).

Outro ponto ressaltado por Silva (2019) está ligado ao movimento de “*Uberização*” das relações de trabalho no meio docente, ao apontar para a aparição de uma nova categoria de *trabalhador/prestador de serviços* que não possui vínculo empregatício com a instituição de ensino, tão pouco autonomia para exercer seu trabalho, atuando como um professor que substitui pontualmente as ausências de seus colegas, recebendo assim por aula dada, sem um expediente fixo de trabalho, sendo convocado apenas quando necessário, de modo que não possui os direitos legais de um trabalhador comum, sem pagamento pelas férias, pelo

descanso ou possibilidade de planos de carreira e crescimento profissional, além de atuar como um mero operador da instituição, onde ministra mecanicamente as aulas, sem o tempo de preparo necessário ao conteúdo para a efetiva aprendizagem dos estudantes.

Tal acontecimento, elevou a disparidade educacional entre as escolas públicas e particulares, uma vez que as unidades particulares de ensino dispunham de recursos orçamentários e infra estruturais superiores aos destinados às escolas públicas, tanto na educação básica, quanto no ensino superior, o que permitiu às escolas particulares avançarem a partir do modelo neoliberal de ensino (ÍDEM, 2012).

2.3. A Educação e a Pandemia do COVID-19, panorama e estratégias no Brasil

No ano de 2020, a pandemia do Covid-19 apresentou à comunidade escolar novos obstáculos a se enfrentar, pois alterou completamente a realidade das escolas e levou o ensino que tradicionalmente ocorre dentro das salas de aula para o ambiente doméstico dos estudantes, isso resultou na implementação de novas estratégias emergenciais de ensino e aprendizagem, com o objetivo de minimizar os possíveis prejuízos ao progresso educacional dos estudantes (SARAIVA; TRAVESSANI; LOCKMANN, 2020).

De acordo com Saraiva, Trevisini & Lockmann (2020), o ensino remoto emergencial (ERE) adotado pelas escolas mostrou-se como um agravante das desigualdades sociais e educacionais já apresentadas dentro do Brasil, uma vez que escolas com maiores recursos financeiros obtiveram maior êxito na transposição das aulas para o ambiente doméstico, com grande ênfase nas escolas particulares da país, visto que possuem maior acesso a recursos tecnológicos e atendem um público com maiores privilégios, o que possibilitou ambientes de ensino mais silenciosos e eficientes aos educandos.

Sobre o ensino remoto, é correto afirmar que:

“Uma aula remota resume-se em apenas uma “transferência” da maneira como o conteúdo e o modo de condução, para uma plataforma on-line de atividades e/ou vídeo. Uma Educação a Distância (EaD) tem todo o seu planejamento e a sua metodologia construída para serem a distância e, principalmente, com um preparo técnico e metodológico do educador e da equipe de apoio, tudo estruturado para garantir o aprendizado à distância.” (OSTEMBERG; CARRARO; SANTOS, 2021, p. 6).

Os autores ainda apontam que tal mudança gerou sobrecarga aos docentes perante a necessidade de rápida adaptação ao novo contexto e a urgência em aprender a manusear

equipamentos e aplicativos não convencionais à educação básica (OSTEMBERG; CARRARO; SANTOS, 2021).

A sobrecarga não ficou apenas com os docentes, mas também se fez presente ao cotidiano dos responsáveis pelo educando, visto que os mesmos assumiram maior papel dentro das atividades escolares, incumbindo-se de monitorar os estudantes durante as aulas, já que estava em casa, e de outros encargos, com o ocupar-se com as responsabilidades técnicas relacionadas às TIC (RODRIGUES; CORREIA; MARTINS, 2021).

Segundo Novaes et al (2020), as escolas, em geral públicas, mantiveram-se atentas em repassar o material aos educandos de forma digital e por meio de mídias sociais, espaços virtuais aos quais os estudantes possuem maior acesso e melhor domínio de suas funcionalidades, seguido de outras estratégias, como por exemplo vídeo aulas, a disponibilização de material didático em plataformas ou sites e, também, o envio de atividades impressas para a sua realização.

As escolas públicas, em especial as escolas estaduais, utilizaram os materiais disponibilizados de forma online, em contraste com as escolas particulares, que, além da presença nas redes sociais, lançaram mão de vídeo aulas e transmissões ao vivo em peso como forma de contornar o distanciamento social, reforçando as disparidades sociais e econômicas entre os de público-alvo das escolas (NOVAES; ET AL, 2020).

Contudo, alguns dos professores perceberam que apenas uma pequena parcela dos estudantes consegue realmente concluir as atividades e abstrair algum aprendizado significativo (NOVAES; ET AL, 2020).

Ainda em relação aos problemas socioeconômicos dos lares brasileiros, Ostemberg, Simpioni e Santos (2021), apontam para o cenário de que grande parte dos lares brasileiros de baixa renda não possuem acesso à internet de maneira regular ou estável e quando possuem, há carência de recursos para a obtenção de aparelhos como computadores desktop e laptops; os mesmos autores também reconhecem que há uma significativa preocupação dos docentes sobre a relação com os estudantes, uma vez que o distanciamento físico também dificultou o contato e a interação aluno-professor, o que levou professores a se empenharem em pensar diferentes estratégias para tentar prender a atenção dos educandos (ÍDEM, 2021).

Vale ressaltar que, mesmo com tais desafios elucidados e conhecidos pela comunidade escolar e por parte dos políticos envolvidos no planejamento do Ensino Remoto Emergencial (ERE), Souza e Neto (2023) apontam para a adesão massiva de aplicativos de videoconferência, plataformas de distribuição e transmissão de vídeos, como o Youtube, além

do uso de ambientes virtuais de aprendizagem que necessitavam de maior poder de processamento dos aparelhos eletrônicos ou consumiam em pouco tempo a internet móvel disponível.

Da Silva et al (2021) ressalta os desafios da educação remota que se dá no ambiente doméstico apresenta múltiplos obstáculos para além dos equipamentos eletrônicos, a começar pelas distrações que o local proporciona ao educando e a necessidade de maior envolvimento dos cuidadores e pais, além da diminuição do contato social, fator primordial à consolidação do aprendizado, contudo, a educação remota também trouxe possibilidades de reflexão sobre o papel do docente, visto que diante da sociedade da informação, o professor tem papel de facilitador de trocas de informações, pois os dados relacionados aos conteúdos programáticos já estão disponíveis na web, portanto, o educador deve focar em estratégias multimodais (quando o educando possuir acesso às tecnologias da informação) que permitam a participação ativa dos alunos, aproveitar os ambientes virtuais, como Instagram, whatsapp, Facebook, e TikTok que estão inclusos em pacotes de dados móveis (RESENDE, 2023), para dinamizar a entrega de tarefas e motivar os educandos.

Contudo, Da Silva et al (2021) também elucida que a pandemia trouxe profundas preocupações quanto a aprendizagem das classes menos favorecidas, devido ao fator de dificuldade de acesso às TIC e ao acesso a internet, nesse sentido, os autores apontam que há a necessidade de políticas públicas que possam suprir essas demandas, disponibilizando para os grupos mais vulneráveis equipamentos e suporte técnico, além da capacitação, não apenas dos docentes, mas também dos pais e cuidadores, dos educandos e de toda a comunidade escolar, para assim preparar a comunidade caso ocorra outro cenário como o da COVID-19 e quebrar com o ciclo de desigualdades e injustiças perpetrados ao longo dos anos.

Olhar para o ensino remoto não é apenas um exercício de compreender os danos, mas também é perceber que há possibilidades de implementar as mudanças no contexto educacional de forma positiva e aprimorar o ambiente acadêmico, além de abrir margem para o combate a problemas sistêmicos da sociedade, elucidar as demandas do público-alvo das escolas públicas e sanar, dentro do possível e do necessário, suas necessidades.

2.4.A Educação e a Pandemia do COVID-19, um recorte internacional

Anthony Jr. e Noel (2021) apontam que a pandemia do COVID-19, em sua repercussão geral, afetou os países e os setores educacionais dos mesmo de diversas formas,

transpondo o ensino presencial para o ensino remoto de maneira tal que cada país adotou uma forma de continuar o processo educativo de forma remota como tentativa de minimizar as perdas ou prejuízos educacionais; de acordo com os contextos de cada região, adotou-se uma gama de metodologias de ensino, desde a transmissão de aulas via Televisores, até a disponibilização de material didático em plataformas digitais, no entanto, algumas constantes no tocante à transposição didática para o ambiente doméstico se mantiveram presentes globalmente.

Plataformas digitais de videoconferências, como o Google Meet e o Youtube, tiveram um aumento significativo de seus usos mundialmente, transpondo a aula expositiva que aconteceria em sala de aula para o ambiente virtual, além da adoção de plataformas digitais já elaboradas por empresas privadas, como o Pacote G Suit do Google e o Microsoft Teams e, ocasionalmente, lançando mão de simulações para a visualização da teoria transmitida aos educandos (ANTHONY JR.; NOEL, 2021).

Segundo Anthony Jr. e Noel (2021), as medidas educacionais adotadas pelos governantes e pelas entidades relacionadas à saúde pública obtiveram êxito em frear a disseminação do vírus, no entanto pecaram em três requisitos vitais, primeiro, não forneceram o devido apoio teórico-metodológico aos profissionais da educação e aos educandos, segundo, não ofereceram suporte financeiro tanto aos professores quanto aos estudantes e integrantes da comunidade escolar com vulnerabilidade socioeconômica e por último, não consideraram o tempo necessário ao preparo para a transposição do ensino presencial para o ensino remoto, ignorando teorias pedagógicas referentes ao ensino à distância que ofereceriam suporte e efetividade ao ensino remoto emergência (em inglês Emergency Remote Teaching ou ERT); como consequência do apontado anteriormente, infestou-se a educação global pro estratégias de “sobrevivência pedagógica” improvisação, quando o foco mundial deveria alocar esforços na resolução coletiva dos desafios apresentados, tais como o distanciamento social, a acessibilidade às tecnologias de informação e comunicação e o amparo financeiro e sanitário das comunidades vulneráveis.

De acordo com a UNESCO (2020), os professores da América Latina sofreram severamente com o COVID-19, grande parte das escolas foram fechadas, com a adoção de plataformas digitais para manter as aulas e evitar perdas significativas no aprendizado, porém, segundo o mesmo levantamento, uma parcela dos professores apresentaram dificuldades com tamanha mudança devido a falta de infraestrutura para professores e estudantes, a

infamiliaridade com os recursos disponíveis e o custo em atender estudantes em locais remotos/distantes.

Ainda em relação ao contexto da América Latina, Bracco et al (2022) aponta que houve uma queda substancial na participação dos estudantes mesmo com a tentativa de inovação digital e aulas em regime remoto, tanto em escolas públicas quanto em escolas particulares, o que levará a consequências de longo prazo, como o aumento da pobreza e da miséria, visto que a maior parte dos estudantes afetados pelo fechamento das escolas são indivíduos de baixa renda, o que pode ocasionar uma geração pouco qualificada para o mercado de trabalho, além de apontar que perdas educacionais durante as épocas de desenvolvimento corretas dos indivíduos são custosas em remediação, apontando para a necessidade de envolvimento dos Estados para a criação de políticas reparatórias.

A UNICEF e UNESCO (2021), apontam que dentro do continente asiático houve variedade de respostas ao COVID-19, com modelos de isolamento social baseados na forma como o vírus da influenza se dispersa no ambiente, o que levou a cenários distintos dentro das diferentes regiões do continente, sendo que o leste asiático retornou a aulas presenciais com escolas parcialmente fechadas, o sul apresentou o maior número de escolas fechadas e por mais tempo, contabilizando maior perda do período letivo, mas os prejuízos para os educandos foram para além do conteúdo, abarcando principalmente ao desenvolvimento de habilidades para crianças e jovens com deficiência e assistência social para os indivíduos em vulnerabilidade social.

No entanto, também houveram respostas positivas dentro do cenário de reestruturação da educação asiática, contando com iniciativas variadas de acordo com especificidades regionais de cada país, a exemplo da Coreia do Sul, que utilizou de sistemas de comunicação em massa para atender alunos com deficiência, a Indonésia disponibilizou materiais didáticos online para os estudantes com acesso às TIC e materiais impressos para aqueles em situação de vulnerabilidade, além de oferecer consultorias para as famílias dos estudantes nos procedimentos de distanciamento social e utilização dos recursos providenciados (UNICEF, 2021), além do Afeganistão, que contou com a colaboração da comunidade como um todo para a distribuição de materiais impressos voltados a diferentes faixas etárias e facilitadoras para os estudos independentes e em família, recebendo amplo apoio da população durante tal etapa da pandemia, para mais, outros países adotaram uma série de instruções voltadas para professores e para a comunidade no intuito de preservar tanto a saúde física e mental de todos

como a aprendizagem efetiva, com foco em treinamento na utilização de tecnologias de baixo custo ou nenhum custo para ambas as partes participantes.

Com tudo isso, este trabalho visou compreender como a COVID-19 afetou o trabalho dos professores, não apenas no âmbito relacionado às dificuldades enfrentadas pelos docentes, mas como as aulas online impactaram em sua interação com os educandos, quais estratégias de ensino utilizaram, quais desafios precisaram superar e quais auxílios foram necessários durante o Ensino Remoto Emergencial.

3. METODOLOGIA

3.1. Métodos de produção de dados

Para este projeto utilizou-se tanto a metodologia qualitativa quanto a quantitativa, visto que a abordagem quantitativa se preocupa em primeiro lugar com a análise de dados matemáticos concretos, útil ao se investigar a frequência dos principais métodos de ensino durante as aulas remotas, levantar dados quanto a idade dos professores, há quantos anos formou-se como professor, o tempo de carreira como docente e em específico há quanto tempo trabalha nas Escolas Estaduais; a abordagem qualitativa permite analisar o campo subjetivo das interações sociais, possibilita a análise de interações dentro do fenômeno social escola que nem sempre podem ser quantificadas em números ou variáveis (MINAYO, 1998).

A pesquisa teve amplo foco nos relatos dos professores, apesar de ser uma pesquisa que busca tanto os aspectos quantitativos quanto os qualitativos, com ênfase na análise qualitativa de suas respostas, em busca de extrair significados de perguntas abertas e discursivas, mas usou as respostas das perguntas fechadas, que funcionaram como uma caracterização do público participante, para montar um escopo dos voluntários e apreender dados matemáticos sobre o tempo de atuação docente, de formação e a faixa etária dos participantes, bem como outras variáveis a serem exploradas posteriormente (MINAYO, 1998).

O público-alvo da pesquisa concentrou-se em professores de Ciências, Biologia, Química e Física das Escolas: Escola Estadual Azarias Ribeiro, situada em Lavras/MG, com um grupo de 10 professores e professoras de Química, Física, Biologia e Ciências das escolas Escola Estadual Azarias Ribeiro, Escola Estadual Firmino Costa e Escola Estadual Maurício Zákha.

Utilizou-se o Google formulários para a produção de dados, onde todos os voluntários responderam a um questionário com perguntas objetivas e perguntas abertas em relação a sua formação acadêmica e sua atuação como professores nas Escolas Estaduais, Escola Estadual Azarias Ribeiro, Escola Estadual Firmino Costa e Escola Estadual Maurício Zákia. O questionário foi aplicado em agosto de 2022, durante o retorno às aulas presenciais das Escolas Estaduais de Minas Gerais (DE AMORIM; COSTA, 2022). A seguir, encontram-se as perguntas a se utilizar no questionário: 01) Qual a sua formação? 02) Em que ano se graduou? 03) Quantos anos você tem? 04) A quanto tempo trabalha como professor? 05) Há quanto tempo trabalha na rede pública de ensino? 06) Qual a sua cidade de origem? 07) Em quantas escolas da Rede Pública de Ensino você trabalha atualmente? 08) Durante as aulas remotas, qual foi a estratégia de ensino que mais utilizou? 09) Como seu trabalho foi afetado pela pandemia do COVID-19 e quais desafios precisou enfrentar? 10) Como sua relação com os estudantes foi afetada? 11) O que seria necessário para melhorar o seu trabalho durante o ensino remoto?

Um dos professores disponibilizou-se para participar de uma etapa subsequente, uma entrevista semiestruturada via Google Meet, realizada em dezembro de 2022 durante o fim do primeiro ano de retorno ao ensino presencial (DE AMORIM; COSTA, 2022), para aprofundar nos temas abordados anteriormente pelo questionário, as questões guias listadas a seguir:

1. Nome
2. Idade
3. Cidade de origem
4. O que o motivou a mudar-se para lavras?
5. A quanto tempo mora na região?
6. Possui família por perto?
7. Em que instituição fez sua graduação?
8. O que o motivou a entrar para esse curso?
9. Qual sua área de pesquisa acadêmica?
10. O que te levou a trabalhar como professor?
11. O que pode nos dizer sobre o trabalho de um professor do estado?
12. Em relação a pandemia do covid-19, como ficou sabendo da situação de isolamento social?
13. Qual foi sua reação ao saber do isolamento e do trabalho remoto?
14. Em relação ao seu ambiente doméstico, como seu cotidiano foi afetado?

15. Como o trabalho remoto afetou as relações dentro do seu lar?
16. O que precisou aprender para as aulas remotas?
17. Quais técnicas de ensino utilizou durante e após as aulas remotas?
18. Como incorporou os recursos tecnológicos a suas aulas?
19. Qual foi a principal dificuldade em incorporar as tecnologias da informação a suas aulas?
20. Como os alunos receberam a mudança de ambiente de estudo?
21. Como você recebeu a mudança de ambiente de ensino?
22. Como se preparava para as aulas remotas?
23. Como foi a transição do ensino remoto para o presencial?
24. A escola teve um período de ensino híbrido?
25. Você incorporou algum aprendizado da pandemia em suas aulas presenciais?

A fim de manter o anonimato dos professores e escolas participantes, todos os indivíduos envolvidos na pesquisa serão identificados por combinações alfanuméricas durante a produção e análise de dados.

3.2. Métodos de análise de dados

Utilizou-se a análise de conteúdo para então mapear os dados produzidos e categorizar de acordo com as similaridades apresentadas nas respostas do mesmo, para enfim proceder a análise das informações de acordo com autores que investigam o campo de trabalho docente e que tenham a contribuir com a temática discutida (MINAYO, 1998; SILVA; FOSSÁ, 2015).

Segundo Silva e Fossá (2015):

“A análise de conteúdo é uma técnica de análise das comunicações, que irá analisar o que foi dito nas entrevistas ou observado pelo pesquisador. Na análise do material, busca-se classificá-los em temas ou categorias que auxiliam na compreensão do que está por trás dos discursos.”

Dito isso, os autores afirmam que a análise de conteúdo apresenta caráter descritivo, onde o pesquisador ao separar e categorizar os dados, ele também desprender esforços no que diz respeito a descrever e definir o fenômeno observado durante a coleta e análise de dados, de modo a caracterizar as propriedades do caso (SILVA; FOSSÁ, 2015).

As respostas dos professores quanto às perguntas abertas (números 8,9,10 e 11) e também a entrevista foram analisadas pelo método de Análise Categorical, segundo Bartelmebs (2013), a Análise Categorical apresenta-se como uma operação matemática de

agrupamento para permitir que o pesquisador vá além da mera descrição dos componentes das respostas, portanto as categorias produzidas para a questão 8 buscam compreender quantitativamente quais as metodologias utilizadas pelos professores durante as aulas remotas, descrevendo as estratégias que os mesmos empregaram e discursando acerca dos contextos que levaram-nos à tomada de decisão para o uso destas metodologias, bem como considerando os dados apresentados nas questões anteriores como informações estruturantes das respostas, com o auxílio do software *Iramuteq*, que quantificou e qualificou as palavras que aparecem em cada resposta e criou um gráfico mostrando a forma como se relacionam, frequências em que aparecem no *corpus textual*, proximidade com a qual um termo surge junto a outro, dentre outras informações quantitativas auxiliares ao passo seguinte, a análise de conteúdo (BESSA et al, 2010; CAMARGO; JUSTO, 2013).

As análises realizadas por meio do software *Iramuteq* concentraram-se na quantificação e proximidade das palavras, como forma de classificar quantitativamente e qualitativamente as mesmas de acordo com suas frequências e inter-relações (CAMARGO; JUSTO, 2013); o software não emite juízo de valor acerca do *corpus textual*, mas sim agrupa as palavras por proximidade textual e frequência. O *Iramuteq* foi utilizado na parte de pré-análise de dados, como auxílio visual para a categorização dos dados levantados pelo questionário, de modo a mostrar possíveis agrupamentos de forma visual.

As categorias para a questão 9 empregam um esforço de compreensão do contexto escolar frente ao COVID-19, como foco em elencar os desafios enfrentados pelos professores, sendo eles de natureza social, econômica ou tecnológica, sem fazer discriminações e abarcando tudo o que for possível extrair de seus discursos.

A questão 10 procura aprofundar em uma das dificuldades assumidas previamente pelo pesquisador como algo existente, a relação professor/estudante, que, devido ao fato mudança do regime presencial para o, pressupõe-se comprometida frente ao distanciamento social, e o intuito era observar se essa hipótese se confirmava com o grupo investigado.

Para analisar a entrevista, também se utilizou a análise categorial de Bardin, sendo que se contabilizou quatro áreas principais, podendo haver repetição de falas, devido a uma resposta apresentar tanto uma questão abordada quanto outra ao mesmo tempo, ou ser necessário manter o recorte da resposta inteiro para preservar a contextualização.

As quatro áreas são Relação professor-escola, Relação professor-aluno, Relação professor-metodologias e Relação professor-pessoal; a primeira categoria descreve como o professor atuou e se relacionou com o ambiente escolar de modo integral, a segunda categoria

ocupa-se com a relação professor-aluno, bem como proximidade, metodologias de ensino e desafios enfrentados a partir do vínculo estabelecido com os estudantes, a terceira contempla apenas as metodologias utilizadas pelo professor durante o ERE e durante o ensino híbrido, já a última categoria envolve apenas as motivações pessoais do professor, tanto para o curso em que se graduou, quanto para a carreira em que atua.

Não se utilizou todas as perguntas guias durante a entrevista, uma vez que o entrevistado abordou as questões espontaneamente.

3.2.1. Análise de Conteúdo de Bardin

Para Bardin (1977), a Análise de Conteúdo (AC) apresenta-se como uma técnica de interpretação de dados textuais, verbais ou não verbais, entrevistas, dentre outros documentos produzidos pelo ser humano ao longo de sua história, com o objetivo de compreender as nuances destas produções, suas tendências, seus enunciados e mensagens subjetivas que passam despercebidos ao apenas olhar pela lógica quantitativa, por conseguinte também se utiliza das análises qualitativas, sendo que ambas não se apresentam como mutuamente excludentes, mas como etapas complementares da AC.

A AC apresenta múltiplas técnicas para sua execução, cada qual com seu objetivo que podem ser selecionadas em conformidade com as necessidades e exigências dos trabalhos desenvolvidos (BARDIN, 1977); anterior a sua codificação, a humanidade desenvolveu táticas interpretativas que mais tarde incorporaram-se à AC, como a exemplo das interpretações de sonhos e de visões em rituais tribais, ações que por sua vez buscavam mensagens ocultas ou subjetivas dentro da psique humana em consonância com suas crenças, sejam elas religiosas ou políticas e dentro de seus respectivos recortes históricos sociais (IDEM, 1977).

Outro exemplo de técnicas interpretativas predecessoras da AC que a autora nos traz, está dentro do contexto religioso cristão, referente a leitura e interpretação dos textos que compõem as versões da Bíblia Sagrada, um conjunto literário que regra as mais variadas vertentes do cristianismo (católicos e protestante, sumariamente), Bardin (1977) aponta que os estudiosos liam os escritos e categorizaram os fragmentos de texto em busca de pistas ocultas sobre a obra divina, a exemplo a data de criação do universo e o dia do juízo final (esses exemplos são divagações do autor desta dissertação).

Ainda não distante do contexto religioso cristão, a autora aponta que a prensa se consagrou como um dos maiores inventos para a continuidade da interpretação qualitativa e quantitativa dessas obras ao passo que viabilizou a sua produção em massa e a sua distribuição em múltiplos idiomas, de modo a reduzir a mão de obra necessária para se realizar uma cópia do livro, bem como o tempo gasto com a sua produção (BARDIN, 1977).

Referente ao início da sistematização da AC enquanto um método, Costa e Amado apontam:

“Mas a história da Análise de Conteúdo, como método científico, portanto sujeita a procedimentos controlados e sistemáticos, remonta aos tempos da 1ª Grande Guerra, como instrumento para o estudo da propaganda política difundida nos meios de comunicação, tendo como principal referência dessa época a obra de Harold Lasswell, *Propaganda in the World War*, de 1927.” (COSTA; AMADO, 2018).

Bardin (1977) elucida sobre sua utilização dentro da 2ª Guerra mundial, onde os jornalistas americanos ocuparam-se em examinar os textos veiculados da época em busca de compreender se propagandas nazistas permeiam os escritos e as ilustrações.

Pode-se dizer sobre a AC enquanto técnica:

“O que se pretende com esta técnica, em termos genéricos, é ‘arrumar’ num conjunto organizado, sistemático, tanto quanto possível quantificado, de categorias de significação o ‘conteúdo manifesto’ dos mais diversos tipos de comunicações, de modo a poder interpretá-los tendo em conta os fatores diversos que levaram à sua produção.” (COSTA; AMADO, 2018).

Portanto, posteriormente as grandes guerras mundiais, a AC obteve adesão por outros campos das ciências humanas, a exemplo antropologia, da psicologia, da história, dentre outros, tendo foco maior em análises frequências e categoriais (COSTAS; AMADO, 2018), usando das mais variadas formas de codificar e decodificar os textos, sendo elas Análise de discurso, Análise Categorical, Análise de Enunciação, e Análise das relações (que possui dois enfoques, a Análise de Similitude ou co-ocorrência e a Análise Estrutural), todas enunciadas por Bardin (1977).

Um dos focos deste trabalho está na análise de Similitude, que segundo a autora, define-se como:

“A análise das co-ocorrências procura extrair do texto as relações entre os elementos da mensagem, ou mais exactamente, dedica-se a assinalar as presenças simultâneas (co-ocorrência ou relação de associação) de dois ou mais elementos na mesma unidade de contexto, isto é, num fragmento de mensagem previamente definido. (BARDIN, 1977, p.198)”

Para tal tarefa, utilizou-se o software gratuito Iramuteq para construir as categorias de análise; a Análise de similitude lança mão da teoria dos grafos para construir uma rede de relações entre os parâmetros analisados, no caso deste trabalho, os parâmetros/variáveis são as palavras obtidas por intermédio do questionário aplicado aos participantes, sendo que se analisou cada pergunta de forma individual.

3.2.2. Análise de Conteúdo e o uso de softwares

A Análise de Conteúdo (AC) segundo Campos (2004) é tida como um conjunto de técnicas que permitem ao pesquisador extrair sentidos e significados de dados qualitativos a luz de um olhar multifacetado que busca atender a necessidade de compreender a “[...]à pluralidade de significados atribuídos ao produtor de tais dados, [...]” (CAMPOS, 2004), sem perder de vista o rigor quantitativo, na busca por significado dos “conteúdos manifestos” e as “mensagens implícitas” do enunciador, considerando a realidade objetiva do sujeito, bem como seu campo subjetivo (IDEM, 2004).

A AC também se apresenta como um método de tratamento e interpretação de dados por vezes subestimado visto a sua adaptabilidade aos diferentes contextos de pesquisa, o que leva certos setores da comunidade acadêmica a duvidarem de seu rigor como metodologia, no entanto Viegas e Borali (2022) apontam a AC como uma metodologia igualmente rigorosa como as metodologias adotadas em experimentações laboratoriais, possuindo etapas que asseguram a sua confiabilidade.

Das etapas, podemos considerar a produção de dados (sendo eles produzidos por meio de entrevistas, questionários, levantamento de outras pesquisas por meio de análises bibliográficas, dentre outros), o tratamento desses dados (partindo para a transcrição das entrevistas, houver entrevistas, a categorização e indexação dos dados produzidos), que os prepara para a etapa seguinte, a de análise (ÍDEM, 2022).

Por sua vez, a análise apresenta diversas metodologias que se *adequam* ao foco da *pesquisa*, podendo utilizar tanto de ferramentas qualitativas, quanto quantitativas, ressaltamos nesta secção a *Análise de Frequências* que ocupa-se com a contagem numérica (gera dados qualitativos e quantitativos) de componentes textuais, a *Análise de Valência*, que busca compreender o posicionamento de um indivíduo por meio das palavras por ele produzidas, vale destacar que a *Análise de Valência* lança mão ao procedimento de *Explicação*, que visa compreender e interpretar os significados emitidos pelos enunciados por meio da *Acreção* de referências pertinentes análise do componentes textuais; por último, ressalta-se a *Análise de*

Contingência, procedimento responsável por compreender a inter-relação dos componentes da AC, ou seja, os links que os mesmos criam entre si (IBIDEM,2022).

Frente ao tamanho que uma base de dados textual pode atingir, os softwares de Análise Textual apresentam-se como uma saída para pesquisas com excesso de textos a se analisar; os softwares possuem funcionalidade operacional auxiliar, obedecendo algoritmos definidos pelo pesquisador, de modo a agilizar a análise de *corpus textuais* e fornecer subsídio para a categorização do conteúdo pré e pós análise de dados pelo pesquisador.

Klamt e dos Santos (2021) apontam para a capacidade limitada do ser humano em lidar com corpos textuais dentro da AC, tomando como referência o método de Bardin (1977) que o divide em quatro etapas, a pré análise, codificação, inventário e classificação e por a análise com o uso de interpretações e atribuições de juízos de valor.

Os autores (KLAMT; DOS SANTOS 2021) demonstram que o uso de softwares de análise textual são de grande auxílio dentro da segunda etapa, codificação, permitindo a criação de categorias e indicadores de análise que permitem as etapas subsequentes, o grande diferencial do uso de programas para tal tarefa está quanto a sua capacidade de realizar o processo classificatório de maneiras diversificadas e com maior velocidade, visto que esta é a etapa mais trabalhosa ao pesquisador, principalmente se feito de forma manual.

Outro ponto de destaque é quanto ao volume de textos analisados, a capacidade limitada de uma pessoa não está só em perceber as inter-relações textuais, mas também no volume de dados que a mesma consegue analisar em um período limitado, os softwares apresentam a potencialidade de tratar uma base de dados mais expressiva em comparação a uma pessoa, no entanto, como já expresso em parágrafos anteriores, fica a cargo dos pesquisadores a atribuição de valores e a interpretação dos dados gerados.

Interpretar os indicadores gráficos e quantitativos é ofício do investigador, que o fará mediante seus problemas de pesquisa e respectivos referenciais teóricos apropriados para sua investigação (KLAMT; DOS SANTOS 2021).

3.2.3. Teoria dos Grafos, Redes Complexas e o uso do Iramuteq

A fim de elucidar de modo sucinto para este trabalho, podemos definir um grafo como uma representação matemática em um plano bi ou tridimensional composto por um conjunto arbitrário V , denominados de vértices, e um subconjunto A , denominado de arestas, sendo o grafo a formado pelo par (V,A) (FEOFILOFF; KOHAYAKAWA; WAKABAYASHI, 2005);

um vértice em V é denotado por uma letra minúscula ($v, w, x, \text{etc.}$) que representa pontas dos vértices no grafo e uma aresta que incide sobre um par de de pontas é escrita como (exemplo ilustrativo) $\{v, x\}$, onde pode-se afirmar que v e x são pontas **adjacentes** ou **vizinhas** (IDEM, 2005).

Partindo da teoria dos grafos, há um desdobramento matemático interdisciplinar chamado de Redes complexas, onde aplica-se dos conhecimentos acima citados para descrever e modelar redes de interações entre as arestas, podendo utilizar modelagem para descrever a interação entre indivíduos, organismos, células, propagação de doenças, dentre outros aspectos do mundo real, sendo que Metz et al (2007) afirmam que: “Uma rede é um grafo no qual há um conjunto de vértices (ou nós) e um conjunto de arestas (ou arcos) que conectam esses vértices. As arestas estabelecem algum tipo de relação entre dois vértices de acordo com o problema modelado.”

As modelagens por meio de Redes Complexas mostram-se eficazes à análise qualitativa de um texto ou produções escritas, como a transcrição de uma entrevista ou questionário, ao passo que apresenta suas propriedades emergentes e esquematiza as relações entre os componentes textuais, tais como palavras, pontuações, expressões, e fragmentos de textos (METZ; ET AL., 2007).

Com base nessas informações, pode-se afirmar que o *software* Iramuteq lança mão tanto da Teoria dos Grafos quanto da modelagem de Redes Complexas em suas análises estatísticas, em específico, na Análise de Similitude ou Co-ocorrência, onde o programa trata as palavras, pontuações, expressões, e fragmentos de textos selecionados pelo pesquisador como as pontas ($v, w, x, \text{etc.}$) do Vértice (V) do grafo e as co-ocorrências ou as associações destes elementos como as arestas ($A = \{v, x\}; \{v, w\}; \{...\}$) que unem e descrevem as relações e interações entre os vértices (CAMARGO, 2013), tal característica denota a possibilidade do uso deste *software* como uma ferramenta auxiliar à AC por meio do refinamento, tratamento e planificação dos dados em forma de um grafo, o qual permite ao pesquisador interpretar e categorizar os dados de modo a compreender suas propriedades emergentes e suas nuances, sendo que o programa poupa tempo e esforços do pesquisador na fase de tratamento de dados (BARDIN, 1977).

3.2.4. Uso do Iramuteq

Primeiramente, usou-se o *Iramuteq* para a parte de pré-análise, produzindo os seguintes grafos a respeito das perguntas discursivas, com isso elencou-se algumas categorias de análise *a posteriori*, no entanto o *software* apontou relações entre as palavras que compunham o texto que por si não expressavam unidades de sentido para aqueles que não tivessem acesso aos dados produzidos ou que não estivessem ligados ao processo de pesquisa, o que levou a dubiedade e conexões aparentemente aleatórias, porém as redes semânticas produzidas mostraram-se relevantes para montar as categorias de análise que aparecem na seção 3.2.2.

Como forma de refinar os dados, procedeu-se uma segunda análise por meio do *software*, conectando as palavras do corpus textual por meio do sinal “_”, de modo a produzirem expressões completas, como “aulas_e_encontros_pelo_meet”, o que levou a produção de grafos com unidades de análise mais isoladas entre si, como é percebido pelos grafos abaixo, onde as ilhas de expressões e informações não apresentam ocorrências devido ao uso do sinal “_”, indicando que o programa, ao separar as frases, não conseguiu reagrupar ou mapear as inter relações das respostas, pois entendia cada frase como sendo uma palavra completa, deste modo, mesmo que outra resposta apresentasse um sentido parecido, o *software* separava os enunciados em campos diferentes por compreender que tratavam-se de assuntos diferentes, como por exemplo excluindo a relação existente entre “meet” e “aulas_e_encontros_pelo_meet” (Figura 5), colocando as duas expressões em ilhas separadas.

A pré-análise envolve a organização e prepara os dados coletados para uma análise mais aprofundada *a posteriori*, identificando, categorizando preliminarmente os dados coletados e auxiliando a construção de um plano de análise, ou seja, prepara o pesquisador para compreender melhor as informações contidas no corpus textual utilizado (BARDIN, 1977), o que o *software* fez, recortou, reorganizou e auxiliou na construção de categorias por forma de construção de uma rede semântica (rede de palavras) que auxiliaram visualmente na compreensão entre as correlações das respostas entre os voluntários da pesquisa, de forma a trazer de modo mais simplificado os padrões e temas expressos nas respostas.

Para o auxílio da compreensão visual, utilizou-se o site “[Nuvem de Palavras – WordArt.com](http://Nuvem.de.Palavras.com)” para a criação de nuvens de palavras que demonstram os pontos centrais emergentes nas falas coletadas por meio do questionário.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Análise das perguntas objetivas

Analisou-se as sete primeiras perguntas por meio do Microsoft Excel e do Google Planilhas, para, então, produzir os gráficos a seguir, alguns dos quais são gerados automaticamente pelo Google Formulários ao se extrair as respostas dos participantes.

Tabela 01: Resultados em porcentagem das perguntas 01 à 07 do questionário

ÁREA DE FORMAÇÃO DOS DOCENTES	
Área de Formação	Percentual
Licenciatura em Ciências Biológicas	56%
Licenciatura em Química	22%
Licenciatura em Física	11%
Professor	11%
ANO DE GRADUAÇÃO DOS DOCENTES EM %	
Intervalo em anos	Percentual
Antes dos anos 2000	20%
Entre 2000 e 2010	67%
Após os anos 2010	13%
FAIXA ETÁRIA DOS PROFESSORES EM %	
Faixa etária	Percentual
Entre 20 e 30 anos	0%
Entre 30 e 40 anos	49%
Entre 40 e 50 anos	37%
Acima de 50 anos	14%
TEMPO DE TRABALHO COMO DOCENTE EM %	

Tempo de trabalho	Percentual
De 3 a 10 anos	24%
De 10 a 20 anos	60%
Mais de 20 anos	16%
TEMPO DE TRABALHO NA REDE PÚBLICA DE ENSINO ESTADUAL	
Tempo de trabalho	Percentual
De 3 a 10 anos	40%
De 10 a 15 anos	20%
De 15 a 20 anos	40%
Mais de 20 anos	0%
CIDADE DE ORIGEM DOS DOCENTES	
Cidade	Percentual
Bom Sucesso	30%
Belo Horizonte	10%
Contagem	10%
Lavras	10%
Santo Antônio do Grama	10%
São João Del Rei	20%
Ribeirão Vermelho	10%
NÚMERO DE ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS EM QUE TRABALHAM	
Número de escolas	Percentual
1 Escola	70%
2 Escolas	30%

Fonte: Do Autor

Percebe-se que todos os voluntários envolvidos na pesquisa são licenciados, uma vez que todos têm formação em licenciatura, apenas uma pequena parcela não informou qual das licenciaturas cursou durante a graduação.

Ressalta-se a importância de constatar que todos os envolvidos são licenciados, já que a rede estadual de Minas Gerais permite o exercício da profissão docente por meio da

emissão do CAT (Certificado de Autorização Temporária para Licenciar) mediante a falta de professores devidamente habilitados, ou seja, caso haja cargos vagos e nenhum professor os preencha, um profissional com CAT pode ocupar o cargo, mesmo que este não seja licenciado na área, ou esteja nos últimos períodos de graduação em licenciatura (SOUZA, 2016).

Vê-se que 67% dos professores graduaram-se entre os anos 2000 e 2010, sendo que apenas 13% graduaram-se após 2010 e 20% graduaram-se antes dos anos 2000, o que indica certo distanciamento entre as tecnologias de ensino acessíveis a cada grupo durante as suas graduações. A faixa etária dos participantes concentra-se acima dos 30 anos, sendo 49% dos mesmos adultos que estão entre 30 e 40 anos, 37% entre 40 e 50 anos e apenas 14% estão com idades acima dos 50 anos, índice que nos mostra, junto a outros dados, o tempo de serviço que eles têm dentro das escolas.

Percebe-se que 60% professores estão a mais de dez anos em sua profissão, 16% trabalham como docentes a mais de 20 anos e apenas 24% estão a pouco tempo como educadores, ocupando os cargos de 3 a 10 anos, o que pode indicar dificuldades em ingressar no mercado de trabalho docente e até relativa dificuldade, ou desinteresse em continuar atuando como educador devido às condições de trabalho e seus desafios já conhecidos antes da pandemia do COVID-19; 60% dos professores participantes da pesquisa trabalha a mais de dez anos nas escolas públicas, porém nenhum dos mesmos trabalha a mais de 20 anos. Com base no tempo de trabalho que eles possuem, é possível questionar quais as políticas de formação continuada implementadas dentro das escolas, qual preparação ou treinamento os mesmos receberam durante o tempo de trabalho para que possam se adequar à sociedade da informação, uma vez que o acesso à tecnologia é reconhecido internacionalmente pela ONU em 2011 como um direito do ser humano.

O que leva às seguintes reflexões, como o Estado assegurou esse direito dos educandos e dos professores? Como o Estado pretende abordar as TIC dentro das escolas, quais suas políticas e quais as suas formas de acessibilidade para o público? Houve ou haverá apoio financeiro aos estudantes e aos docentes para que eles tenham acesso garantido aos seus direitos? Os professores e os alunos serão letrados e familiarizados com as TIC para que possam desfrutar, futuramente, de seu papel como cidadãos frente a sociedade da informação, cada vez mais conectada e cada vez mais digital?

Grande parte dos professores não são de Lavras, vindo de outras regiões do estado de Minas Gerais, no entanto, Bom Sucesso e São João Del Rei são os municípios com maior número de migrantes para trabalhar em Lavras, uma cidade de importância regional para o sul

de Minas Gerais e com mais Escolas Estaduais em relação aos demais municípios, exceto Belo Horizonte e seu entorno; 70% dos docentes trabalham em uma escola e apenas 30% atua em duas escolas, sendo que nenhum dos participantes alegou lecionar em mais de duas instituições ao mesmo tempo.

Uma questão interessante a se perguntar aos docentes, esquecida de ser incluída no escopo do trabalho, é saber quantos cargos o professor trabalha dentro da escola, ou seja, levantar quantas horas/aula eles ministram nas instituições em que trabalham como forma de compreender por que parte trabalha em uma escola e parte trabalha em duas, uma sugestão para futuras investigações ou até mesmo para uma futura continuação deste mesmo projeto.

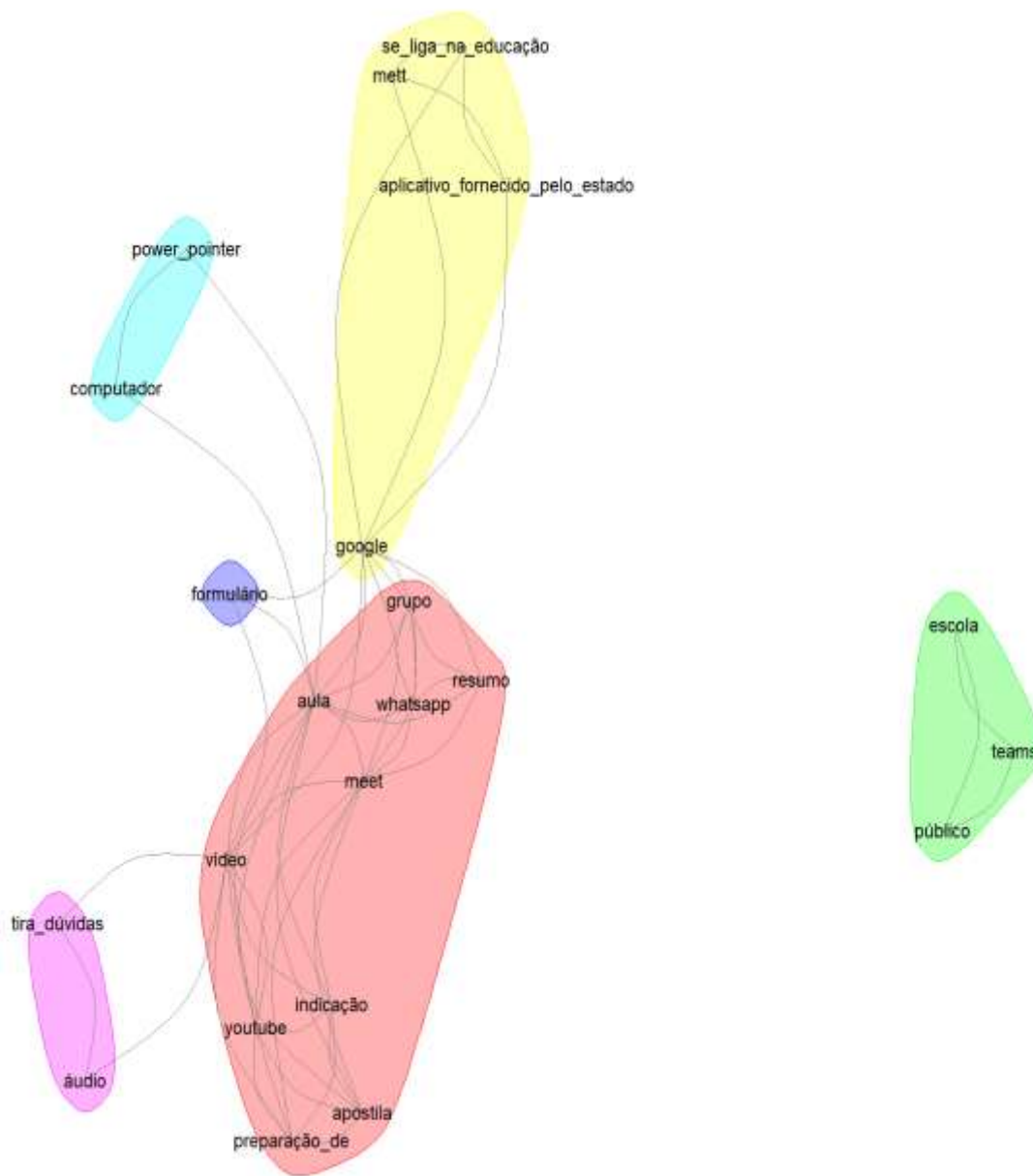
4.2. Análise das perguntas discursivas

Aqui analisou-se as perguntas discursivas do projeto, primeiramente se utilizou do *software* Iramuteq para realizar um compilado em forma de redes complexas, lançando mão da teoria dos grafos, para auxiliar na construção das categorias a se analisar posteriormente.

Ressalta-se que as redes de palavras apontadas pelo programa apresentaram as conexões entre os vocábulos, o que nem sempre expressava uma relação coesa entre as respostas dos participantes e os conteúdos expressos em suas afirmativas, o que levou a outra etapa de tratamento dos dados, onde as palavras foram agrupadas em unidades maiores com o uso do comando “_”, unindo uma palavra a outra e sinalizando ao programa que o conjunto de palavras pertencia a uma mesma unidade de sentido e de análise, abaixo há as redes semânticas propostas pela primeira análise do programa Iramuteq, separadas por pergunta, ressalta-se que analisou-se cada pergunta de forma individual, ou seja, cada pergunta compôs um *corpus textual* submetido ao tratamento de dados do Iramuteq.

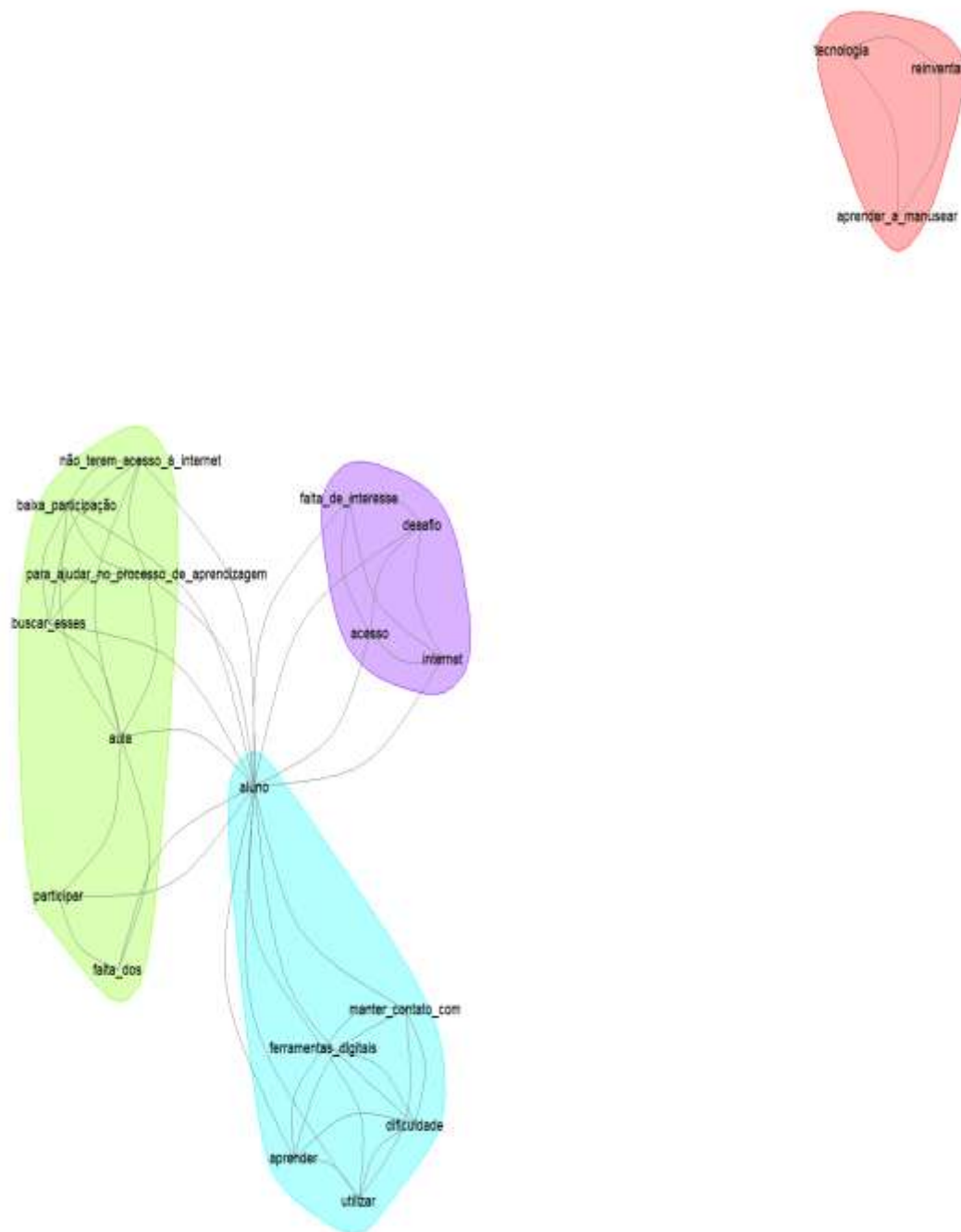
4.2.1.Primeira Análise pelo Iramuteq

Figura 01: Durante as aulas remotas, qual foi a estratégia de ensino que mais utilizou



Fonte: Do Autor

Figura 03: Como seu trabalho foi afetado pela pandemia do COVID-19 e quais desafios precisou enfrentar

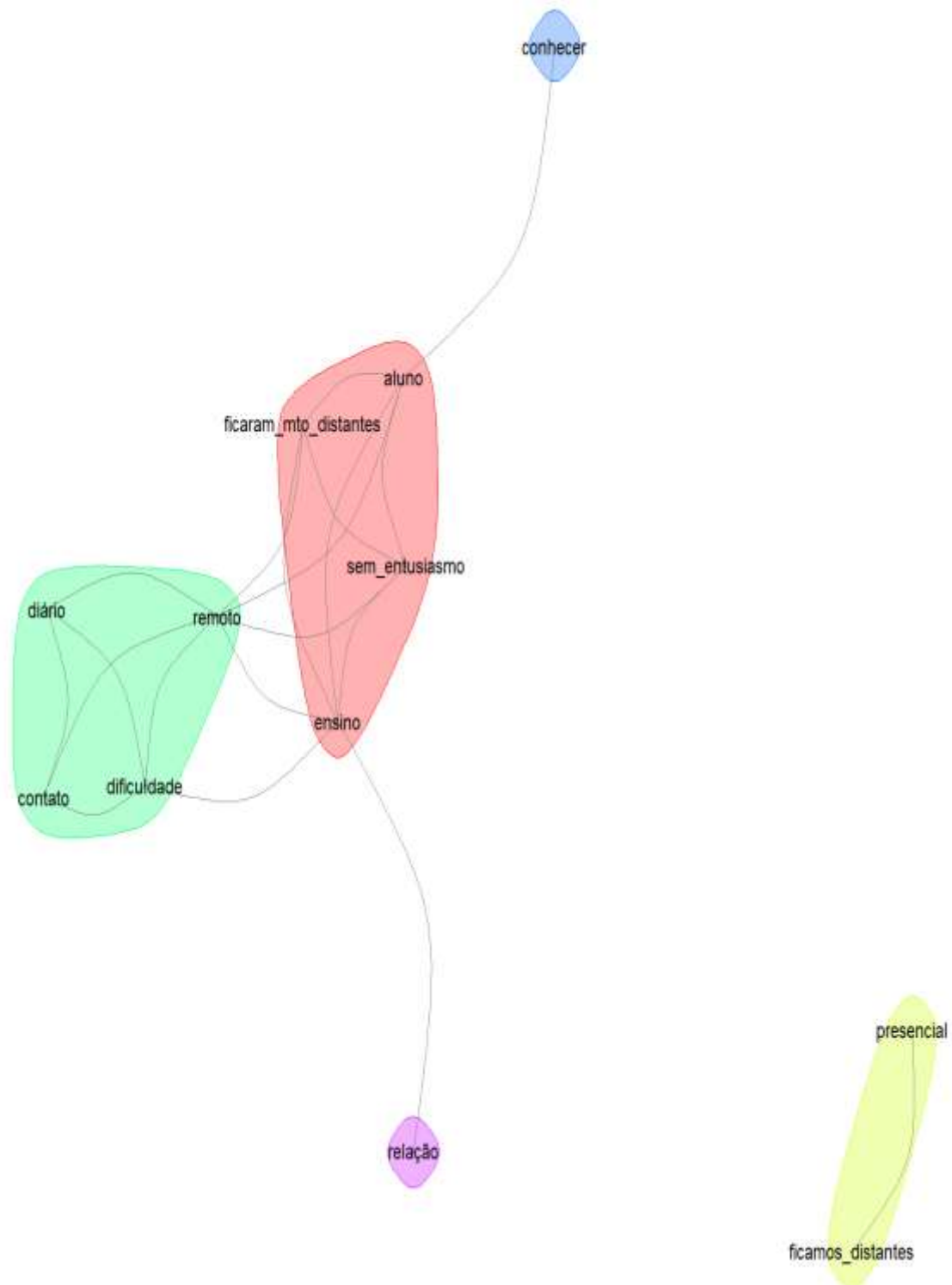


Fonte: Do Autor



Sobre os efeitos da pandemia sobre o trabalho dos professores e as dificuldades que enfrentaram, temos três grupos que estão unidas a uma questão central que são os “Alunos” e um grupo em separado que menciona apenas as questões tecnológicas.

Figura 05: Como sua relação com os estudantes foi afetada

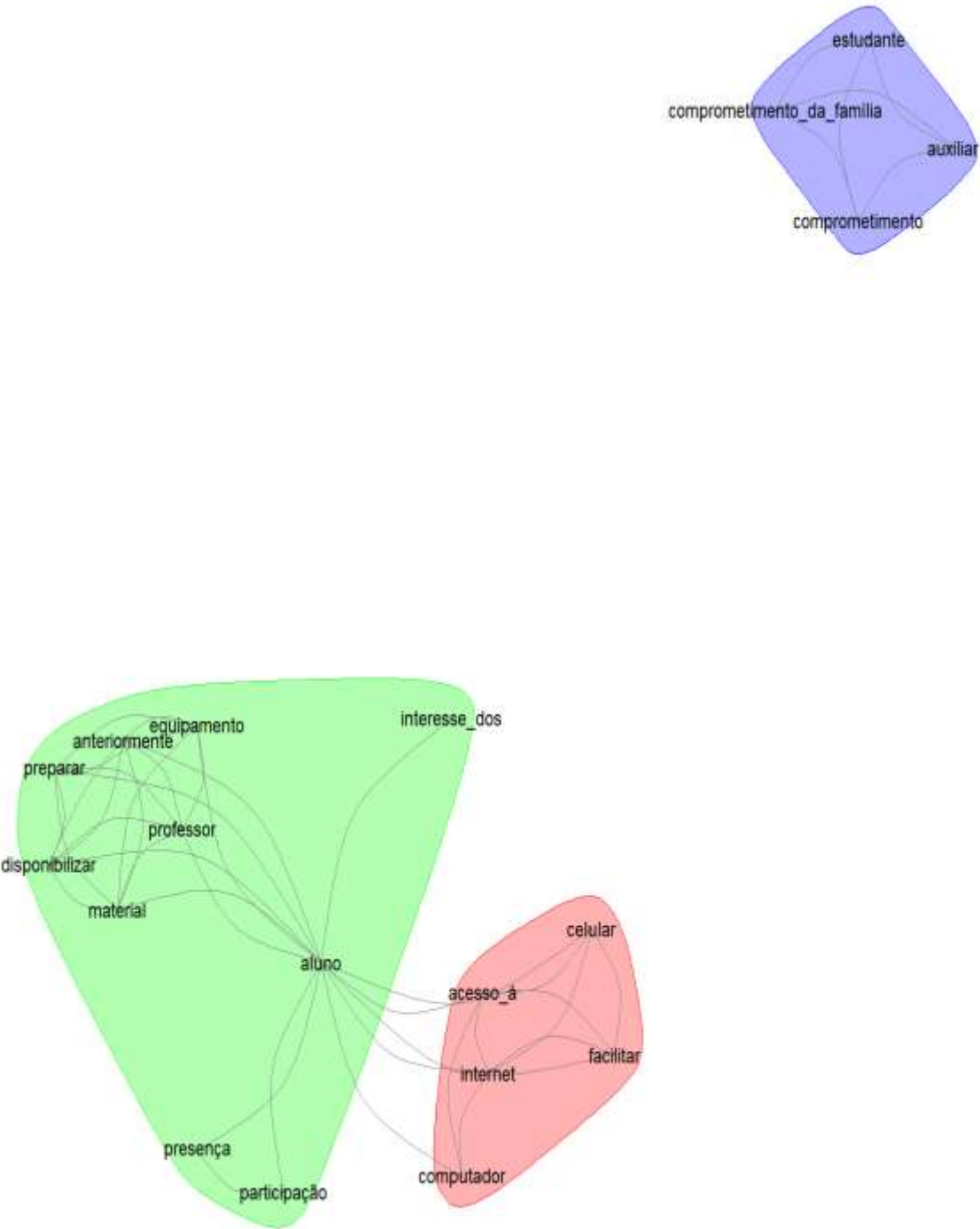


Fonte: Do Autor



Sobre a relação dos professores com os estudantes, temos quatro grupos, sendo apenas um em separado do restante, com as palavras “presencial” e “ficamos_distantes”, mas a nuvem de palavras aponta para a centralidade do termo “Alunos” nos outros três grupos.

Figura 07: O que seria necessário para melhorar o seu trabalho durante o ensino remoto



Fonte: Do Autor

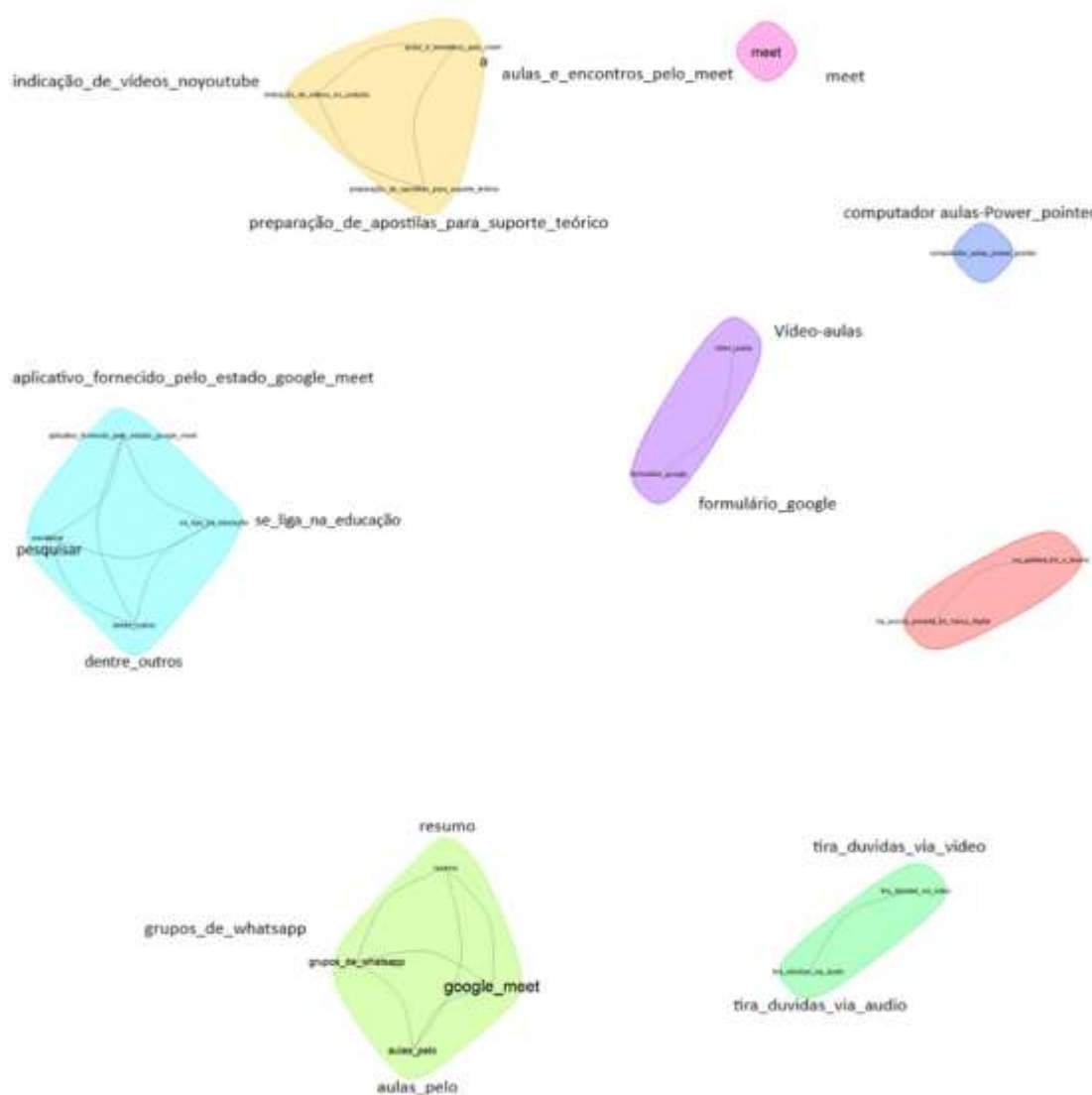


A última pergunta analisada pelo Iramuteq ainda mantém a centralidade nos alunos, demonstrando que eles necessitavam de maior auxílio durante a pandemia, também há a presença de um a parte dos outros, mas como usa o termo “estudantes” ao invés de “alunos”, ele foi alocado separadamente, porém, mantendo o sentido de que a questão está centralizada nos alunos.

4.2.2.Segunda Análise pelo Iramuteq

A segunda análise realizada dentro do Iramuteq teve por objetivo juntar os termos em expressões completas afim de criar unidades de sentido que expressassem melhor as relações semânticas, contudo, as redes previamente formadas foram rompidas, uma vez que o software não reconhece as palavras ligadas pelo comando “_” como palavras diferentes, mas sim tal qual um único termo, o que levou a construção das redes a seguir, juntas de suas nuvens de palavras.

Figura 09: Durante as aulas remotas, qual foi a estratégia de ensino que mais utilizou, segunda análise

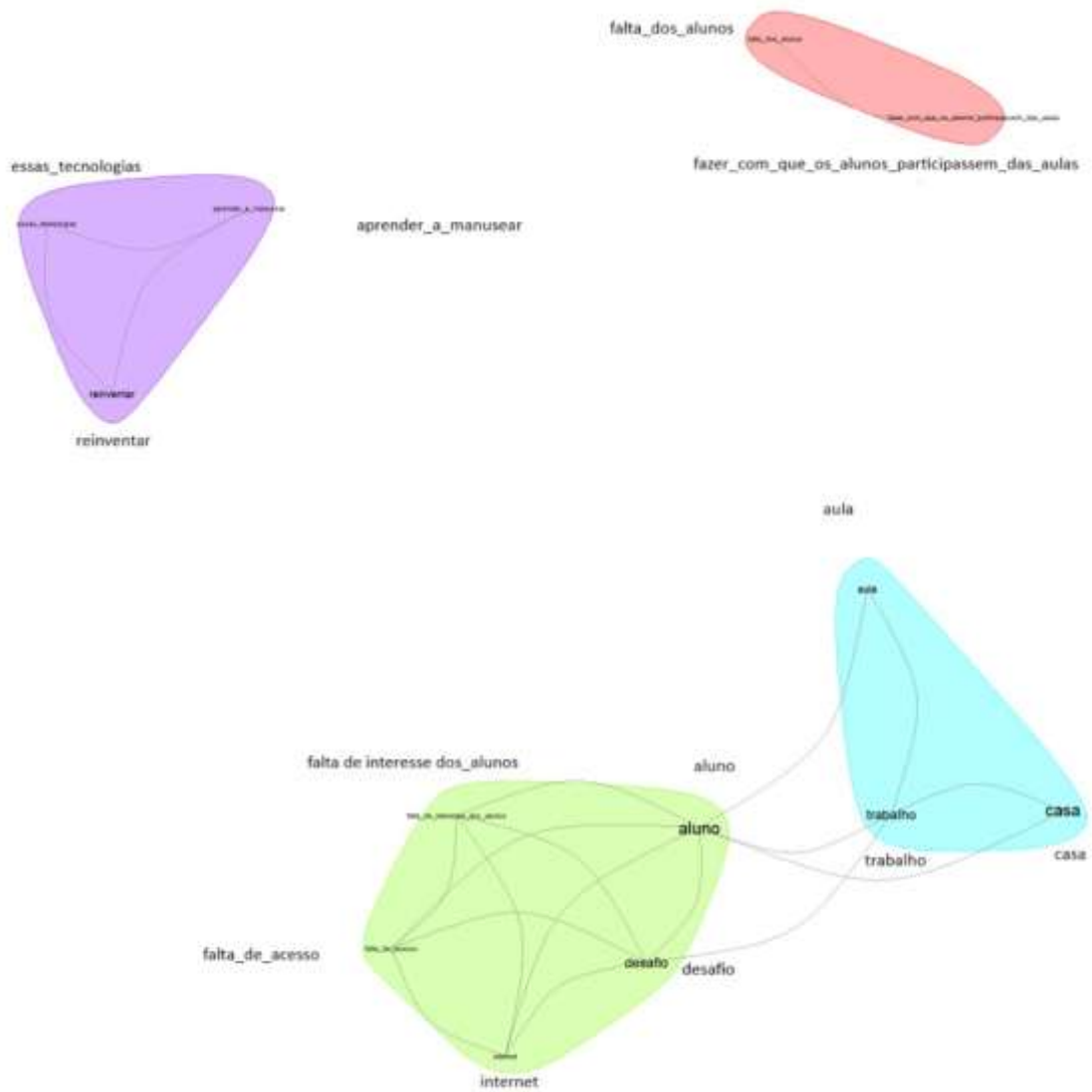


Fonte: Do Autor



Fonte: Do Autor

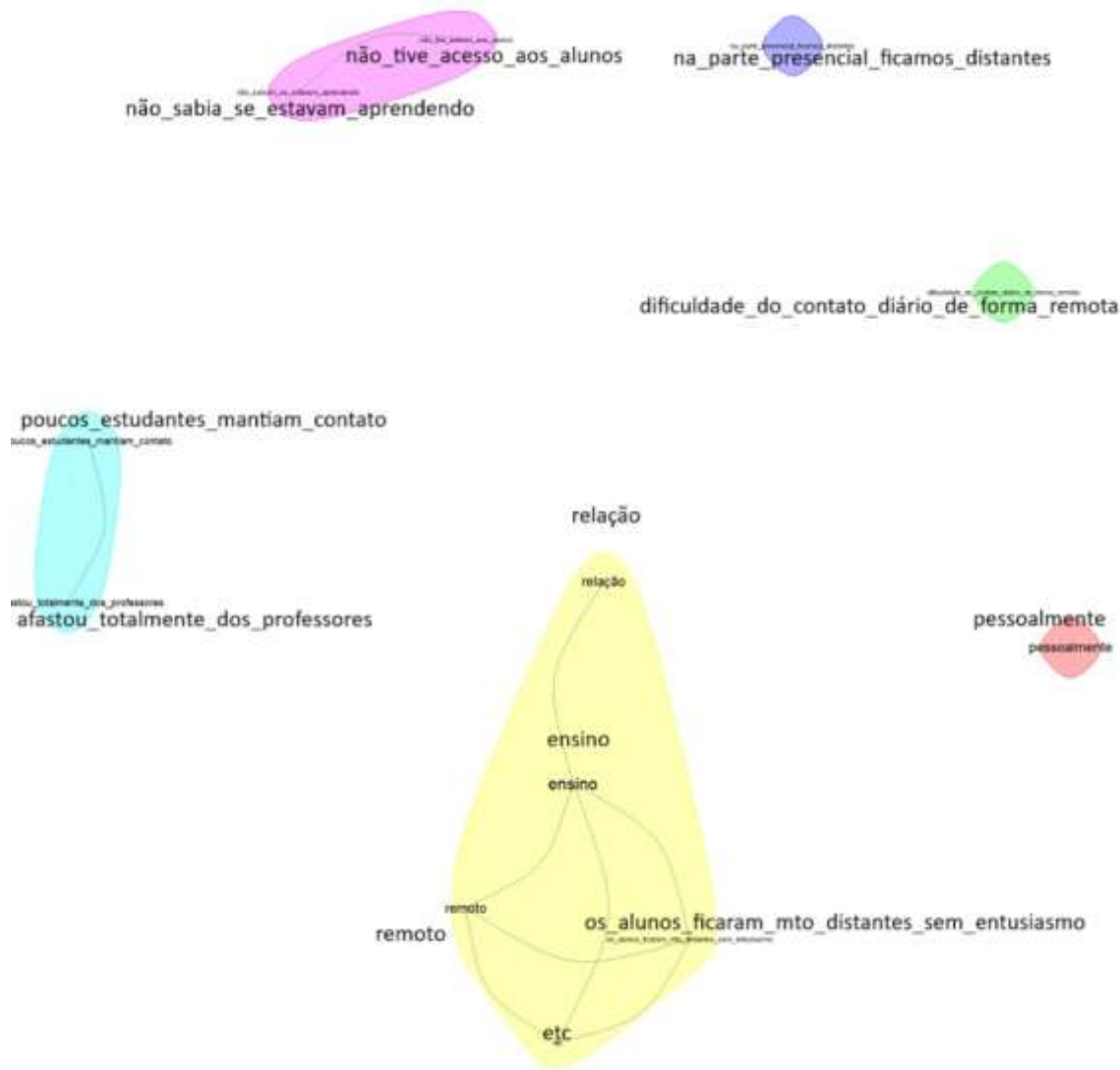
Figura 11: Como seu trabalho foi afetado pela pandemia do COVID-19 e quais desafios precisou enfrentar, segunda análise



Fonte: Do Autor

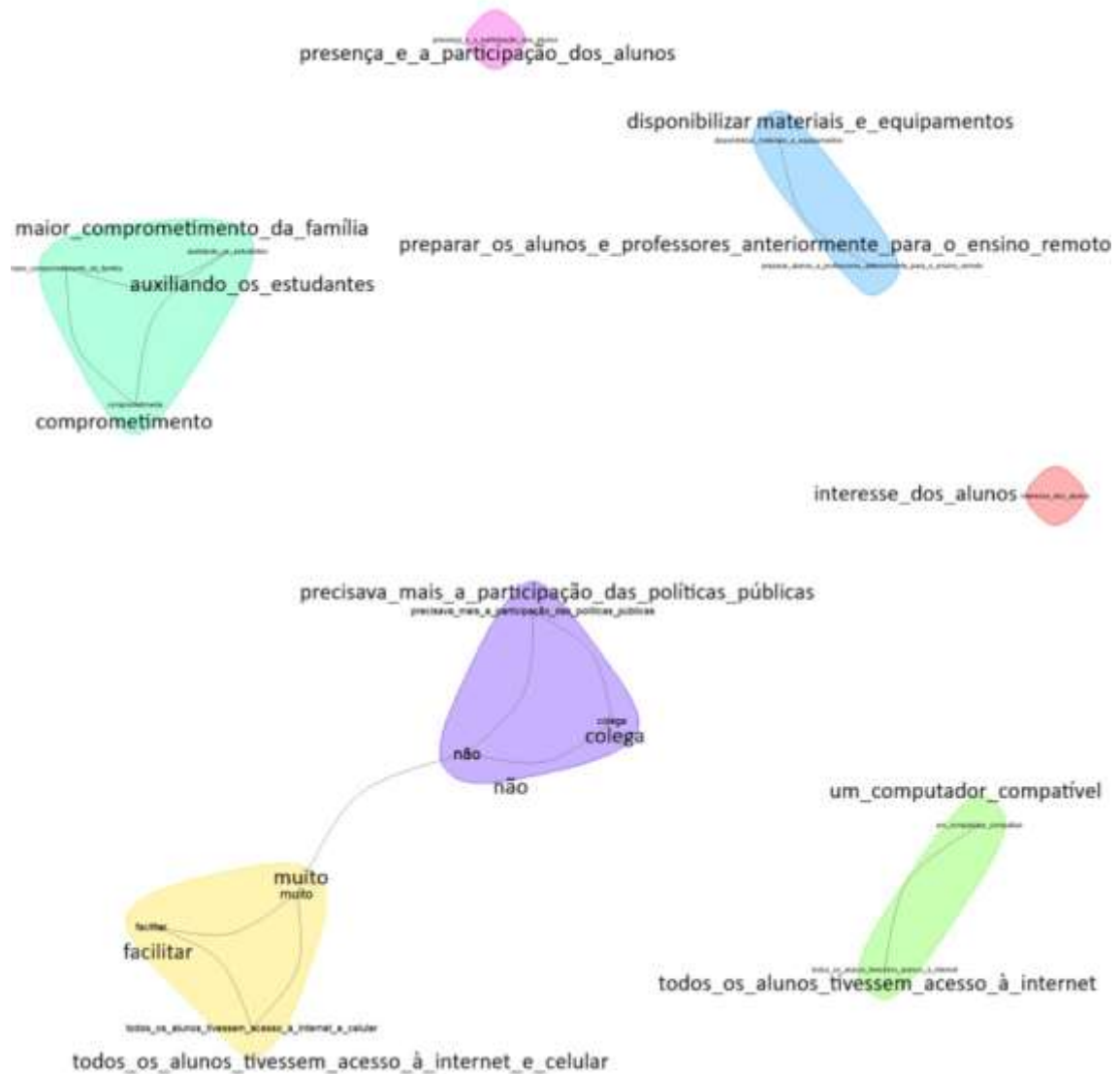


Figura 13: Como sua relação com os estudantes foi afetada, segunda análise



Fonte: Do Autor

Figura 15: O que seria necessário para melhorar o seu trabalho durante o ensino remoto, segunda análise



Fonte: Do Autor

Tabela 02: categorias da pergunta 08 Durante as aulas remotas, qual foi a estratégia de ensino que mais utilizou

Categoria	Descrição	Frequências
Textos	Considerou-se como texto os recursos visuais utilizados pelos professores para guiar os educandos que lançaram mão de textos verbais e não verbais, desde a criação de apostilas, até o uso de imagens em apresentação de Slides vinculados a diferentes plataformas de comunicação (textos impressos, mensagens por whatsapp, disponibilização em Ambiente Virtual de Aprendizagem etc.)	6
Recursos audiovisuais	Aqui se reúnem os recursos de áudio e vídeo expressos pelos professores como, por exemplo, mensagens de áudio, vídeos aulas, recomendação de vídeos online, dentre outros vinculados em multiplataformas.	8
Redes Sociais	Contabilizaram-se nesta categoria as redes sociais utilizadas como forma de comunicação entre os docentes e discentes, além de plataformas de vídeo, como o	4

	Youtube, pois o mesmo se configura como uma rede social voltada ao compartilhamento de vídeos.	
Ambientes Virtual de Aprendizagem	Aqui estão reunidas falas sobre sites e aplicativos diretamente pensados para aulas a distância, como o Google Sala de Aula, Microsoft Teams e os pacotes do Google G-Suit.	8

Fonte: Do Autor

As duas categorias mais numerosas são, respectivamente e com mesma frequência, *Vídeos e Áudios* e *Ambiente Virtuais de Aprendizagem*, com falas que aparecem simultaneamente em ambas as categorias, para a primeira entre ambas, se considerou os recursos multimodais audiovisuais com publicações em diversas plataformas digitais, a exemplo das falas “*indicação de vídeos no YouTube;*” e “*aulas pelo Google Meet*”, o que denota a autoria própria do vídeos por parte dos professores ou a indicação de materiais produzidos por outrem.

Algumas falas da categoria *Áudio e vídeo* foram alocadas, também, em *Ambientes virtuais de aprendizagem* devido a relação apresentada entre a forma de produção dos recursos audiovisuais e a plataforma de disponibilização dos mesmo, como o Google Meet, que apesar de ser um aplicativo de videoconferência, faz parte do pacote G-Suit do Google e apresenta integração com outros recursos, como o Google Slides, Documentos e Planilhas, além do Google Sala de Aula, um ambiente virtual de aprendizagem que permite a publicação e compartilhamento dos materiais para serem acessados e editados tanto pelos educadores quanto os educandos.

A terceira categoria mais numerosa de recursos é a de *Textos*, onde se considerou os textos de autoria própria dos professores e os recursos textuais utilizados em aulas síncronas e assíncronas, como por exemplo “*Computador aulas Power pointer.*”, o que aponta para a necessidade de se produzir materiais próprios para complementar as aulas remotas, como também apontado pela fala “*Preparação de apostilas para suporte teórico;*”, o que leva a inferência de que os materiais disponibilizados aos docentes não foram suficientes para

cumprir com a continuidade das aulas e que tais produções também visaram auxiliar os estudantes em sua jornada de aprendizagem.

Por último, temos as redes sociais, com a frequência de quatro falas, sendo três explícitas e uma alocada junto às outras devido ao fato de que para a veiculação do recurso mencionado pelo professor, *“Tira dúvidas via áudio e vídeo.”*, seria necessário o uso de uma rede social como o Whatsapp, mencionado em outros trechos, *“Grupos de WhatsApp”*.

Os resultados obtidos estão em dissonância com as estratégias utilizadas pelo Brasil como um todo, segundo uma pesquisa de Novaes et al (2020), publicada pela Fundação Carlos Chagas e analisando mais de 14.000 docentes durante a pandemia, nacionalmente houve o aumento significativo da presença de professores nas redes sociais como forma de contatar as famílias dos educandos e de transmitir as informações e aulas para os estudantes e de acordo com os mesmos autores (NOVAES et al, 2020), não houve menção ao uso de Ambientes Virtuais de Aprendizagem, no entanto usou-se em peso materiais pré-disponibilizados pelas secretarias de educação dentro da rede Pública Estadual de Ensino, sem observações quanto à modalidade em que os materiais didáticos foram disponibilizados aos docentes e discentes.

As ferramentas do G-Suit utilizadas pelos professores e apontadas em mais de uma categoria deste tópico é uma estratégia já apresentada por Passani, Carvalho & Almeida (2020), sendo uma ferramenta viável por ser multimodal, destacando a versatilidade e gratuidade dos aplicativos, sendo multiplataforma e propício ao compartilhamento em espaço aberto para upload e download de materiais em diferentes formatos de acesso e comunicação.

Separaram-se as respostas da questão 09 em cinco categorias, sendo elas as seguintes:

Tabela 03: categorias da pergunta 09 Como seu trabalho foi afetado pela pandemia do COVID-19 e quais desafios precisou enfrentar

Categoria	Descrição
Ausência e/ou distanciamento dos Estudantes	Coletou-se relatos sobre a dificuldade no contato com os estudantes ou até mesmo a não participação plena no ensino à distância.
Desinteresse/desânimo dos Estudantes	Esta categoria inclui declarações abordando o desânimo e a falta de interesse dos alunos em assistir às aulas devido aos problemas decorrentes do contexto do COVID-19
Desafios tecnológicos	Aqui encontram-se depoimentos de professores referindo-se ao desconhecimento das tecnologias de informação e comunicação, tanto por docentes quanto discentes, ou a incapacidade de ambos em acessar as TIC.
Reestruturação do planejamento	Reuniu-se nesta categoria discursos relacionados às mudanças bruscas realizadas nos planos de aula ou planos de curso ministrados pelos professores.
Desafios socioeconômicos	Aqui alocam-se excertos das dificuldades advindas dos contextos socioeconômicos, o que culminou em desdobramentos variados entre os professores e as famílias dos alunos.

Fonte: Do Autor

A seguir, subdividiu-se a tabela em duas tabelas, uma com as dificuldades relacionadas apenas à frequência dos educandos e seus estados de ânimo quanto às aulas online. A segunda tabela aborda os Desafios Relacionados ao Contexto, que englobam os Desafios Tecnológicos, a Reestruturação dos Planejamentos e os Desafios Socioeconômicos. Optou-se por organizar dessa maneira devido às diferenças entre os desafios, duas categorias estão diretamente relacionadas aos alunos, como o desinteresse e o desânimo, por outro lado, os demais desafios enfrentados, não apenas pelos professores, mas por toda a comunidade escolar, são advindos diretamente pelo cenário socioeconômico imposto pelo COVID-19, ou são desafios não vinculados especificamente ao engajamento dos estudantes.

Tabela 04: categorias da pergunta 09 / desafios relacionados aos estudantes

Desafios relacionados aos estudantes	Frequência
Ausência e/ou distanciamento dos Estudantes	5
Desinteresse/desânimo dos Estudantes	4

Fonte: Do Autor

A primeira categoria é “Ausência e/ou afastamento dos Estudantes”, nela é possível constatar que a pandemia atuou como força de afastamento dos discente e contribuiu para o aumento da evasão escolar por meio de fatores a se explorar na próxima tabela. Vulnerabilidade socioeconômica, que leva a falta de acesso às TIC, bem como a necessidade dos estudantes em assumir outros papéis dentro de casa, como por exemplo o de provedor do lar ou cuidador de parentes, são fatores contribuintes para a evasão e baixa adesão às aulas online ou em outras atividades propostas pelas escolas.

O campo emocional dos educandos também foi afetado pelo panorama da COVID-19, que se expressa na categoria “Desinteresse/desânimo dos estudantes”, um problema que já é relatado em outras literaturas, com uma gama de resoluções propostas por pedagogos e estudiosos da área, inovar nos métodos de ensino (estratégia escolanovista, focando em como dar as aulas), trazer o educando como protagonista do processo de aprendizagem em um ensino mais contextualizado e localizado na realidade por meio da problematização, a partir de uma proposta de educação mais crítica (SAVIANI, 2018).

Contudo, ressalta-se que o desânimo e o desinteresse cresceram durante o período da pandemia, como dito em “*o desinteresse cresceu muito*”, o que leva a inferência de que o cenário de crise sanitária, monetária e social trouxe aos educandos um olhar mais pessimista perante o papel da escola em seus futuros e guiou-os para a tomada de decisões mais difíceis e que pudessem resolver suas demandas imediatas de sobrevivência e subsistência em detrimento do futuro acadêmico, como ressaltado por um dos participantes da pesquisa “*O desânimo e o contexto provocado pelo COVID foi, na minha visão, um dos maiores problemas*”, de modo que tal dificuldade apresenta-se como mais um dos sintomas que a COVID-19 deixou para a educação brasileira, uma geração de jovens desanimados e desinteressados pelos estudos ou pelo menos com pouca clareza da importância desta etapa para a vida adulta.

Tendo em mente as questões anteriores, destacasse que Souza, Pereira & Ranke (2020), em um estudo realizado em Tocantins, apontam que onde houve menos participação de políticas públicas voltadas à educação pública durante a COVID-19 foi responsável por contribuir para o aumento da evasão escolar, ou seja, havia a necessidade de políticas não apenas para a garantia da entrega do ensino, mas incentivos sociais e econômicos para assegurar a permanência dos estudantes da rede pública de ensino nas escolas.

Tabela 05: categorias da pergunta 09 / desafios relacionados ao contexto

Desafios relacionados ao contexto	Frequência
Desafios tecnológicos	7
Reestruturação do planejamento	5
Desafios socioeconômicos	4

Fonte: Do Autor

Dos desafios advindos do contexto e que não se relacionam apenas com a frequência dos educandos, construiu-se a tabela acima, cuja primeira categoria e mais numerosa é “*Desafios Tecnológicos*”, elucidada pela seguinte fala “[...], *aprender e utilizar as novas ferramentas digitais e trabalhar de forma remota.*”, um recorte de como os professores não estavam acostumados com as ferramentas tecnológicas disponibilizadas, tendo em mente o contexto social onde as escolas públicas se inserem, onde, mesmo havendo o direito de acesso à tecnologia, poucos discentes conseguem usufruir de um computador ou de um celular que fosse capaz de acompanhar as aulas, o que leva os professores a usar métodos de ensino mais clássicos e tradicionais, refletindo, então, nas aulas remotas, como apresentado pela fala a seguir “*Baixa participação dos alunos nas aulas remotas por não terem acesso à Internet.*”

O contexto socioeconômico também é fator determinante para outras dificuldades, como as citadas anteriormente e da mesma forma abala outros campos, como a construção de vínculos significativos entre professores e alunos.

Gabriel et al (2021) aponta que parte das famílias não conseguiram acessar as TIC, como consequência, as escolas públicas necessitaram repensar o modo de entregar as aulas e os conteúdos aos estudantes, aspecto reforçado por Pereira e Ranke (2020), que dissertam

sobre como as condições materiais dos estudantes atuaram em suas habilidades de manipulação das tecnologias da informação e comunicação, além de seu acesso às mesmas.

Na categoria *“Reestruturação dos planejamentos”*, os docentes falam sobre a necessidade de adequar seus planos de aula, seus planejamentos de ensino de forma rápida, sem tempo para melhor preparar as decisões tomadas, onde a velocidade de mudanças foi imperial e soberana, como dito pelo participante da pesquisa em sua resposta *“Tivemos que reinventar de um dia para o outro”*; ainda ressalta-se o abandono da escola pública pelos poderes públicos, onde os professores receberam pouco auxílio em suas demandas materiais e pouca instrução, ou nenhuma, para desempenhar a tarefa exigida deles, como afirmado em *“Tivemos que nos adequar a uma nova modalidade de ensino sem estudo prévio e planejamento.”*.

Novaes et al (2020) aponta que a reestruturação dos planejamentos das aulas afetou nacionalmente o trabalho dos professores, o que demandou maior tempo de seus trabalhos para aprender a manipular e implementar as novas tecnologias ou repensar estratégias de entrega dos conteúdos para os discentes sem acesso às TIC, já Gabriel et al (2021) aponta para a centralidade do papel da escola, pois enquanto os professores aprendiam sobre as tecnologias da informação, os mesmos também ensinavam aos familiares dos educandos e aos educandos como manipular tais ferramentas.

A última categoria refere-se aos *“Desafios socioeconômicos”*, estes aparecem de jeitos diversos, o que afetou não apenas o acesso às TIC, mas impôs aos estudantes a necessidade de assumir novos papéis dentro do ambiente doméstico, o que os obrigou a agirem como adultos, tomando para si a responsabilidade de cuidar de outros indivíduos, exemplificado pelo seguinte trecho *“Além da falta de estrutura tecnológica em casa, os estudantes tiveram que mudar a rotina, por exemplo, assumiram outras responsabilidades como cuidar da casa, dos irmãos ou empregos temporários, deixando o ensino ainda mais marginalizado.”*, além disto, houve o impacto emocional do luto perante a perda de entes queridos ou pessoas próximas vitimadas pela COVID-19, pessoas que devido ao cenário de vulnerabilidade socioeconômica, precisaram encarar jornadas de trabalho mesmo durante o período de distanciamento social, como dito por um dos professores *“[...] muitos estudantes perderam seus familiares que não puderam ficar em casa.”*.

As questões socioeconômicas apresentam papel de destaque e transversalidade antes, durante e após a pandemia do Coronavírus, uma vez que o contexto afeta a comunidade

escolar em vários aspectos, principalmente os alunos e as famílias em estado de vulnerabilidade social.

De acordo com Gabriel et al (2021), mediante a pandemia, a escola assumiu papéis as quais não lhe cabia, tais como assistentes sociais, divulgação de informações sobre a COVID-19, a proposição de novas estratégias de ensino sem o apoio das Secretarias Regionais de Educação, além de propor táticas viabilizadoras da permanência dos educandos na educação básica e de subsistência das famílias, como a coleta e entrega de cestas básicas para a comunidade escolar.

Ao se analisar a pergunta 10, encontrou-se três categorias listadas a seguir:

Tabela 06: categorias da pergunta 10 Como sua relação com os estudantes foi afetada

Categorias	Descrição	Frequências
Dificuldade em manter contato diário com os educandos de forma remota	Esta categoria apresenta falas relacionadas à dificuldade dos docentes em manter contato com os estudantes devido a diversos fatores.	4
Distanciamento afetivo durante as aulas remotas	Reuniu-se nesta categoria falas que apontam para o afastamento afetivo entre professores e educandos devido às aulas remotas.	4
Distanciamento afetivo durante as aulas as aulas híbridas	Aqui encontram-se falas que demonstram como as relações interpessoais foram prejudicadas mesmo durante o retorno das aulas presenciais, principalmente na modalidade híbrida.	3

Fonte: Do Autor

As categorias, de forma geral, apontam para o comprometimento da relação professor/estudante como consequência do Ensino Remoto Emergencial, sendo um destes exemplos a categoria “*Dificuldade de manter o contato diário com os educandos de forma remota*”, esta categoria explicita a ausência de comunicabilidade entre os pares e reforça o distanciamento dos estudantes das redes sociais para o ensino remoto, como dito por um dos professores “*Alguns alunos se mantiveram fora das redes sociais ou mídias para as aulas.*”, as redes usadas como forma de comunicação ou como forma de passar os conteúdos foram ignoradas pelos estudantes devido a fatores já explorados anteriormente, como a falta de acesso às mesmas devido ao formato em que as aulas foram aplicadas e planejadas tão apressadamente, sem considerar tais variáveis o que, mais uma vez, contribuiu para o afastamento dos estudante, a exemplo de uma das falas dos professores participantes “*Durante o período de pandemia, poucos estudantes mantiveram contato, a grande maioria se afastou totalmente dos professores.*”, afastando-se completamente dos docentes e de suas orientações.

A próxima categoria aponta para o distanciamento afetivo entre educadores e estudantes, segundo Reginatto (2013), o componente afetivo é parte essencial do trabalho dos professores, seja para compreender as necessidades do estudantes, seja para ter maior compreensão sobre o contexto ao qual se está inserido, com isso, um dos participantes afirmou *“A relação Prof/ aluno no que diz respeito a afetividade ficou totalmente comprometida.”*, além de se constatar que o distanciamento afetivo permaneceu durante o retorno às aulas presenciais, principalmente durante o período de aulas híbridas, onde houve grandes períodos de rotatividade dos estudantes que compareceram às aulas presenciais, *“Quando voltamos para o ensino híbrido essa relação começou a ser estabelecida, porém de forma apressada e particionada, uma vez que eram poucos os estudantes presentes e grande eram os intervalos entre as semanas até o próximo encontro.”*, atravancando o estabelecimento de uma relação interpessoal entre os alunos, os professores e inviabilizando a construção da confiança mútua entre a comunidade escolar.

Nesta parte, avaliou-se as falas dos docentes referentes a quais suas demandas para efetivar o Ensino Remoto Emergencial, elencando os tipos de suporte/auxílios que os professores constataram como necessários para o tipo de aula que estavam ministrando, o que culminou no quadro abaixo.

Tabela 07: categorias da pergunta 11 O que seria necessário para melhorar o seu trabalho durante o ensino remoto

Categorias	Descrição	Frequências
Suporte tecnológico	A categoria expressa as falas dos professores sobre a necessidade de ter acesso garantido às TIC, bem como a necessidade de políticas de averbamento que viabilizem tal acesso.	5
Suporte socioeconômico	Aqui reúnem-se as falas em relação à necessidade de verba para o acesso às TIC e o auxílio socioeconômico da comunidade escolar para garantir o sucesso dos estudos e a permanência dos estudantes.	2
Suporte teórico-metodológico	Aqui se encontram falas que denotam a carência de cursos capacitadores para a utilização das TIC ou preparo da comunidade escolar como um todo para a mudança de panorama, habilitando todos para o cumprimento efetivo da agenda escolar de forma remota.	3
Suporte por parte do Estado e da União (Políticas Públicas)	Esta categoria reúne as falas que expressam abertamente a necessidade do envolvimento do Estado e da União por meio de políticas públicas para assegurar as demandas da comunidade escolar durante o período de pandemia da COVID-19.	3

Fonte: Do Autor

De acordo com as falas dos docentes, o “suporte tecnológico” era vital para a efetividade do processo de ensino e aprendizagem, tanto para os professores quanto para os estudantes e suas famílias, desde a disponibilização dos meios tecnológicos para ambos os grupos, como apontado pela fala a seguir “[...] disponibilizar materiais e equipamentos.”, e apontam de igual maneira para a necessidade de verba financeira para o custeio dos

equipamentos e condições para o acesso às tecnologias *“O custeio por parte do governo para que professores tivessem os recursos necessários e básicos para o ensino remoto como, internet e computador.”*.

Destaca-se a inacessibilidade tanto dos professores quanto dos estudantes às tecnologias da informação e comunicação, como foco nos estudantes, tendo em vista o recorte estudado, Escolas Públicas Estaduais, que atendem um público em condições de vulnerabilidade socioeconômica, sendo uma realidade de grande parte do público dentro das instituições públicas de ensino básico.

Além do supracitado, percebe-se que a COVID-19 afetou a classe trabalhadora, tendo em vista a questão 09 com a categoria *“Desafios socioeconômicos”*, que elucidou como o contexto de pandemia contribuiu para o empobrecimento da comunidade escolar de maneira geral, tanto educandos quanto educadores.

“Suporte Teórico-metodológico” é uma categoria que elucidou a necessidade dos professores em obter auxílio com a formação continuada e um planejamento integral para a completude de suas tarefas *“O custeio por parte do governo para que professores tivessem os recursos necessários e básicos para o ensino remoto como, internet e computador.”*, mas o tal suporte deveria estender-se também à comunidade escolar, uma vez que as famílias têm pouco acesso e familiaridade com as TIC, pois apesar da massificação do uso de redes sociais, a utilização de plataformas digitais para o ensino foi um panorama novo para grande parte das famílias e dos estudantes como dito por um professor em *“Preparar os alunos em relação às tecnologias, acostamá-los a ter hábito de estudo.”*

A categoria de *“Suporte socioeconômico”* apresenta dois representantes, no entanto, decidiu-se mantê-las no trabalho devido à importância das falas trazidas pelos professores a respeito do contexto dos estudantes, como *“mudar toda a situação social da minha clientela que em sua maioria, possuem vulnerabilidade socioeconômica não tendo acesso a tecnologias em casa.”*, que leva à seguinte reflexão, antes de mudar as metodologias, as grades curriculares, ou a forma como os estudantes são tratados, primeiro é necessário modificar as configurações sociais que levam os estudantes a uma situação de marginalização social, a escola não consegue cumprir com seu papel social caso um dos componentes basilares para uma educação de qualidade está comprometido, como os estudantes podem forçar nos estudos se não têm certeza sobre o dia de amanhã, se poderão se alimentar, se terão acesso a empregos de qualidade no futuro, se terão condições mínimas de dignidade humana,

como roupas, lazer e acesso à cultura? O problema educacional tem raízes mais profundas na sociedade que se escancaram durante a pandemia da COVID-19.

Por último, a categoria *“Suporte por parte do Estado e da União (Políticas Públicas)”*, escancara como o governo de Minas Gerais e da União abandonaram as Escolas Públicas em caráter sistemático, deixando às escolas a responsabilidade de criar estratégias para a construção de um ensino minimamente eficaz durante a pandemia, como dito por um dos professores *“Precisava mais a participação das políticas públicas.”*, o Estado deveria estar mais presente na resolução dos problemas e desafios elencados, desde o destino de verba, até o amparo social, emocional e econômico da comunidade escolar, com foco intenso ao acesso às tecnologias e ao acesso a condições mínimas de subsistência dos estudantes e suas famílias para superar a vulnerabilidade social e deixo esta última fala como um exemplo desta categoria *“Penso que o Estado poderia ter oferecido um maior amparo para professores e estudantes.”*

As respostas da entrevista fornecem uma análise abrangente dos desafios enfrentados pela educação durante o período de Ensino Remoto Emergencial, com destaque para questões relacionadas à tecnologia, planejamento de aulas, desafios socioeconômicos e a relação entre professores e alunos.

Primeiramente, a discussão sobre a utilização de recursos didáticos durante o ensino remoto ressalta a importância da adaptação dos professores ao uso dessas ferramentas, destacando a integração entre diferentes plataformas como uma estratégia eficaz para o compartilhamento de materiais educacionais. No entanto, é apontada uma dissonância entre as estratégias dos professores e as políticas educacionais adotadas em nível nacional, evidenciando a necessidade de uma maior coerência e alinhamento entre esses aspectos.

Em seguida, são discutidas as principais categorias relacionadas aos desafios enfrentados pelos educadores e estudantes durante o período de ensino remoto. A ausência e o afastamento dos estudantes, bem como o desinteresse e desânimo dos mesmos, são abordados como consequências da crise sanitária, econômica e social provocada pela pandemia. A falta de acesso à tecnologia, as novas responsabilidades assumidas pelos estudantes em casa e o contexto de incerteza contribuíram para a marginalização do ensino e o desinteresse dos alunos pelos estudos.

Em relação aos desafios enfrentados pelos professores, destacam-se as dificuldades tecnológicas, a necessidade de reestruturação dos planejamentos de aula e os desafios socioeconômicos enfrentados pelos estudantes e suas famílias. A falta de acesso adequado à

tecnologia e a pressa na implementação das aulas online foram identificadas como obstáculos significativos, exigindo dos educadores um esforço adicional para adaptar seus métodos de ensino.

Por fim, as considerações finais reforçam a importância do suporte tecnológico, socioeconômico e teórico-metodológico para garantir a efetividade do processo educacional durante a pandemia. Destaca-se a necessidade de políticas públicas que garantam o acesso equitativo à educação e que ofereçam suporte financeiro e estrutural tanto para os educadores quanto para os estudantes e suas famílias. Além disso, é ressaltada a importância de abordagens integradas que considerem não apenas o acesso à educação, mas também as condições sociais e emocionais dos estudantes para garantir uma educação inclusiva e de qualidade.

Em resumo, o texto oferece uma análise profunda dos desafios enfrentados pela educação durante a pandemia, destacando a necessidade de uma abordagem holística e colaborativa para superar esses obstáculos e promover uma educação de qualidade para todos.

4.3. Análise da entrevista

Nesta seção, analisou-se a entrevista realizada com o único professor que se demonstrou aberto a colaborar com a etapa e que também respondeu às perguntas de forma mais detalhada. A análise da entrevista passou pelo uso da análise categorial de Bardin, identificando quatro grandes áreas de abordagem a relação do Professor com a escola, a relação do professor com os educandos, a relação do professor com as metodologias de ensino e a relação do Professor com suas motivações pessoais, cada uma das grandes áreas foram divididas em categorias para análise.

Dentro da entrevista, olhando para a grande área de como o professor relacionou-se com a escola durante a pandemia do covid-19 e as aulas remotas, extraiu-se 4 categorias apresentadas na tabela a seguir

Tabela 08: Relação professor-escola

Categorias	Descrição
1. Condições de Trabalho:	- O professor aborda as condições de trabalho na escola pública, mencionando questões salariais, como o reconhecimento insuficiente dos professores. - Ele fala sobre a carga horária e a exaustão decorrente do trabalho com 27 horas semanais.
2. Complexidade da Profissão:	- O professor destaca que ser professor vai além de elaborar aulas e métodos de ensino. Envolve lidar com realidades complexas de 30 a 40 alunos em uma sala de aula, cada um com seu contexto e necessidades individuais. - Ele menciona o desafio de não poder atender a todas essas realidades individualmente.
3. Desmotivação e Falta de Reconhecimento:	- O entrevistado fala sobre a falta de incentivo para a formação continuada dos professores. Mesmo com um doutorado, ele não recebe nenhum aumento salarial, o que afeta a motivação para buscar aprimoramento profissional. - Ele também menciona a luta pelo recebimento do piso salarial e a falta de reconhecimento por parte do governo.
4. Experiências na Escola:	- O professor compartilha sua experiência na escola durante a pandemia, destacando os desafios de lidar com a falta de estrutura e recursos para o ensino online. - Ele também menciona a dificuldade de manter contato com os alunos e a invasão de sua privacidade, devido à necessidade de fornecer seu número pessoal de WhatsApp

Fonte: Do Autor

A primeira diz respeito 1) Condições de trabalho, onde há o relato do docente em relação ao seu salário, como o mesmo não lhe é suficiente para seus sustento e dificulta a sua dedicação ao ofício e em sua visão não é proporcional ao número de atividades desempenhadas pelos professores, um problema clássico elucidado anteriormente na introdução deste trabalho, tomamos a exemplo as seguintes falas, "...questões que a gente já conhece, né, que a gente sabe bem dentro de uma escola pública, mas em relação ao pagamento, também, ao salário, né, que é o reconhecimento, infelizmente é triste.",

demonstrando a insatisfação do professor com tal condição e "Dizer que a gente consegue se manter com um salário de professor do estado, com um cargo de professor do estado, trabalhando mais do que a gente deveria trabalhar, a gente sabe que é mentira.", que denota como os professores, enquanto classe, estão precarizados e subvalorizados em seu ambiente de trabalho.

Além do supracitado, o professor também evidencia como a carga de trabalho é exaustiva, e que obter mais de um cargo dentro da rede pública estadual de ensino pode ser inviável ao cumprimento de suas obrigações em prol de obter melhor remuneração, tendo em mente que um cargo já lhe drena as capacidades físicas e mentais "Eu já me sinto completamente exaurido fisicamente, psicologicamente, com dois cargos eu não... eu não... eu sinto que eu não serei completo enquanto professor, eu vou tá empurrando com a barriga uma situação pra poder ter uma folguinha no final do mês.", além da falta de incentivo para a formação continuada, uma vez que, segundo relata, mesmo com títulos de pós-graduação, seu salário continua abaixo do desejado e até mesmo do necessário ou compatível com a experiência e formação adquiridas, como mostrado no seguinte recorte "A falta de incentivo de formação continuada do professor, porque enquanto doutor, hoje, eu não recebo um real a mais por isso... absolutamente nada por isso, então isso não incentiva a gente a ter uma formação complementar.".

A segunda categoria está para a 2) Complexidade da Profissão, onde o entrevistado destaca que o trabalho docente vai para além do planejamento de aulas e metodologias de ensino, na verdade é um ambiente no qual o profissional necessita pensar acerca das realidades dos educandos, seus contextos, suas necessidades e ambições, como demonstrado no recorte "...a gente lida com contexto o tempo todo, é uma realidade completamente diferente, são 30, 40 alunos dentro de uma sala, cada um com uma realidade diferente, com um contexto diferente...", além de que, apesar dos esforços, os professores não conseguem atender a todas as demandas trazidas pelos educandos sem abrir mão de certas coisas, como saúde mental, descanso ou até mesmo sem abrir mão de mais aulas para complementar a renda, como dito em "...porque a gente tá deixando gente pra trás, abrir mão de uma saúde mental, uma saúde física, né, abrir mão de relaxar mesmo nas férias, coisa que eu não consigo desligar, pra abraçar isso tudo e não ser recompensado, isso eu tô sendo bem raso, né, que tem muitas outras coisas aqui.", de modo que percebe-se, novamente, a desvalorização do trabalho docente, como se fosse algo messiânico ou um trabalho divino, cuja satisfação de trabalhar é tratada como a verdadeira recompensa, o que estorva o avanço da carreira profissional.

A terceira categoria é 3) Desmotivação e Falta de Reconhecimento, um problema já mencionado anteriormente na introdução da dissertação, mas que ressurge como reforço dos problemas já consolidados e reconhecidos pelos docentes e acadêmicos (DE CASTRO NETA ET AL, 2020), salientando a falta de motivação à formação continuada, abordado na primeira categoria deste grande bloco, onde mesmo com a titulação de mestre, o professor entrevistado mostra não receber a remuneração proporcional ao seu preparo teórico-metodológico "A falta de incentivo de formação continuada do professor, porque enquanto doutor, hoje, eu não recebo um real a mais por isso... absolutamente nada por isso, então isso não incentiva a gente a ter uma formação complementar."

Também menciona-se a greve dos professores, sua luta pelo pagamento do piso salarial que, mesmo com pareceres favoráveis, não foi repassado aos docentes, o denotando profundo desinteresse do Governo Estadual em melhorar a condição da categoria docente, mostrado pelos seguintes trechos "A, mas isso tem já tem um tempo, né, que a gente luta pra receber o piso, que a gente não recebe o piso, apesar do governador insistir que paga o piso, mas ele não paga o piso, né.", "E não deu o aumento que o governo federal, os trinta por cento, ele não repassou os trinta por cento também.", apesar das greves, reivindicações dos trabalhadores e decisões da união, o Governo de Minas Gerais recorreu sobre a decisão do aumento salarial, um indicativo de que o sucateamento da educação pública não é algo ao acaso, mas apresenta-se como um projeto de governo "...e a gente ficou paralisado um bom tempo com a greve, tamo pagando greve até hoje nos sábados, pra absolutamente nada, absolutamente nada, a gente não teve nenhum retorno, a gente ganhou, na verdade, né ah... o governo recorreu, né, tá no supremo, não sei quando vai sair isso e se tem alguma perspectiva de sair, mas é isso cara...".

Para a quarta categoria, temos 4) Experiências na Escola, onde o entrevistado faz relatos sobre o seu trabalho durante a pandemia, em especial, as dificuldades enfrentadas por ele, enquanto docente, e pela escola como um todo advindos de contextos socioeconômicos maiores, o que levou o professor a disponibilizar seu tempo pessoal para atender às demandas, principalmente dos alunos, como dito em "Eu disponibilizava esses encontros virtuais, eu ficava vinte e quatro horas disponíveis no whatsapp, mesmo sábado e domingo...", o que denota a entrega e o compromisso que o professor precisou ter para com a escola, mas também ressalta a já mencionada desvalorização do professor, além do acúmulo de funções que não fazem parte do trabalho do professor e sim de outros profissionais dentro da escola expresso em "...eu era responsável por uma turma, então, além de disponibilizar o meu

número pessoal, eu era responsável, como se eu fosse o coordenador ou supervisor de uma turma em específico, então, sei lá, eu era supervisor do primeiro ano do ensino médio, do primeiro ano do ensino médio um, 'ah, uma turma do primeiro ano do ensino médio', então eu era o professor, eu fazia essa ponte entre os meninos e a supervisão..."

Com base no dito acima, é perceptível que durante a pandemia a privacidade e tempo pessoal dos docentes foram completamente invadidas pelos afazeres da escola, o que impacta no lazer e na saúde mental e física dos docentes, sobrecarregando-os das mais variadas formas, além do acúmulo de tarefas a cumprir que fogem ao escopo do trabalho do professor.

Em resumo, a entrevista revela um retrato complexo da vida de um professor na escola pública, destacando desafios como as condições de trabalho, a falta de reconhecimento e a necessidade de equilibrar a dedicação aos alunos com a preservação de sua própria saúde física e mental durante a pandemia da COVID-19. As condições descritas no relato refletem preocupações comuns na área da educação e sugerem a necessidade de reformas e maior apoio aos profissionais da educação.

Tabela 09: Relação professor-alunos

Categorias	Descrição da categoria
1. Desafios na interação:	- Dificuldades de estabelecer contato com os alunos durante o ensino à distância. - Baixa taxa de retorno dos alunos em encontros virtuais e e-mails. - Incentivo à participação em atividades extracurriculares, como rodas de conversa e criação de arte. - Valorização da autonomia do aluno no planejamento de estudos. - Foco na necessidade de interação social e de apoio psicológico dos alunos.
2. Necessidade de suporte tecnológico:	- Dificuldades dos alunos em usar e-mail e plataformas digitais. - Falta de acesso à internet e dispositivos apropriados.

3. Adaptação e estratégias do professor:	- Inovações para manter a comunicação ativa, como o uso do WhatsApp. - Criação de métodos de entrega de atividades, incluindo tirar fotos e compartilhar no WhatsApp. - Disponibilidade contínua do professor para atendimento, mesmo em fins de semana. - Respeito às sugestões dos alunos sobre tópicos de discussão e atividades.
4. Avaliação e aprovação:	- Ênfase (por parte do Estado) na entrega das atividades como indicativo de esforço dos alunos. - Reconhecimento de que a avaliação durante a pandemia teve um foco diferente, com aprovação baseada em critérios diferentes.
5. Reconhecimento da importância da escola:	- Consciência de que os alunos sentiam falta do ambiente escolar e do contato com os colegas. - Compreensão da necessidade de proporcionar um ambiente mais acolhedor e envolvente durante a pandemia.

Fonte: Do Autor

Dentro da grande área da relação do professor com os alunos, identificou-se sete categorias, das quais a primeira está relacionada a 1. Desafios na interação, onde o professor entrevistado deixa explícito a dificuldade em estabelecer contato com os alunos durante a pandemia por diversas razões, muitas perpassadas pelas questões socioeconômicas dos educandos, como a pouca familiaridade com os recursos tecnológicos disponibilizados, a exemplo dos e-mails criados pelo estado para facilitar a comunicação e participação das aulas online, expresso pela fala "...noventa e oito por cento dos meus meninos não sabiam utilizar o e-mail...", onde fica claro a falta de prática e acesso dos estudantes às TIC, o que levou tanto o professor quanto a coordenação da escola a buscarem esses alunos, mas novamente por vias de contato digitais em prol de manter o distanciamento social entre as pessoas durante a

pandemia, "...o que a gente fazia sempre era uma busca ativa, né, a gente mandava mensagem, junto com a supervisão...".

Outra questão abordada é o baixo retorno dos educandos dentro dos encontros virtuais por motivos já elucidados na parte anterior do trabalho, mas que retomamos aqui, como a pouca familiaridade com as TIC, a falta de acesso à internet e a computadores e/ou celulares, desafios econômicos que levaram estudantes a assumir outras responsabilidades como a de prover sustento a suas famílias ou a necessidade de cuidar de terceiros, como relatado no seguinte trecho da entrevista

"[...] diversas, diversas vezes os estudantes vinham até mim falar “professor, eu não vou conseguir participar”, e isso tudo pelo whatsapp, tá, pela plataforma nunca funcionou, no pessoal, me mandando mensagem no pessoal, falava “oh, professor, não vou conseguir participar da sua aula, do nosso encontro, hoje, pelo google meet, porque eu tô sozinha, eu sou a irmã mais velha, eu to sozinha em casa e como eu tô em casa, minha mãe não admite, meus pais não admitem que eu fique sem fazer nada.”, na verdade ela ia fazer... ela ia fazer alguma coisa, ela estaria comigo no google meet, né, mas para os pais isso não era aula, então ela tinha que limpar a casa, ela ou ele, né, tinha que limpar a casa, cuidar do irmão mais novo e foi isso que eles viraram, eles assumiram outras responsabilidades, responsabilidades que naquele momento não era... não cabia a eles”

A falta de um ambiente próprio para os estudos e a partir das falas do professor é possível inferir que todos estes fatores refletiram diretamente na presença dos educandos nas aulas online, dentre os relatos, destacam-se as seguintes falas: "...o retorno foi diminuindo, né, então eu comecei com três, tinha época que entrava quatro meninos, no final já não tava entrando ninguém...", que denota como houve uma diminuição progressiva na participação, indicativo de que inicialmente os estudantes empenharam-se em participar das atividades, mas desanimaram com o tempo, "...da metade pra frente não tava entrando ninguém e esse momento que eu comecei a questionar mesmo, já estava me questionando ‘cara, isso vai passar, mas o que eu posso fazer para melhorar?’, entendeu?", que ressalta como a parte psicológica do professor também foi afetada pela baixa participação dos educandos, onde ele começa a questionar sua competência como profissional para poder motivar os educandos, mesmo que o problema não estivesse diretamente relacionado às suas habilidades docentes, mas sim a um contexto mais amplo e por fim "...e a gente criava links para encontros diários ou semanais com as turmas, mas o retorno era zero...", frisando que em determinados momentos, a participação de um número mínimo de alunos era simplesmente inexistente pelos mesmos fatores já citados anteriormente.

Com relação a estas dificuldades, o entrevistado reconheceu que os estudantes necessitavam de encantamento para aumentar o número de participantes, mesmo com o retorno ao ensino semipresencial por meio das aulas híbridas, trazendo questões atuais e do contexto da pandemia, tanto como forma de tentar aproximar os alunos da escola, mas também como forma de trazer mais conforto aos educandos ao expor sobre as doenças que afligiram a sociedade e como elas foram superadas, trazendo aspectos científicos que auxiliam ao combate das crises sanitárias:

"e a gente costumava fazer rodas de conversa das ciências da natureza, principalmente com os meninos... a gente abria pra escola de maneira geral, para todas as turmas, mas os alunos mais frequentes eram os alunos do ensino médio, então nessas rodas de conversa a gente... nós discutia alguns assuntos, como por exemplo nós discutimos as grandes pandemias do mundo, não foram muitas, não porque isso foi uma iniciativa que a gente começou a tomar logo no início da pandemia e aí veio o híbrido e gente parou [...]"

Sendo uma estratégia que cativou os alunos do Ensino Médio em maior número, mesmo com a possibilidade de participação das outras turmas dentro dos limites permitidos pelas plataformas digitais.

Além das rodas de conversa, a escola adotou outras estratégias mais ativas e que proporcionaram o protagonismo dos estudantes a exemplo do seguinte trecho "a gente pediu pros meninos criarem artes usando material reciclável, de dentro de casa, com interpretações visuais, mesmo, que eles tinham em relação ao meio ambiente, é a semana da preservação do meio ambiente, é alguma data comemorativa. Mês de novembro, se não me engano, e... é... então a gente fazia essas práticas com os meninos, a gente fazia concursos, a gente estimulava o retorno, então a gente fazia... incentivava com prêmios, também, sabe, a gente fazia... ia no supermercado e juntava cesta básica e punham alguma coisa que no momento ali, meu filho, cesta básica salvava muitas famílias, né [...]", desta forma, é perceptível que além de se preocupar com o ensino, os professores também assumiram papéis de assistência na vida dos educandos, trazendo motivações mais concretas para a participação dos estudantes dentro das atividades, ou seja, a escola não apenas cuidava do saber do educando, mas também desempenhava ações sociais, como o sorteio de Cestas Básicas de Alimentos como garantia de sobrevivência para o educando, o professor deixou de ser apenas um mediador do conhecimento e tornou-se um ponto de referência para os alunos, um personagem que inspirava confiança e segurança neste momento de fragilidade psicológica, as demandas eram outras e o currículo precisou adaptar-se para estimular a participação dos estudantes, dado que o próprio entrevistado reconhece este aspecto:

"[...] porque a gente sentia que os alunos estavam precisando, que os alunos estavam carentes, eles gostam da escola, o espaço ali, encontrar os amigos, para eles era uma coisa necessária, então se a gente fechasse isso, por exemplo “hoje nós vamos trabalhar com reino animal”, cara, ninguém quer saber de reino animal num momento em que todo mundo está passando por problemas em casa, problemas psicológicos, ansiedade, então a gente abriu espaço para discutir diferentes propostas, lógico que as ciências da natureza permeava isso aí [...]"

A segunda categoria desta grande área está para a 2. Necessidade de suporte tecnológico, tanto pela inexperience dos educandos quanto as TIC, como demonstrado em "...noventa e oito por cento dos meus meninos não sabiam utilizar o e-mail...", um trecho que também aparece em outra categoria, mas também relacionada a esta e que se relaciona também a outro relato do entrevistado, "...para você acessar a plataforma você precisava de um login e uma senha, esse login é o e-mail institucional do estado, que o estado disponibilizou para os alunos, mas eles não tinham a prática, não tinham o conhecimento de como acessar essas plataformas...", que mostra como uma dificuldade impacta na outra, uma vez que os educandos não possuem prática com o uso do e-mail, os mesmo também não conseguiriam acessar as outras plataformas que também dependem deste e-mail, com isso, vê-se a necessidade de treinamento voltado aos discentes para habilitá-los ao uso das TIC diariamente ou pelo menos durante o período das aulas remotas.

Ainda nesta categoria, identifica-se e reforça-se a falta de acesso à internet e dispositivos eletrônicos por parte dos estudantes, “os estudantes com essa ferramenta que não deu certo, a gente não tinha retorno, não só pela dificuldade de acessar o e-mail, mas pela falta de... de tecnologia mesmo, ou não tinha internet em casa...", mas para além da falta de acesso às TIC, quando o lar do educando possuía algum tipo de aparato eletrônico, outros entraves surgiam, como a necessidade de compartilhar os equipamentos, sejam eles um celular smartfone ou um computador, "...quando tinha, era um celular da mãe e do pai que era dividido com, é, sei lá, outros quatro irmãos e aí só conseguia ter acesso ao celular quando a mãe ou pai chegava do trabalho...", o que reflete na prioridade de quem deveria usar, os pais por motivos de trabalho ou outros, ou os filhos para os estudos? Se os filhos são a prioridade, qual deles utilizará o equipamento, os mais novos em etapa de alfabetização (supondo que há crianças da Educação Infantil ou do Fundamental Anos Iniciais) ou os mais velhos em outra etapa de aprendizagem que necessitam da socialização dos conhecimentos científicos?

Essas indagações levantam o abismo existente entre o idealizado para o ERE e a realidade dos educandos da região, tudo culminando para a necessidade de assistência técnica,

tanto para utilizar os materiais quanto para ter um acesso justo às TIC, com pelo menos um aparelho por pessoa em idade escolar nos lares da comunidade.

Como terceira categoria temos 3: Adaptação e estratégias do professor, que fala sobre as formas como o entrevistado precisou utilizar de artifícios para manter o contato com os estudantes e receber as atividades, havia a entrega presencial das atividades por parte dos alunos, como dito em "...Ou eles podiam entregar na escola, então eles tinham que sair da casa deles em plena pandemia, ir até a escola, alguns da zona rural, por exemplo, tinham que sair de casa, uma distância considerável, e ir até a escola entregar essas atividades, aí a escola armazenava essas atividades numa caixa separada, todas as turmas, aí eu tinha que ir na escola, fuçar na caixa pra mim poder pegar as atividades de todos os meninos...", o que se apresenta como um problema dentro de uma pandemia, pois o vírus também poderia estar em circulação dentro das mídias físicas levadas pelos alunos, levando ao aumento das taxas de contágio dentro da própria escola quanto dentro da comunidade dos municípios, porém a entrega digital dribla esse problema, mas cria outro, assim como relatado "...E aí as entregas das atividades, Heitor, mais uma vez, era uma entrega online, eles tiravam fotos e me mandavam no WhatsApp, aí se eu não tivesse um computador apto a receber essas imagens todas, porque eram caminhões de fotos que eu recebia, de todas as minhas turmas, se eu não tivesse uma internet de qualidade, porque o estado não em custo, em momento algum com os professores...", nesta situação, o professor necessita ter acesso a computadores mais potentes, internet de qualidade e capacidade de armazenamento das atividades para que pudesse corrigir, com custo próprio, uma vez que o Estado não arcou com tais despesas, além do volume monumental de informações recebidas de uma vez, como destacado pelo professor "...eram caminhões de fotos que eu recebia, de todas as minhas turmas...", afetando a logística de armazenamento e separação das informações, mesmo que em salas de grupos virtuais.

Ademais, o professor também necessitou disponibilizar de seu tempo pessoal para o atendimento aos educandos, declarado em "Então, assim, foi o Google Classroom, tinha o WhatsApp, noventa por cento do meu tempo foi o WhatsApp, vamos colocar assim, nessa monitoria constante com eles, independente de eu ter aula com eles no dia ou não, eu estava disponível pra eles de domingo a domingo, até porque eu não sou o tipo de pessoa que desliga do serviço no sábado e domingo, entendeu, se me manda mensagem eu vou responder, cara, eu não consigo, eu não consigo, mas tem gente que consegue, eu acho louvável a pessoa que consegue, mas eu estou trabalhando para ser essa pessoa um dia.", um esforço louvável aos

olhos de quem está fora da comunidade escolar, mas que levanta a problemática da Romantização do Trabalho docente, onde os esforços que excedem são vistos como atos heroicos, porém em sua realidade contribuem para a desvalorização do professor (CAMPOS et al., 2022) , visto que o trabalho não é remunerado e creditado como um sacrifício inerente ao campo, impactando não apenas na desvalorização, mas também impactando o cotidiano dos professores, seus corpos e mentes por excesso de trabalho e consequentemente exaustão.

Ademais, houve a necessidade de flexibilizar os horários de atendimento do professor, bem como mudar as pautas de ensino durante a pandemia, não apenas para estimular a participação, mas porque o contexto e os questionamentos foram outros, uma situação até o momento inusitada, aulas remotas e sem previsão de retorno ao presencial, com isso os tópicos de ensino, igualmente ao relatado na categoria anterior, foram substituídos em partes por discussões e indagações daquele momento, trazendo o seguinte trecho como exemplo “cara, ninguém quer saber de reino animal num momento em que todo mundo está passando por problemas em casa, problemas psicológicos, ansiedade, então a gente abriu espaço para discutir diferentes propostas, lógico que as ciências da natureza permeava isso aí [...]”, os tópicos da BNCC sobre ciências da natureza pareciam cada vez mais distantes e irrelevantes aos alunos.

Dentro da própria flexibilização, o professor mostrou-se aberto aos palpites dos estudantes acerca das discussões e das atividades propostas, segundo o relato “[...] a gente trabalhava muito em cima das sugestões dos alunos, também, não era nada imposto [...]”, não apenas por uma questão logística, mas por se tratar de uma necessidade da ocasião e, segundo o próprio entrevistado, “[...] porque isso atraía os meninos, porque isso foi decisão deles, né.”.

Adiante da participação dos educandos e da flexibilização das aulas, as avaliações feitas em relação aos educandos foram afetadas de igual maneira na relação professor-aluno, assim movemos para a sexta categoria, 4. Avaliação e aprovação, com relatos acerca das novas formas de avaliar a participação dos estudantes. A exigência da Secretaria Estadual de Educação, o professor avaliava a devolução do Plano de Ensino Tutorado, ou PET, um material disponibilizado pelo Estado de Minas Gerais, "E aí eles tinham de entregar essas atividades semanalmente, mesmo que entregassem em branco, eles tinham que entregar, porque o ato de entregar em branco significa que o aluno tentou, mas não conseguiu fazer sozinho.", uma forma defasada de avaliar o aprendizado dos educandos, visto que houveram inúmeros empecilhos à participação dos estudantes no ERE, o retorno em branco das atividades poderia ser apenas a certeza dos estudantes de que não precisavam

comprometeram-se com os estudos durante aquele momento, ou seja, passariam para a próxima etapa de ensino mesmo que não se apropriassem dos conhecimentos mínimos exigidos, além disso, o entrevistado também reconheceu tentativas de fraude durante a entrega dos PET, "O retorno que a gente tinha deles era um papel, o PET, e aí você via que, por exemplo, os meninos do ensino fundamental, dava pra ver quem fez algumas ilustrações, cara, quem fez o PET não era, não era a letra dos meninos.", o que mostra o descaso de alguns membros da comunidade escolar e a certeza de impunidade mesmo mediante a falsificação de atividades oficiais ou mediante ao plágio.

Os critérios diferenciados de avaliação desconsideraram uma série de fatores, como a dificuldade de acesso às TIC, a participação dos educandos durante as aulas remotas, o contexto de fragilidade social, econômica e social das famílias e também se desconsiderou que haveria tentativas de burla dos deveres estudantis.

Com todo o supracitado, temos a última categoria, 5. Reconhecimento da importância da escola, onde o entrevistado reconhece a importância do ambiente escolar não apenas para passar conteúdos e saberes, mas também como um ambiente de socialização aos educandos e que estes também gostam de estar dentro da escola por motivações sociais, como o contato com amigos e criação de laços afetivos, exemplificado nesse recorte “[...] , porque a gente sentia que os alunos estavam precisando, que os alunos estavam carentes, eles gostam da escola, o espaço ali, encontrar os amigos, para eles era uma coisa necessária”, portanto a escola, mesmo que em espaço virtual, necessitava ser mais acolhedora aos educandos, proporcionar mais interações e formação de vínculos, tanto entre os alunos, quanto entre os alunos e o restante da comunidade como forma de suprir as necessidades emocionais de seu público alvo, especialmente em um momento de tamanha fragilidade social.

Tabela 10: Relação professor-metodologias

Categorias	Descrição da categoria
1. Uso de Plataformas Online e Ferramentas Digitais:	- O professor menciona a tentativa de utilizar plataformas online como o Google Sala de Aula (Classroom) e o Estude em Casa, bem como o Google Meet para encontros virtuais. - Destaca a dificuldade dos estudantes em acessar essas ferramentas devido à falta de prática, falta de dispositivos e problemas de conectividade.
2. Material Complementar	- O professor desenvolveu material teórico complementar, em formato de PDF, com imagens e esquemas para auxiliar os estudantes na compreensão do conteúdo. - Ele menciona a importância de disponibilizar material que permitisse aos estudantes se planejarem com base em suas realidades individuais.
3. Aulas Online	- O professor expressa desafios na preparação de aulas online, destacando a falta de experiência prévia e a dificuldade em elaborar uma didática adequada para esse formato. - O professor relata o uso extensivo do WhatsApp como meio de comunicação com os estudantes, oferecendo disponibilidade 24 horas, incluindo fins de semana, para tirar dúvidas e auxiliar no aprendizado. - Ele menciona o desânimo causado pela falta de engajamento dos estudantes, que tinham assumido novas responsabilidades em casa durante a pandemia.

4. Atividades e Estratégias Alternativas	- O professor relata a realização de rodas de conversa e discussões de temas relacionados às ciências da natureza, abrindo espaço para sugestões dos estudantes. - Menciona a promoção de atividades práticas, como a criação de arte com materiais recicláveis, incentivando o retorno dos estudantes com prêmios como cestas básicas.
--	--

Fonte: Do Autor

Em relação à grande área Professor-metodologias, distinguiu-se quatro categorias, a primeira 1. Uso de Plataformas Online e Ferramentas digitais discursa sobre dois pontos a respeito das ferramentas disponíveis para a realização do ERE, primeiramente, tem-se no relato do professor a clareza de que o mesmo tentou fazer uso das mídias digitais em mais de uma ocasião, sendo que o Google Meet e o Google sala de aula (Google Classroom) apresentam-se como as ferramentas mais usadas devido ao fornecimento do e-mail institucional para os alunos acessarem tais plataformas, como dito em “Ai, pera aí, pera aí, que agora você me pegou, tinha o, aquele Google escolar?”

Isso, o classroom, aí ele tinha o estude em casa também, que era, é uma página do governo estadual, onde ele disponibilizava os PETs e tinha as vídeo aulas que eram disponibilizadas na rede minas, na época e tinha o classroom” e “O classroom, isso. O Google Sala de Aula, aí eu disponibilizava lá e tava lá para quem quisesse ler, então era o suficiente, era um material completo para eles lerem, porque na minha concepção, oh Heitor, isso era mais “democrático”, entre aspas, o aluno conseguir se planejar, em cima do planejamento dele, obviamente, da realidade dele, do contexto dele [...]”, em especial, este último trecho destaca como o Google Sala de aula permitia a autonomia do educando em relação aos seus horários, uma vez que a plataforma permite a postagem de conteúdos e mídias audiovisuais para acesso posterior e também viabiliza o upload por parte dos educandos.

O professor também denota que a maior parte de suas interações digitais deram-se por meio do Whatsapp, uma rede social já mencionada nesta seção, a exemplo da seguinte fala "Então, assim, foi o Google Classroom, tinha o WhatsApp, noventa por cento do meu tempo foi o WhatsApp [...]", onde por uma série de fatores já explorados (falta de equipamentos, compartilhamento de celulares e computadores, falta de acesso à internet de qualidade) tornou-se o local mais viável para a comunicação e circulação de atividades, majoritariamente

como forma de retorno dos alunos “...E aí as entregas das atividades, Heitor, mais uma vez, era uma entrega online, eles tiravam fotos e me mandavam no WhatsApp, aí se eu não tivesse um computador apto a receber essas imagens todas, porque eram caminhões de fotos que eu recebia, de todas as minhas turmas, se eu não tivesse uma internet de qualidade, [...]”.

Outro aspecto elucidado nesta categoria está para a falta de acesso por parte dos estudantes às TIC, uma questão transversal ao processo de ensino e aprendizagem, não somente durante o ERE, mas durante, também, a história da educação brasileira, pois a mesma mostra-se como reflexo das condições socioeconômicas dos estudantes da Escola Pública Estadual, “os estudantes com essa ferramenta que não deu certo, a gente não tinha retorno, não só pela dificuldade de acessar o e-mail, mas pela falta de... de tecnologia mesmo, ou não tinha internet em casa...”, o professor ressalta, também, que mesmo o acesso, os educandos não possuíam familiaridade com as tecnologias, aspecto já abordado nesta seção, o que dificultou o uso, por parte do docente o uso das TIC, como expresso no seguintes trecho:

“[...] a gente criava links para encontros diários ou semanais com as turmas, mas o retorno era zero, porque noventa e oito por cento dos meus meninos não sabiam utilizar o e-mail, cada... para você acessar a plataforma você precisava de um login e uma senha, esse login é o e-mail institucional do estado, que o estado disponibilizou para os alunos, mas eles não tinham a prática, não tinham o conhecimento de como acessar essas plataformas, então a primeira parte foi pra tentar ambientar os meninos, os estudantes com essa ferramenta que não deu certo, a gente não tinha retorno, não só pela dificuldade de acessar o e-mail, mas pela falta de... de tecnologia mesmo, ou não tinha internet em casa, quando tinha, era um celular da mãe e do pai que era dividido com, é, sei lá, outros quatro irmãos e aí só conseguia ter acesso ao celular quando a mãe ou pai chegava do trabalho [...]”

Fora o uso das redes sociais e plataformas on-line, o professor também expressou preocupação em produzir o próprio material para os alunos, como relatado na segunda categoria, 2. Material Complementar, “Para tentar superar esses obstáculos, busquei alternativas, como disponibilizar material teórico complementar em PDF. Esse material continha esquemas e imagens para facilitar a compreensão do conteúdo.”, percebe-se que tal material foi desenvolvido no intuito de facilitar os estudos dos educandos, tendo em mente as dificuldades previamente mencionadas, além de retirar matérias da internet produzidos por terceiros que pudessem viabilizar o processo de ensino e aprendizagem como um todo:

“Mas eu respondi, então noventa por cento do meu tempo era o whatsapp, eu preparava esse material complementar, eu disponibilizava vídeos de pessoas que produzem conteúdo rico e bom, né, online [...]”

Assumo que o entrevistado tenha procurado tais materiais online devido ao pouco tempo de preparo e pouco treinamento disponível para o ERE, o que pode ter impactado na sua capacidade de lecionar à distância, levando-o a buscar informações e conteúdos produzidos por pessoas que já dispunham de facilidade com as mídias digitais, além de recursos para fazê-los.

A terceira categoria está ligada às 3. Aulas Online, mais especificamente, nas dificuldades relacionadas ao contexto das aulas online, nesta categoria, traz-se o material complementar disponibilizado pelo professor “Mas eu respondi, então noventa por cento do meu tempo era o whatsapp, eu preparava esse material complementar, eu disponibilizava vídeos de pessoas que produzem conteúdo rico e bom, né, online”.

Assumo que devido a inexperiência com o formato de aulas online, o professor dedicou um tempo especial para poder reunir materiais e conteúdo de pessoas que trabalham com divulgação científica dentro da internet, de modo que suprisse tanto as necessidades tanto dos estudantes quanto do entrevistado: “É, o material eu vou dizer que eu fiz um apanhado teórico complementar, porque ele estava... era o conteúdo disponível na internet, então eu tirava ele, colocava as devidas referências, né, nesse arquivo em PDF, colocava imagens, sugeri muita aula no YouTube de professores especializados nisso”.

Ademais, as aulas também contavam com a baixa participação dos estudantes, como relatado anteriormente na seção Professor-alunos, mas tamanha debandada gerou consequências ao psicológico do professor, assim contou ele:

“Cara, na real mesmo, eu pensei em desistir várias vezes, porque eu não me senti professor nesses dois anos trabalhando no estado, apesar de ter trabalhado muito mais do que eu trabalho no presencial, né, porque a gente, o estado terceirizou o nosso serviço no sentido de, bom, *vocês precisam desenvolver todas as formas possíveis de vocês ajudarem os seus estudantes*[...]”

Com isso, considero que a visão do docente sobre seu próprio trabalho entrou em choque, a realidade do covid modificou completamente a dinâmica de ensino de maneira tal que o docente não percebia a significância de seus esforços, desamparo e acima de tudo não sentia-se competente como professor apesar de dedicar horas significativas de seu tempo para preparo das aulas, atendimento aos alunos e orientações pedagógicas, mesmo que isso significasse abdicar de horas de lazer, retomando o ponto já abordado em outras categorias.

Destarte o supracitado, percebe-se que o professor se manteve motivado à sua maneira, o que leva a quarta categoria 4. Atividades e Estratégias Alternativas, muitas delas já mencionadas na relação professor-aluno, principalmente a roda de conversa para a discussão de temas mais atuais: "e a gente costumava fazer rodas de conversa das ciências da natureza, principalmente com os meninos... a gente abria pra escola de maneira geral, para todas as turmas, mas os alunos mais frequentes eram os alunos do ensino médio, então nessas rodas de conversa a gente... nós discutia alguns assuntos, como por exemplo nós discutimos as grandes pandemias do mundo, não foram muitas, não porque isso foi uma iniciativa que a gente começou a tomar logo no início da pandemia e aí veio o híbrido e gente parou [...]".

Mas o destaque para as estratégias alternativas está na utilização da arte como forma de expressão, onde os professores solicitaram aos alunos que realizassem obras com materiais recicláveis e ofereceram bonificações a partir do próprio dinheiro:

"[...] a gente pediu pros meninos criarem artes usando material reciclável, de dentro de casa, com interpretações visuais, mesmo, que eles tinham em relação ao meio ambiente, é a semana da preservação do meio ambiente, é alguma data comemorativa. Mês de novembro, se não me engano, e... é... então a gente fazia essas práticas com os meninos, a gente fazia concursos, a gente estimulava o retorno, então a gente fazia... incentivava com prêmios, também, sabe, a gente fazia... ia no supermercado e juntava cesta básica e punham alguma coisa que no momento ali, meu filho, cesta básica salvava muitas famílias, né [...]".

O professor aliou arte e assistência social como forma de cativar os alunos, compreendendo as novas demandas do momento e adaptando-se a elas, além de proporcionar o contato com cultura, pois ainda se utilizou filmes para fomentar a participação dos educandos e em adição, houve o incentivo ao artesanato local, pois o docente relata ter contatado um artesão para participar destes momentos atípicos, principalmente no retorno ao ensino presencial de forma híbrida:

"[...] a gente abriu espaço para discutir diferentes propostas, lógico que as ciências da natureza permeava isso aí, né, e a gente abria para outros professores, também, então nesse momento da arte, por exemplo, que a gente fez, a professora de artes participou, porque era... o que a gente propôs a gente chama de "land arts", a tradução ao pé da letra seria "artes da terra", mas utilizavam materiais do meio ambiente para preparar a arte, então a gente usou materiais recicláveis dentro de casa, então a professora de artes veio e deu uma palestra, a gente passou um filminho, discutiu com eles sobre um artesão de São João del Rei, muito

bacana, então a gente teve um retorno muito legal em relação a isso... e era basicamente isso, assim, de ferramentas alternativas, né, que a gente tinha.”.

Ressalta-se que o momento de tensão proporcionou ao professor reflexão sobre o seu trabalho, mesmo que levando-o a pensamentos niilistas sobre si mesmo e suas capacidades, algumas estratégias surgiram como devido à necessidade de encantar e trazer os discentes de volta para a escola, o que aflorou a criatividade do entrevistado mesmo dentro de uma crise sanitária e, possivelmente, uma crise identitária/pessoal do próprio docente em relação a si.

Tabela 11: Relação professor-pessoal

Categorias	Descrição da categoria
1. Influência de Professores	- Ele menciona que teve professores que o inspiraram e apoiaram em sua decisão de se tornar professor. Essa influência positiva desempenhou um papel importante em sua escolha de carreira.
2. Retorno à Sociedade	- O professor expressa o desejo de retribuir à sociedade o investimento feito nele, especialmente durante sua formação acadêmica como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Ele acredita que a educação é uma maneira eficaz de retornar esse investimento.
3. Conscientização sobre as Dificuldades da Educação Básica:	- Ele ressalta que, ao começar a trabalhar na educação básica, ele percebeu a quão desafiadora é a realidade dentro das escolas públicas. Ele menciona as dificuldades relacionadas ao pagamento e ao reconhecimento dos professores como fatores que influenciaram sua decisão de buscar oportunidades no ensino superior, considerando suas necessidades financeiras.

Fonte: Do Autor

Dentro da quarta grande área, temos 3 categorias, mas antes de relatar as mesmas, ressalta-se a visão do professor em relação ao trabalho docente, uma concepção anterior à sua graduação, onde o entrevistado relata sua forma de estudos que se baseava em realizar palestras para objetos inanimados, como uma forma de fixar a matéria e o conteúdo estudado por ele, expresso em "Então, Heitor, eu tinha, eu gostava muito assim de..., eu tinha o costume de estudar para as provas, desde moleque, assim, ensinando, então eu ensinava pras 'cadeira', 'pros objeto' da sala de casa, assim como um hobby mesmo, como uma brincadeira, na verdade inicialmente como uma brincadeira e como um método de estudo...", aqui o docente revela que sua carreira como docente foi influenciada por um hobby que possuía e

também relata que via à docência como um hobby, como uma ocupação que os profissionais realizavam em seu tempo livre até o momento em que se graduou como professor.

“[...] aí depois eu fui vendo que eu realmente tinha uma vontade maior em relação ao ser professor e aí eu tinha uma ideia que ser professora era um hobby, né, mas, na verdade, a gente sabe que não é e eu fui descobrir isso na graduação, então a gente tem uma aptidão para isso e é uma aptidão que demanda muito conhecimento, muita prática, o exercício em si, não enquanto licenciando, então era uma área que sempre me agradou.”

Percebe-se que a graduação auxiliou o entrevistado a mudar seu ponto de vista em relação à práxis docente, percebendo que é uma habilidade a ser desenvolvida e treinada pelo profissional e tal demanda da profissão docente o encantou e auxiliou em sua tomada de decisão acerca de sua carreira profissional, não obstante, houve a influência de outros professores em seu caminho que também o levaram a consolidar sua escolha pelo ramo, o que conduz para a primeira categoria desta área, 1. Influência de professores, em seu relato para a entrevista, o docente aponta que para além do gosto pessoal e da graduação que desenvolveram suas habilidades, segundo apontado por ele, inatas, também contou com o apoio de profissionais, agora colegas de profissão que o encorajaram durante sua trajetória, não apenas com orientações, mas também como figuras a se espelhar, como modelos de profissionais e como um ponto de apoio para a decisão que tomou “Tive bons professores, uma coisa, alguns me inspiraram bastante, me apoiaram na tomada da decisão, então fatores que me, que me fizeram escolher a área em si[...]”

Tal contato com os professores durante sua graduação mostra-se como um ponto de virada em seu pensamento acerca da docência, sendo um dos fatores principais para a sua formação e para sua escolha profissional, visto que a primeira impressão do professor acerca do seu próprio trabalho era uma visão de passa tempo, algo que mudou no interior de seu discernimento sobre o assunto e que resultou no cargo em que ocupa.

Aliado aos fatores anteriormente citados, temos a segunda categoria que versa sobre 2. Retorno à sociedade, na qual o entrevistado demonstra senso de gratidão e de responsabilidade para com a sociedade, entre os motivos para tal pensamento, tem-se em seus relatos que:

“Tive bons professores, uma coisa, alguns me inspiraram bastante, me apoiaram na tomada da decisão, então fatores que me, que me fizeram escolher a área em si, e poder voltar pra sociedade o que a sociedade me concebeu em algum momento, né, eu acho que é uma das profissões que permite a gente fazer isso, é, todos os investimentos que foram colocados em mim, ao longo da minha vida enquanto bolsista, que sempre fui do PIBID (*Programa*

Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), por exemplo, acho que a educação permite que a gente retorne esse investimento, esse investimento de uma maneira mais rápida, né, mais eficaz, digamos assim.”

O investimento que o entrevistado aponta como advindo da sociedade deve-se ao fato de o mesmo ter cursado Licenciatura em uma instituição Federal, a Universidade Federal de Lavras, de acordo com o seguinte trecho da entrevista: “Tá, então eu vim pra Lavras em 2010 fazer minha graduação em Ciências Biológicas, modalidade Licenciatura e o que me motivou a vim para Lavras é justamente o fato da Universidade, o curso ser mais voltado para a parte da botânica, [...]”; seu senso de gratidão vai para além do simples dever com a sociedade, mas como uma forma de agradecer pela oportunidade de cursar o ensino superior em um foco no qual lhe era apazível

Contudo, o professor, apesar de seu interesse pela docência e senso de dever para com a sociedade, reconhece que o trabalho de ensinar apresenta obstáculos por vezes onerosos, o que conduz à última categoria, 3. Conscientização sobre as Dificuldades da Educação Básica, em seus relatos, o entrevistado reconhece as falhas e falta de oportunidades para os docentes, bem como a baixa remuneração e pouco reconhecimento que o professor recebe perante a sociedade, explicitado no seguinte trecho:

“hoje com essas 27 aulas que é um cargo e um pouquinho mais, né, eu já me sinto completamente exaurido fisicamente, psicologicamente, com dois cargos eu não... eu não... eu sinto que eu não serei completo enquanto professor, eu vou tá empurrando com a barriga uma situação pra poder ter uma folguinha no final do mês, a realidade é basicamente essa...”

O entrevistado faz alusão à carga horária exaustiva do professor, um panorama alinhado a outras categorias que ressaltam a complexidade e diversidade da docência, que vai para além da preparação de aulas, mas perpassa lidar com realidades, exercer outros encargos e preocupar-se com as faculdades físicas e mentais dos estudantes, aspectos estes já explorados na relação entre o professor e a escola e entre o professor e os alunos, ou seja, ser um docente significa, de acordo com o que foi demonstrado pelo participante da entrevista, exercer outros papéis que por vezes são invisibilizados e não compensados pelo empenho do docente.

Percebe-se que tamanha disparidade entre o que ele realiza na escola e o reconhecimento que financeiro e social que recebe para estar lá como professor levam o entrevistado a busca por outras oportunidades por meio da pós-graduação, no qual o mesmo destaca ter interesse em lecionar no ensino superior, sendo esta uma das motivações para a

sua especialização por meio do mestrado e do doutorado, em busca de melhores oportunidades de emprego:

“Eu fiz pós-graduação justamente pensando nisso, né, quando a gente começa a realmente adentrar dentro de uma escola, dentro do estado (*escolas estaduais*), né, a gente vê o quão difícil é, não só em questão, as questões que a gente já conhece, né, que a gente sabe bem dentro de uma escola pública, mas em relação ao pagamento, também, ao salário, né, que é o reconhecimento, infelizmente é triste. Dizer que a gente consegue se manter com um salário de professor do estado, com um cargo de professor do estado, trabalhando mais do que a gente deveria trabalhar, a gente sabe que é mentira, né e dizer que eu quero viver com esse salário o resto da minha vida, é hipocrisia da minha parte...apesar de *amar* o que eu faço, não é uma questão de não gostar do que eu faço, é uma questão mesmo de necessidade financeira, então se eu falar que eu não...se eu tiver a oportunidade, eu não vou abraçar essa oportunidade no ensino superior, é mentira, eu fiz mestrado e doutorado pensando nisso, entendeu?”

As dificuldades da educação básica, apesar de ser uma das áreas que o entrevistado gosta e tem prazer em trabalhar, levam-no a procurar por outras perspectivas, outros lugares para que possa lecionar, ainda que pretenda sair do ensino básico, o entrevistado pretende continuar sua carreira como professor, mas em um ambiente que o valorize mais por sua qualificação profissional, valorização esta na forma de um salário melhor, que lhe dê condições dignas de viver, de estudar e de se aperfeiçoar enquanto docente, o que segundo sua fala, não é possível dentro do Ensino Básico Estadual, tanto pela baixa remuneração, como por outros problemas, a exemplo de salas superlotadas, acúmulo de tarefas, burocratização da profissão e dificuldades já abordadas a exaustão por este trabalho.

Em resumo, a motivação do professor para escolher a carreira de docência está enraizada na influência de professores inspiradores e no desejo de retribuir à sociedade. No entanto, ele também reconhece as dificuldades da educação básica e a necessidade de buscar oportunidades no ensino superior para garantir sua estabilidade financeira. Essa dualidade de motivações ilustra os desafios enfrentados pelos professores na escola pública e destaca a importância de valorizar e apoiar os educadores em sua jornada profissional.

As categorias destacadas no texto revelam aspectos cruciais da realidade enfrentada pelos professores. Desde as condições de trabalho, salários e carga horária exaustiva até a falta de reconhecimento e as dificuldades enfrentadas no contexto escolar, o texto aborda uma ampla gama de questões que impactam a vida profissional dos educadores.

É evidente que os desafios enfrentados pelo professor são multifacetados e complexos. A falta de incentivo para a formação continuada, a sobrecarga de trabalho e a desmotivação são apenas alguns dos obstáculos que os docentes enfrentam diariamente. Além disso, a

pandemia da COVID-19 trouxe novos desafios, como a transição para o ensino remoto e a necessidade de adaptação a um ambiente de aprendizagem virtual.

No entanto, apesar dos desafios, o texto também destaca a resiliência e a dedicação do professor em enfrentar essas dificuldades. A busca por estratégias alternativas, a criatividade na adaptação ao ensino remoto e o compromisso em garantir a continuidade do processo de ensino e aprendizagem são exemplos claros do profissionalismo e do comprometimento dos educadores.

Em última análise, o texto ressalta a importância de valorizar e apoiar os professores em sua jornada profissional. A valorização do trabalho docente, a melhoria das condições de trabalho e o reconhecimento do papel fundamental dos professores são aspectos essenciais a serem considerados para garantir uma educação de qualidade para todos. Somente através de uma abordagem holística e colaborativa, que reconheça e aborde os desafios enfrentados pelos professores, será possível construir um sistema educacional mais justo, equitativo e eficaz.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desafios enfrentados pelos professores durante o período de Ensino Remoto Emergencial (ERE) são multifacetados e refletem a complexidade da adaptação ao novo cenário educacional imposto pela pandemia da COVID-19. Um dos principais desafios destacados é a necessidade de lidar com as dificuldades tecnológicas, que incluem desde a familiarização com plataformas digitais até a garantia do acesso dos alunos a essas ferramentas. A rápida transição para o ensino online exigiu dos professores um esforço adicional para adaptar seus métodos de ensino e garantir a continuidade do processo educacional de forma eficaz.

Além disso, os professores enfrentam o desafio de reestruturar seus planejamentos de aula para o ambiente virtual, considerando as limitações e possibilidades oferecidas pela tecnologia. A integração de diferentes plataformas e a busca por estratégias eficazes de ensino à distância tornaram-se imperativas para manter o engajamento e a participação dos alunos.

Outra questão relevante é a necessidade de lidar com os problemas socioeconômicos enfrentados pelos estudantes e suas famílias. A falta de acesso adequado à tecnologia, as novas responsabilidades assumidas pelos alunos em casa e o contexto de incerteza contribuem para a marginalização do ensino e o desinteresse dos alunos pelos estudos. Nesse sentido, os professores precisam desenvolver uma abordagem sensível e inclusiva que leve em consideração as diferentes realidades dos seus alunos.

Diante desses problemas, torna-se evidente a importância do suporte tecnológico, socioeconômico e teórico-metodológico para garantir a efetividade do processo educacional durante a pandemia. Políticas públicas que visem garantir o acesso equitativo à educação e oferecer suporte financeiro e estrutural tanto para os educadores quanto para os estudantes e suas famílias são fundamentais. Portanto, os desafios enfrentados pelos professores durante o período de Ensino Remoto Emergencial destacam a necessidade de uma abordagem holística e colaborativa para superar esses obstáculos e promover uma educação de qualidade para todos, mesmo em meio às adversidades impostas pela pandemia.

Por outro lado, as estratégias adotadas pelos professores durante o período de Ensino Remoto Emergencial (ERE) refletem a necessidade de adaptação rápida e criativa diante dos desafios impostos pela pandemia da COVID-19. A análise revela que os professores buscaram integrar uma variedade de recursos didáticos, como vídeos, áudios, ambientes virtuais de aprendizagem, textos e redes sociais, para garantir a continuidade do processo educacional. Destaca-se a importância da adaptação dos professores ao uso dessas ferramentas, seja produzindo conteúdo próprio ou indicando materiais já existentes. A integração entre diferentes plataformas, como Google Meet e Google Classroom, foi reconhecida como uma estratégia eficaz para compartilhamento de materiais entre educadores e alunos, evidenciando a busca por soluções colaborativas e integradas.

No entanto, é importante ressaltar a dissonância entre as estratégias dos professores e as políticas educacionais adotadas em nível nacional, especialmente em relação ao uso de redes sociais em comparação com ambientes virtuais de aprendizagem. Isso sugere a necessidade de maior coerência e alinhamento entre as estratégias adotadas pelos professores e as diretrizes governamentais. Além disso, as estratégias dos professores durante o ERE foram influenciadas pelos desafios enfrentados pelos estudantes, como a falta de acesso à tecnologia e as novas responsabilidades assumidas em casa. Os professores tiveram que lidar com dificuldades tecnológicas, reestruturar seus planejamentos de aula e enfrentar os desafios socioeconômicos enfrentados pelos estudantes e suas famílias, exigindo um esforço adicional para adaptar seus métodos de ensino.

Diante desses desafios, destaca-se a viabilidade e versatilidade das ferramentas do G-Suite, reconhecidas como uma estratégia eficaz para o ensino remoto. No entanto, é fundamental garantir o acesso equitativo à tecnologia e oferecer suporte financeiro e estrutural tanto para os educadores quanto para os estudantes e suas famílias; por fim, as estratégias adotadas pelos professores durante o ERE refletem sua resiliência e comprometimento em

garantir a continuidade do processo educacional em meio às adversidades impostas pela pandemia. Porém, é vital reconhecer e abordar os desafios enfrentados pelos professores e estudantes de forma holística e colaborativa, visando garantir uma educação de qualidade para todos.

Diante da análise apresentada no trabalho, é possível identificar uma série de desafios enfrentados pelos professores e alunos, especialmente durante o período de pandemia da COVID-19 e o ensino remoto emergencial. Desde as condições de trabalho dos educadores até as dificuldades socioeconômicas dos alunos, os textos revelam uma complexa teia de obstáculos que impactam o processo educacional como um todo. Nesse contexto, torna-se evidente a necessidade urgente de implementar soluções que abordem esses desafios de forma abrangente e eficaz. Para tanto, algumas medidas podem ser sugeridas:

1. Valorização e Apoio aos Professores: É necessário reconhecer o papel fundamental dos professores na sociedade e garantir que sejam devidamente valorizados e apoiados. Isso inclui a melhoria das condições de trabalho, a adequada remuneração e o acesso a programas de formação continuada de qualidade.

2. Investimento em Tecnologia e Infraestrutura: Para enfrentar os desafios do ensino remoto e das consequências deixadas pelo COVID-19, é necessário investir em tecnologia e infraestrutura adequadas, garantindo o acesso equitativo de todos os alunos e professores a recursos digitais e conectividade à internet.

3. Políticas Educacionais Coerentes e Alinhadas: É essencial que as políticas educacionais adotadas em nível nacional estejam coerentes e alinhadas com as necessidades e realidades locais, garantindo uma abordagem consistente e eficaz para enfrentar os desafios educacionais, abrindo margem para que tanto educadores quanto educandos expressem suas reais necessidade e anseios.

4. Suporte Socioeconômico aos Estudantes e Famílias: Para garantir a participação plena dos alunos no processo educacional, é necessário oferecer suporte socioeconômico às famílias, incluindo acesso à alimentação adequada, assistência social e apoio psicológico dentro das escolas, composta por uma equipe de profissionais especializados a auxiliar toda a comunidade da escola.

5. Abordagem Abrangente e Integrada: Uma abordagem abrangente e integrada, que considere não apenas o aspecto acadêmico, mas também as necessidades sociais, emocionais e de saúde dos alunos, é essencial para promover uma educação inclusiva e de qualidade.

Em suma, é imperativo que sejam implementadas medidas concretas e efetivas para enfrentar os desafios educacionais levantados nos textos, balizadas nas necessidades expressas pelos professores e também pelos alunos e responsáveis dos menores que estão na escola. Somente através de uma abordagem colaborativa e comprometida será possível garantir uma educação de qualidade para todos, mesmo em meio às adversidades impostas pela pandemia e pelo ensino remoto emergencial.

REFERÊNCIAS

- ANTHONY JNR, Bokolo; NOEL, Selwyn. **Examining the adoption of emergency remote teaching and virtual learning during and after COVID-19 pandemic**. International Journal of Educational Management, v. 35, n. 6, p. 1136-1150, 2021.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições70, 2010.
- BARTELMEBS, Roberta Chiesa. **Analisando os dados na pesquisa qualitativa**. 2013.
- BRACCO, Jessica et al. **The Impact of COVID-19 on Education in Latin America**. 2022
- BESSA, Aline D. et al. **Introdução às redes complexas**. Universidade Federal da Bahia, 2010.
- CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. **Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.
- CAMPOS, C. J. G. (2004). **Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde**. Revista Brasileira de Enfermagem, 57(5), 611-614. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672004000500019>
- CAMPOS MARQUES, Cristiane; RAMOS SANTOS FLORINDO, Evanilde; PESSOA CAIRES PEREIRA, Maria do Alívio. **A PANDEMIA DO COVID-19 E O TRABALHO DOCENTE: MOVIMENTOS DE (RE) INVENÇÃO, RESISTÊNCIA E (RE) EXISTÊNCIA. Colóquio do Museu Pedagógico-ISSN 2175-5493**, v. 14, n. 1, p. 451-455, 2022.
- CARRARO, Marcia Regina Simpioni; OSTEMBERG, Eber; DOS SANTOS, Pricila Kohls. **As tecnologias digitais na educação e nos processos educativos durante a pandemia do COVID-19**. Educação Por Escrito, v. 11, n. 2, p. e38859-e38859, 2020.
- DA SILVA, Amanda Moreira. **A uberização do trabalho docente no Brasil: uma tendência de precarização no século XXI**. Revista Trabalho Necessário, v. 17, n. 34, p. 229-251, 2019.
- DA SILVA, Fabio José Antonio et al. **As dificuldades encontradas pelos professores no ensino remoto durante a pandemia da COVID-19**. Research, Society and Development, v. 11, n. 2, p. e17511225709-e17511225709, 2022.
- DE AMORIM, Douglas Carvalho; COSTA, Cleide Jane de Sá Araújo. **PRODUTOS EDUCACIONAIS DIGITAIS PARA AUXÍLIO EM AULAS REMOTAS DE BIOLOGIA NO CONTEXTO DE (PÓS) PANDEMIA COVID-19. Revista Docência e Cibercultura**, v. 6, n. 5, p. 303-317, 2022.
- DE CASTRO NETA, Abília Ana et al. **Contextos da precarização docente na educação brasileira**. Revista Exitus, v. 10, p. e020037-e020037, 2020.

DE OLIVEIRA, Jerffeson Miguel; ARAÚJO, Zilda Tizziana Santos. **Desafios e estratégias do trabalho docente no cenário de pandemia**. In: Congresso Nacional de Educação: Educação como (re) Existência: Mudanças, conscientização e conhecimentos. VII. 2020.

FEOFILOFF, Paulo; KOHAYAKAWA, Yoshiharu; WAKABAYASHI, Yoshiko. **Uma introdução sucinta à teoria dos grafos**. 2011.

FERNANDES, Baltazar. **Manual Iramuteq**. Acesso em, v. 28, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Editora Paz e Terra, 2014.

KLANT, Luciana Maria; DOS SANTOS, Vanderley Severino. **O uso do software IRAMUTEQ na análise de conteúdo-estudo comparativo entre os trabalhos de conclusão de curso do ProfEPT e os referenciais do programa**. Research, Society and Development, v. 10, n. 4, p. e8210413786-e8210413786, 2021.

KUPPER, Agnaldo. **Educação brasileira: reflexões e perspectivas**. Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa, v. 20, n. 39, p. 50-60, 2020.

METZ, Jean et al. **Redes Complexas: conceitos e aplicações**. 2007.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

NOVAES, Adelina et al. **Educação escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da Educação Básica-Informe 1**. Fundação Carlos Chagas. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/fcc/educacaopesquisa/educacao-escolar-em-tempos-de-pandemia-informe-n-1>, acesso em nov, 2020.

NOVAES, Adelina et al. **Similaridades e diferenças nas redes de ensino, sexo e cor/raça-Informe 2**. Fundação Carlos Chagas. Disponível em: [Educação escolar em tempos de pandemia - Informe n.2 | FCC](#), acesso em nov, 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Report of the Special Rapporteur on the promotion and protection of the right to freedom of opinion and expression, Frank La Rue**. 16 May 2011. Disponível em: <[Microsoft Word - A HRC 17 27 FOR PROCESSING -2-.doc \(ohchr.org\)](#)> . Acesso em: 15/06/2023.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor**. Revista da Faculdade de Educação, v. 22, n. 2, p. 72-89, 1996.

PRAIA, João; CACHAPUZ, António; GIL-PÉREZ, Daniel. **A hipótese e a experiência científica em educação em ciência: contributos para uma reorientação epistemológica**. Ciência & Educação (Bauru), v. 8, n. 2, p. 253-262, 2002.

RESENDE, Gabriela. **Redes sociais ilimitadas: quais planos oferecem essa vantagem?**. Portal de planos, 2023. Disponível em <[Redes sociais ilimitadas: conheça planos com essa vantagem \(portaldeplanos.com.br\)](#)>. Acesso em: 15/06/2023.

RIBEIRO, Maria Luísa Santos. **História da educação brasileira: a organização escolar**. Autores associados, 2001.

RODRIGUES, Carolina Rebelo; CORREIA, Inês Marques; MARTINS, Isabel Catarina. **A escola em nossa casa: o envolvimento parental no ensino a distância**. Gestão e Desenvolvimento, n. 29, p. 357-379, 2021.

SÁ, Tiago Tavares; NETO, Francisco Raimundo Alves. **A docência no Brasil: história, obstáculos e perspectivas de formação e profissionalização no século XXI**. Revista Tropos, v. 5, n. 1, p. 1-14, 2016.

SARAIVA, Karla; TRAVERSINI, Clarice Salete; LOCKMANN, Kamila. **A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente**. Práxis educativa. Ponta Grossa, PR. Vol. 15 (2020), e2016289, p. 1-24, 2020.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. 42^a ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SAVIANI, Demerval. **Sobre a natureza e especificidade da educação**. Germinal: Marxismo e Educação em Debate, v. 7, n. 1, p. 286-293, 2015.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. **Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos**. Qualitas Revista Eletrônica, v. 16, n. 1, 2015.

SOUZA, Euridiana Silva. **Músicos-educadores: reflexões sobre atuação profissional de músicos no ensino, educação musical superior e expectativas de alunos e egressos de universidades de minas gerais/Brasil**. SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LA RED ESTRADO, v. 11, p. 1-16, 2016.

TINTI, Douglas da Silva; BARBOSA, Geovane Carlos; LOPES, Celi Espasandin. **O software IRAMUTEQ e a Análise de Narrativas (Auto) biográficas no Campo da Educação Matemática**. Bolema: Boletim de Educação Matemática, v. 35, p. 479-496, 2021.

TOZONI-REIS, M.F.C. **Metodologia de Pesquisa Científica**. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2007.

TREIN, Eunice Schilling. **A educação ambiental crítica: crítica de quê?**. Revista Contemporânea de Educação, v. 7, n. 14, 2012.

UNESCO. **Latin American Education Systems in response to COVID-19: Educational continuity and assessment**. 2020. Acesso em: 25/01/2024. Disponível em <[Latin American Education Systems in response to COVID-19: Educational continuity and assessment: analysis from the evidence of the Latin American Laboratory for Assessment of the Quality of Education \(LLECE\): programme document, July 2020 - UNESCO Digital Library](#)>

UNICEF, UNESCO. Situation analysis on the effects and responses to COVID-19 on the Education Sector in Asia. 2021. Acesso em: 25/01/2024. Disponível em: <[Situation Analysis on the Effects of and Responses to COVID-19 on the Education Sector in Asia | Education in Asia-Pacific \(sdg4education2030.org\)](#)>

VIEGAS, Rafael Rodrigues; BORALI, Natasha. **Análise de conteúdo e o uso do Iramuteq.** SOCIAL, 2022.

ANEXO A - Respostas do questionário

01 Qual a sua área de formação?

- P01 - Ciências biológicas
- P02 - Licenciatura em física
- P03 - Professor
- P04 - Ciências Biológicas
- P05 - Graduação ciências biológicas licenciatura
- P06 - Licenciatura plena em Química
- P07 - Física
- P08 - Ciências Biológicas
- P09 - Biologia Licenciatura
- P10 - Superior/ Especialista em Física

02 Em que ano se graduou?

- P01 - 2008
- P02 - 2010
- P03 - 1996
- P04 - 2015
- P05 - 2005
- P06 - 2002
- P07 - 2008
- P08 - 2001
- P09 - 2003
- P10 - 1983

03 Quantos anos você tem?

- P01 - 39
- P02 - 33
- P03 - 54 anos
- P04 - 35
- P05 - 38
- P06 - 42 anos

P07 - 50

P08 - 47

P09 - 41

P10 - 66 anos

04 Há quanto tempo trabalha como professor(a)

P01 - 10

P02 - 11 anos

P03 - 24 anos

P04 - 3 anos

P05 - 17 anos

P06 - Há 18 anos

P07 - 16

P08 - 20 anos

P09 - 19 anos

P10 - 35 anos

05 Há quanto tempo trabalha na rede pública de ensino?

P01 - 10

P02 - 11 anos

P03 - 20 anos

P04 - 3 anos

P05 - 7anos

P06 - 12 anos

P07 - 16 anos

P08 - 20 anos

P09 - 19 anos

P10 - 5 anos

06 Qual a sua cidade de origem?

P01 - Santo Antônio do Grama

P02 - Bom sucesso

P03 - Contagem

P04 - Belo Horizonte

P05 - Lavras mg

P06 - Bom Sucesso

P07 - São João del Rei

P08 - São João del Rei

P09 - Bom Sucesso

P10 - Ribeirão Vermelho - MG

07 Em quantas instituições públicas trabalha atualmente?

P01 - 01

P02 - 02

P03 - 01

P04 - 02

P05 - 02

P06 - 01

P07 - 01

P08 - 01

P09 - 01

P10 - 01

08 Durante as aulas remotas, qual foi a estratégia de ensino que mais utilizou?

P01 - Tira dúvidas via áudio e vídeo.

P02 - grupos de whatsapp, resumos, aulas pelo google meet.

P03 – Meet.

P04 - Preparação de apostilas para suporte teórico; indicação de vídeos no YouTube; aulas e encontros pelo Meet.

P05 - Computador aulas Power pointer.

P06 - Na escola privada foi mesa digital e na pública foi o Teams.

P07 - O google meet.

P08 - Formulário Google, vídeo aulas.

P09 - Grupos de WhatsApp e aulas pelo Google Meet.

P10 - Aplicativo fornecido pelo Estado/ google mett, Se liga na Educação dentre outros pesquisados.

09 Como seu trabalho foi afetado pela pandemia do COVID-19 e quais desafios precisou enfrentar?

P01 - Nós tivemos que buscar os alunos o tempo todo, o desinteresse cresceu muito. Tivemos uma sobrecarga de trabalho atividades e horas muito além das habituais.

P02 - Meu trabalho foi muito afetado pela pandemia, os alunos têm muita dificuldade no conteúdo de física, principalmente quando envolve fórmulas e contas, então apesar de já trabalhar de maneira diferenciada em sala de aula, tive que estruturar um novo planejamento de aulas, visando tornar possível que os alunos conseguissem compreender os conceitos estudando em casa.

P03 - Falta dos alunos e fazer com que os alunos participassem das aulas.

P04 - Drasticamente. Por ser uma novidade para mim e o Estado, o EaD foi um desafio enorme. A necessidade da adaptação rápida, sem uma formação prévia e um planejamento adequado, dificultou bastante o aproveitamento dos estudantes e meu trabalho. As ferramentas ofertadas pela SEE e as exigidas aos professores não foram as melhores na minha opinião. Grande parte dos estudantes não tinham celular, computador ou internet disponível dentro de suas casas. A rotina dos estudantes foi algo que afetou muito o trabalho. Além da falta de estrutura tecnológica em casa, os estudantes tiveram que mudar a rotina, por exemplo, assumiram outras responsabilidades como cuidar da casa, dos irmãos ou empregos temporários, deixando o ensino ainda mais marginalizado. O desânimo e o contexto provocado pelo COVID foi, na minha visão, um dos maiores problemas já que muitos estudantes perderam seus familiares que não puderam ficar em casa.

P05 - Os desafios foram a falta de interesse dos alunos e o acesso por parte deles a internet.

P06 - Tivemos que reinventar de um dia para o outro e aprender a manusear essas tecnologias.

P07 - Baixa participação dos alunos nas aulas remotas por não terem acesso à Internet. Buscar esses alunos para ajudar no processo de aprendizagem.

P08 - Foi muito difícil pois não estávamos preparados para enfrentar um ensino remoto, algo novo e desafiador para as escolas. Tivemos que nos adequar a uma nova modalidade de ensino sem estudo prévio e planejamento. Utilizar de recursos e estratégias os quais não tínhamos o conhecimento necessário. Fomos obrigados a nos reinventar em meio ao caos da situação.

P09 - Dificuldade de manter contato com os alunos, aprender e utilizar as novas ferramentas digitais e trabalhar de forma remota.

P10 - Foi afetado parcialmente uma vez que foi criada novas estratégias para as aulas. Os desafios foram muitos entre eles cito a tecnologia (que eu já conhecia, mas tive que aprender novos métodos) Dificuldade para entrar em contato com alunos (muitos não tinha acesso a tecnologia e a escola não dispunha de um aparato necessário para Professores e alunos no momento).

10 Como sua relação com os estudantes foi afetada?

P01 - Alguns alunos se mantiveram fora das redes sociais ou mídias para as aulas. Fora isso a relação foi bem tranquila, sempre atendia a solicitação de todos.

P02 - Durante o período de pandemia, poucos estudantes mantiam contato, a grande maioria se afastou totalmente dos professores.

P03 - Não tive acesso aos alunos então não sabiam se estavam aprendendo.

P04 - Muitos estudantes eu não cheguei a conhecer pessoalmente ao longo de todo EaD, ou seja, a relação pessoal nem mesmo chegou a ser formada, já que eu conheci alguns poucos virtualmente. A relação interpessoal presencial, a troca e o diálogo são necessários no processo de ensino-aprendizagem. Quando voltamos para o ensino híbrido essa relação começou a ser estabelecida, porém de forma apressada e particionada, uma vez que eram poucos os estudantes presentes e grande eram os intervalos entre as semanas até o próximo encontro.

P05 - Na parte presencial, ficamos distantes

P06 - Com o ensino remoto os alunos ficaram mto distantes, sem entusiasmo etc.

P07 - Muitos alunos eu ainda não tinha uma relação mais efetiva, por não ter tido a oportunidade de conhecer pessoalmente. Isso afetou as aulas progressivamente.

P08 - Complicada diante de tantas dificuldades e problemas enfrentados no ensino remoto e ao mesmo frustrante ao ficar diante de uma realidade na qual pouquíssimos alunos aproveitaram os conteúdos por falta de condição, recursos.

P09 - Dificuldade do contato diário de forma remota.

P10 - Foi afetada de várias formas: 1. Não conheci pessoalmente meus alunos por quase dois anos. Fiquei somente no remoto ouvindo-- os e as vezes vendo algumas fotos. 2. A relação Prof/ aluno no que diz respeito a afetividade ficou totalmente comprometida. 3. O contato o convívio nas dependências da escola tudo isso e muito mais comprometeu nosso trabalho com os estudantes.

11 O que seria necessário para melhorar o seu trabalho durante o ensino remoto?

P01 - Um maior comprometimento da família auxiliando os estudantes e fazendo com que tivessem comprometimento.

P02 - Preparar os alunos em relação às tecnologias, acostumá-los a ter hábito de estudo e, mudar toda a situação social da minha clientela que em sua maioria, possuem vulnerabilidade socioeconômica não tendo acesso a tecnologias em casa.

P03 - A presença e a participação dos alunos.

P04 - Acredito que eu fiz o que pude com as condições que eu tinha dentro de casa e sabendo das condições dos meus estudantes, porém a minha realidade não pode ser generalizada, portanto vou falar de maneira geral. Penso que o Estado poderia ter oferecido um maior amparo para professores e estudantes. Muitos professores e estudantes não tinham

computador disponível em suas casas para a realização do trabalho. Uma formação adequada também fez muita falta de maneira geral, não são todos que tem facilidade com a tecnologia.

P05 - O interesse dos alunos

P06 - Se todos os alunos tivessem acesso à internet e celular, com certeza facilitaria muito o nosso trabalho.

P07 - Que todos os alunos tivessem acesso à Internet além de um computador compatível.

P08 - O custeio por parte do governo para que professores tivessem os recursos necessários e básicos para o ensino remoto como, internet e computador. Desburocratização do processo para otimizar o nosso trabalho e ainda minimizar os problemas enfrentados pelos alunos nos estudos.

P09 - Preparar alunos e professores anteriormente para o ensino remoto e disponibilizar materiais e equipamentos.

P10 - Não só meu, mas de todos os colegas. Precisava mais a participação das políticas públicas.

ANEXO B – Transcrição Da Entrevista

H- Bom dia

P04 – Bom dia

H – Meu nome é Heitor, estarei entrevistando o professor Marco Túlio Mendes, para meu projeto de mestrado, é algumas perguntas que eu farei, elas já foram feitas, mas são só para poder reiterar algumas informações do questionário.

P04 – Ok

H – Então, primeiro, eu gostaria de, de perguntar a sua idade.

P04 – Eu tenho 35 anos.

H – 35 anos...

P04 – Isto.

H – E a quanto tempo você trabalha na educação pública?

P04 – Há uns três anos, três anos e uns meses.

H – Três anos.

P04 – É como efetivo, né, tem umas passagens rápidas como designado, mas nada muito relevante não.

H – É, qual a sua cidade de origem?

P04 – Eu sou de Belo Horizonte.

H – Belo horizonte. E a quanto tempo você...primeiro, o que te motivou a mudar aqui para a região e a quanto tempo que você mora aqui na região?

P04 – Tá, então eu vim pra Lavras em 2010 fazer minha graduação em Ciências Biológicas, modalidade Licenciatura e o que me motivou a vim para Lavras é justamente o fato da Universidade, o curso ser mais voltado para a parte da botânica, né, principalmente o curso de Ciências Biológicas ter um viés mais para o lado da botânica do que da saúde e foi uma das coisas que pesou na minha escolha, porquê é a parte das Ciências Biológicas que eu me identifico mais até hoje, a parte das plantas e consegui essa possibilidade por conta do SiSU, né, permitiu também colocar a minha nota aqui em Lavras e deu certo...

H – Uhum

P04 – ...E eu tinha alguns parentes aqui ao redor, então foi uma transição tranquila de vir pra cá, essa tomada de decisão foi bem tranquila.

H – Então o senhor tem família aqui por perto?

P04 – É, não, não em Lavras, eu tenho conhecidos aqui, primos distantes, mas eu tinha uma Tia Avó que morava em Ribeirão Vermelho, então, e primos também que moravam em Ribeirão Vermelho, mas nada muito próximo, mas fez com que, tipo, os meus pais, por exemplo, ficassem seguros da minha decisão de vir pra cá, entendeu?

H – Entendi. Uhum.

P04 – Mais pra eles do que pra mim, porque pra mim essa decisão já estava tomada independente de ter parente aqui ou não.

H – Uhum, então a sua área de especialização é a Área Botânica?

P04 – É, na verdade eu sou, eu tenho mestrado e doutorado em genética, melhoramento de plantas, eh, é isso, basicamente isso, eu não sou botânico, né, eu sou geneticista, de plantas, no caso.

H – E assim, o que te levou a trabalhar como professor?

P04 – Então, Heitor, eu tinha, eu gostava muito assim de..., eu tinha o costume de estudar para as provas, desde moleque, assim, ensinando, então eu ensinava pras ‘cadeira’, ‘pros objeto’ da sala de casa, assim como um hobby mesmo, como uma brincadeira, na verdade inicialmente como uma brincadeira e como um método de estudo, aí depois eu fui vendo que eu realmente tinha uma vontade maior em relação ao ser professor e aí eu tinha uma ideia que ser professor era um hobby, né, mas, na verdade, a gente sabe que não é e eu fui descobrir isso na graduação, então a gente tem uma aptidão para isso e é uma aptidão que demanda muito conhecimento, muita prática, o exercício em si, não enquanto licenciando, então era uma área

que sempre me agradou. Tive bons professores, uma coisa, alguns me inspiraram bastante, me apoiaram na tomada da decisão, então fatores que me, que me fizeram escolher a área em si, e poder voltar pra sociedade o que a sociedade me concebeu em algum momento, né, eu acho que é uma das profissões que permite a gente fazer isso, é, todos os investimentos que foram colocados em mim, ao longo da minha vida enquanto bolsista, que sempre fui do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) por exemplo, acho que a educação permite que a gente retorne esse investimento, esse investimento de uma maneira mais rápida, né, mais eficaz, digamos assim.

H – Você pretende se tornar professor de Universidade em um momento?

P04 – Eu fiz pós-graduação justamente pensando nisso, né, quando a gente começa a realmente adentrar dentro de uma escola, dentro do estado (*Escolas Estaduais*), né, a gente vê o quão difícil é, não só em questão, as questões que a gente já conhece, né, que a gente sabe bem dentro de uma escola pública, mas em relação ao pagamento, também, ao salário, né, que é o reconhecimento, infelizmente é triste. Dizer que a gente consegue se manter com um salário de professor do estado, com um cargo de professor do estado, trabalhando mais do que a gente deveria trabalhar, a gente sabe que é mentira, né e dizer que eu quero viver com esse salário o resto da minha vida, é hipocrisia da minha parte...apesar de *amar* o que eu faço, não é uma questão de não gostar do que eu faço, é uma questão mesmo de necessidade financeira, então se eu falar que eu não...se eu tiver a oportunidade, eu não vou abraçar essa oportunidade no ensino superior, é mentira, eu fiz mestrado e doutorado pensando nisso, entendeu?

H – E assim...

P04 – Falta oportunidade, né, falta abrir os editais pra gente tentar, mas a gente tá na corrida, a gente tá na correria aí.

H – E assim, tendo em vista até o que você já começou a falar da dificuldade como professor, né, você poderia falar um pouquinho de como é o trabalho de um professor do estado? Porque tem muitas diferenças entre as áreas, professor do estado, do município, professor particular, né.

P04 – Uhum, então, eu... eu vou falar um pouquinho do estado como é, porque eu não tenho experiência nem no município e nem no setor privado, né, só do que os professores comentam, assim, amigos que comentam do privado. Cara, mas no estado, eu tinha uma noção muito rasa de como...como é a educação básica no estado, tá, e essa, essa noção rasa ainda veio por conta do PIBID, a gente estava sempre em contato com as professoras do estado, a gente tentava ao máximo sempre estar dentro da escola, né, assim como a proposta

do estágio também, né, o estágio obrigatório, mas nada se compara com o fato de ser professor, de estar o dia inteiro vivendo, respirando aquele contexto escolar, né, porque o ser professor não se resume em elaborar uma aula, elaborar uma metodologia e...e tentar construir esse conhecimento com os alunos, é muito mais complexo do que isso, é muito mais abrangente do que isso, a gente lida com contexto o tempo todo, é uma realidade completamente diferente, são 30,40 alunos dentro de uma sala, cada um com uma realidade diferente, com um contexto diferente e a gente não tem a possibilidade de lidar com esses 40 contextos diferentes, com essas 40 realidades, né, então acaba que a gente sente que não faz um trabalho completo, que a gente poderia fazer um trabalho completo, mas acaba que pra poder fazer isso, a gente teria que abrir mão de muitas outras coisas, de abrir mão de outras aulas que a gente...que a gente precisa dar pra complementar a renda, porque a gente sabe que um cargo, como eu disse pra você anteriormente, não paga minhas contas, o fato é isso, a realidade é essa e dizer que um cargo com 24 horas semanais é o que eu realmente trabalho, é mentira, porque hoje eu tenho...hoje eu 'tô' com 27 horas semanais, eu trabalho todos os dias da semana, dedicado a essa escola, pra fazer um serviço bem feito, entende? Porque a gente tem que preencher diário, a gente tem que lidar com burocracia, a gente tem que preparar aula, fazer planejamento, participar de reuniões, é... e é muita cobrança que vem em cima da gente, então, assim, hoje com essas 27 aulas que é um cargo e um pouquinho mais, né, eu já me sinto completamente exaurido fisicamente, psicologicamente, com dois cargos eu não... eu não... eu sinto que eu não serei completo enquanto professor, eu vou tá empurrando com a barriga uma situação pra poder ter uma folguinha no final do mês, a realidade é basicamente essa, mas eu... eu tô falando muito de mim, mas a gente sabe que... o problema não é só a vivência do professor, né, o contexto do professor, mas da escola em si, né, a gente vê a quantidade... eu falo o tanto que a educação básica vem sendo sucateada, apesar das propagandas do governo, a gente vê isso, lá dentro da escola, a falta de incentivo de formação continuada do professor, porque enquanto doutor, hoje, eu não recebo um real a mais por isso... absolutamente nada por isso, então isso não incentiva a gente a ter uma formação complementar, né, mesmo que seja em áreas afins, como é o meu caso, ou sei lá, um mestrado em educação, ensino de ciências, alguma coisa assim, não vai acrescentar nada, então acaba que a gente fica completamente desmotivado nesse sentido, né.

H – Nós temos também aí o piso salarial, que eu não sei se você viu, mas tá tendo uma movimentação.

P04 – A, mas isso tem já tem um tempo, né, que a gente luta pra receber o piso, que a gente não recebe o piso, apesar do governador insistir que paga o piso, mas ele não paga o piso, né. E não deu o aumento que o governo federal, os trinta por cento, ele não repassou os trinta por cento também.

H – Que teve por conta das greves esse ano, né?

P04 – É... é muito complicado e a gente ficou paralisado um bom tempo com a greve, tamo pagando greve até hoje nos sábados, pra absolutamente nada, absolutamente nada, a gente não teve nenhum retorno, a gente ganhou, na verdade, né ah... o governo recorreu, né, tá no supremo, não sei quando vai sair isso e se tem alguma perspectiva de sair, mas é isso cara, é muito bom estar dentro da escola, com os alunos, receber o retorno deles, o agradecimento deles, mas ao mesmo tempo é muito difícil, saber que a gente tá deixando gente pra trás, abrir mão de uma saúde mental, uma saúde física, né, abrir mão de relaxar mesmo nas férias, coisa que eu não consigo desligar, pra abraçar isso tudo e não ser recompensado, isso eu tô sendo bem raso, né, que tem muitas outras coisas aqui.

H – E todas essas dificuldades são questões sintomáticas que a gente tem da nossa educação e assim, eu queria saber se durante a pandemia como essas questões ficaram, porque teve a questão da aula remota, foram dois anos de aulas remotas, aí como isso afetou o seu trabalho? Não só o seu trabalho, mas também o seu convívio social, né, convívio doméstico e tudo mais.

P04 – Cara, na real mesmo, eu pensei em desistir várias vezes, porque eu não me senti professor nesse dois anos trabalhando no estado, apesar de ter trabalhado muito mais do que eu trabalho no presencial, né, porque a gente, o estado terceirizou o nosso serviço no sentido de “bom, vocês precisam desenvolver todas as formas possíveis de vocês ajudarem os seus estudantes” então eu tive que expor a minha intimidade, a escola que eu trabalhava na época se sentiu na obrigação de criar grupo do whatsapp com o meu número pessoal, apesar da gente relutar disso, né, dentro da escola, apesar do governo ter disponibilizado uma plataforma que ele julgava ser democrática, mas não foi, não foi acessível, não adianta falar que foi acessível, porque não foi, porque noventa...

H – Qual o nome da plataforma?

P04 – Ai, pera aí, pera aí, que agora você me pegou, tinha o, aquele google escolar?

H – O classroom.

P04 – Isso, o classroom, aí ele tinha o estude em casa também, que era, é uma página do governo estadual, onde ele disponibilizava os PETs e tinha as vídeo aulas que eram

disponibilizadas na rede minas, na época e tinha o classroom, que aí tinha... que assim que a gente disponibilizava alguma coisa, que a gente não tinha o contato com os meninos e a gente criava links para encontros diários ou semanais com as turmas, mas o retorno era zero, porque noventa e oito por cento dos meus meninos não sabiam utilizar o e-mail, cada... para você acessar a plataforma você precisava de um log in e uma senha, esse log in é o e-mail institucional do estado, que o estado disponibilizou para os alunos, mas eles não tinham a prática, não tinham o conhecimento de como acessar essas plataformas, então a primeira parte foi pra tentar ambientalizar os meninos, os estudantes com essa ferramenta que não deu certo, a gente não tinha retorno, não só pela dificuldade de acessar o e-mail, mas pela falta de... de tecnologia mesmo, ou não tinha internet em casa, quando tinha, era um celular da mãe e do pai que era dividido com, é, sei lá, outros quatro irmãos e aí só conseguia ter acesso ao celular quando a mãe ou pai chegava do trabalho, isso era seis, sete horas da noite e aí a gente já tinha encerrado o expediente, né, que a gente tinha que abrir as aulas nos horários das aulas. Ou também não tinha computador, ou a ... diversas, diversas vezes os estudantes vinham até mim falar “professor, eu não vou conseguir participar” e isso tudo pelo whatsapp, tá, pela plataforma nunca funcionou, no pessoal, me mandando mensagem no pessoal, falava “oh, professor, não vou conseguir participar da sua aula, do nosso encontro, hoje, pelo google meet, porque eu tô sozinha, eu sou a irmã mais velha, eu to sozinha em casa e como eu tô em casa, minha mãe não admite, meus pais não admitem que eu fique sem fazer nada”, na verdade ela ia fazer... ela ia fazer alguma coisa, ela estaria comigo no google meet, né, mas para os pais isso não era aula, então ela tinha que limpar a casa, ela ou ele, né, tinha que limpar a casa, cuidar do irmão mais novo e foi isso que eles viraram, eles assumiram outras responsabilidades, responsabilidades que naquele momento não era... não cabia a eles, né, então eu me desanimei muito, porque eu percebia isso, porque eu tinha esse retorno deles e pro estado tava tudo bem, os índices estavam ótimo, ó que beleza, tava todo mundo feliz, bastava entregar o PET em branco, as atividades, né, que o governo disponibilizava em branco, que o menino tava aprovado e não é uma questão de aprovação, aprovar ou deixar de aprovar, né, é uma questão de entender o processo, de maneira crítica, né, é número que eles queriam, a verdade era essa.

H – O PET era o...?

P04 – Planos de estudos tutorados, se não me falha a memória, é isso.

H – Então eram as atividades que deviam ser desenvolvidas com os alunos.

P04 – é, a gente tinha liberdade de preparar outras coisas, mas esse era o material que o estado preparou, entendeu? Então o estado preparava esse material, já vinha pronto, né, era a parte teórica e depois exercícios, divididos por semanas, semana um, semana dois, semana três, semana quatro, fechava o mês, entendeu? E aí eles tinham de entregar essas atividades semanalmente, mesmo que entregassem em branco, eles tinham que entregar, porque o ato de entregar em branco significa que o aluno tentou, mas não conseguiu fazer sozinho.

H – O que poderia repercutir, né... assim, o que vocês poderiam fazer caso o aluno não entregasse em branco?

P04 – Nada, a gente aceitava, a gente tinha que aceitar, o que a gente fazia sempre era uma busca ativa, né, a gente mandava mensagem, junto com a supervisão, então por exemplo, eu era responsável por uma turma, então, além de disponibilizar o meu número pessoal, eu era responsável, como se eu fosse o coordenador ou supervisor de uma turma em específico, então, sei lá, eu era supervisor do primeiro ano do ensino médio, do primeiro ano do ensino médio um, “ah, uma turma do primeiro ano do ensino médio”, então eu era o professor, eu fazia essa ponte entre os meninos e a supervisão, então a supervisão vinha até mim e falava “e aí, marco, como tá o primeiro ano um do ensino médio?”, “ah, só dois alunos têm frequentado minhas aulas pelo google meet, essa semana ninguém entrou, só dez por cento me entregaram as atividades.”. E aí as entregas das atividades, Heitor, mais uma vez, era uma entrega online, eles tiravam fotos e me mandavam no whatsapp, aí se eu não tivesse um computador apto a receber essas imagens todas, porque eram caminhões de fotos que eu recebia, de todas as minhas turmas, se eu tivesse uma internet de qualidade, porque o estado não em custo, em momento algum com os professores, apesar de ter falado aí, em alguns momentos, que estava ajudando, a gente não recebeu nenhum incentivo, eu tinha um computador, porque eu estava na pós graduação, então se eu não tivesse um computador, era impossível de trabalhar, mas se tinha tantos outros professores que não sabiam ou tinham essa aproximação com essa tecnologia, né, essa facilidade com a tecnologia e simplesmente não tinham computador em casa e não recebiam esses trabalhos, esse retorno dos meninos, entendeu? Ou eles podiam entregar na escola, então eles tinham que sair da casa deles em plena pandemia, ir até a escola, alguns da zona rural, por exemplo, tinham que sair de casa, uma distância considerável, e ir até a escola entregar essas atividades, aí a escola armazenava essas atividades numa caixa separada, todas as turmas, aí eu tinha que ir na escola, fuçar na caixa pra mim poder pegar as atividades de todos os meninos, ou seja, a gente tava ciclando o vírus ali, né, porque isso já passou na mão de quantas pessoas? E era complicado, cara. E assim, a

gente percebia que o que eles estavam fazendo era pra ter os pontos, né, pra ter... porque o PET, também contava como presença, entendeu? Era presença e forma de avaliar, tá? Então era basicamente isso, velho, no frigar dos ovos era isso e aí cê tinha os meninos que entregavam em branco mesmo, porque eles sabiam que iam passar, porque isso era divulgado, né, você tinha os memorandos, então os pais ou os responsáveis que tinham maior interesse em ler esses memorandos, né, que são disponibilizados, eles sabiam que eles poderiam entregar em branco, tinham aqueles que entregavam em branco mesmo, porque tinham dificuldade e aqueles que tentavam fazer e todos eles foram aprovados, cara, todos foram aprovados.

H – A gente vai vendo a defasagem.

P04 – É e, tipo assim, o que você tinha me perguntado “o que que eu podia fazer?”, eu vou te falar o que eu fazia, além do PET, eu disponibilizava esses encontros virtuais, eu ficava vinte e quatro horas disponíveis no whatsapp, mesmo sábado e domingo, tinha dia que eu recebia ligação onze horas da noite no sábado, tipo, dormindo, assim, o telefone tocava, eu falava “meu deus, cara”, mas é isso, a privacidade completamente invadida, né. É... deixa eu ver, outra coisa, ah, eu tinha, o que eu fazia mesmo, eu fazia um material complementar, então eu elaborava um material, elaborava assim, né, pegava um conteúdo da internet, mastigava ele com bastante imagem, fazia esquemas, eu não passava mais atividades, porque não faz sentido você passar mais atividades, né? Resolução de exercício? Não faz sentido, então eu preparava, eu disponibilizava um material teórico complementar, porque eles não tinham livro, tá? O livro não podia sair da escola mais, porque tem turmas, por exemplo, as turmas do ensino médio, não levam o livro pra casa, o livro fica na escola, fundamental já leva pra casa o livro, né. Pelo menos na escola que eu trabalhei, trabalhava na época. Então eu preparava esse material teórico complementar, disponibilizava em PDF, mandava nos grupos e na plataforma do Google, no escolar, escolar, não, como é que é? Eu esqueci o nome dele, já.

H – O classroom.

P04 – O classroom, isso. O Google Sala de Aula, aí eu disponibilizava lá e tava lá para quem quisesse ler, então era o suficiente, era um material completo para eles lerem, porque na minha concepção, oh Heitor, isso era mais “democrático”, entre aspas, o aluno conseguir se planejar, em cima do planejamento dele, obviamente, da realidade dele, do contexto dele, se ele colocasse na balança tudo aquilo que... se você colocar na balança tudo aquilo que eu te falei, das novas responsabilidades que esses alunos assumiram, ele poderia se planejar em cima disso, então “a, meu pai e minha mãe chegam em casa seis horas, aí eu não vou precisar

tomar conta do meu irmão mais novo, aí eu posso pegar o celular da minha mãe e o material do professor e Fazer o PET, resolver as questões do PET com esse material complementar.”; porque chegou uma hora que eu desisti, cara, eu abria a aula porque eu era obrigado a abrir a aula no classroom, no meet, né, abria aqui a aula, ficava esperando, quinze/vinte minutos, não entrava ninguém, eu saía, me colocava a disposição ao atendimento, sempre, mandava mensagem “oh, gente, de tal hora a tal hora eu tô lá, quem tiver alguma necessidade, me procure”, mas o retorno foi diminuindo, né, então eu comecei com três, tinha época que entrava quatro meninos, no final já não tava entrando ninguém, da metade pra frente não tava entrando ninguém e esse momento que eu comecei a questionar mesmo, já estava me questionando “cara, isso vai passar, mas o que eu posso fazer para melhorar?”, entendeu? Mas foi isso, foi um momento bem tenebroso, assim, enquanto professor, porque era muita cobrança, muita burocracia, muita papelada que a gente tinha de preencher e a gente tinha que dar um retorno, um retorno positivo, obviamente, porque a gente não pode dar um retorno negativo e... cara, era isso, basicamente.

H – E você (inaudível)...

P04 – Não sei se você não viu, mas acho que eu nem lembro da pergunta, mas eu... eu acho que abracei ela, né? Acho que foi suficiente, né?

H – Abraçou bastante coisa aqui, é, aí eu queria te perguntar novamente sobre as técnicas de ensino que você utilizou, né? Você falou do sala... do Google Sala de Aula.

P04 – Isso, do classroom

H – E do material complementar, então você também produziu material?

P04 – É, o material eu vou dizer que eu fiz um apanhado teórico complementar, porque ele estava... era o conteúdo disponível na internet, então eu tirava ele, colocava as devidas referências, né, nesse arquivo em PDF, colocava imagens, sugeri muita aula no YouTube de professores especializados nisso, isso era uma coisa que eu fazia constantemente, porque uma coisa que eu nunca fiz na minha vida foi preparar uma aula online, não tinha essa experiência, de todas as vivências práticas que eu tive, mesmo na graduação, nas disciplinas de metodologia, por exemplo, que a gente fez de ensino, todas elas eram presenciais, a gente elaborava o material, né, então preparar uma aula online era uma coisa que eu nunca tinha imaginado, nunca tinha me deparado com isso antes, né, então pensar em elaborar, como fazer, as vezes já é difícil a gente elaborar um material pedagógico diferenciado, né, tipo não expositivo para os meninos, alguma coisa assim, uma metodologia diferente, online então, era ainda mais complicado, cara, eu falei assim “eu não tenho essa didática online que eu tenho

presencial”, né? Junto com eles ali, no contato com o menino e é lá que a gente tem o retorno, não é no papel, o retorno que a gente tinha deles era um papel, o PET, e aí você via que, por exemplo, os meninos do ensino fundamental, dava pra ver quem fez algumas ilustrações, cara, quem fez o PET não era, não era a letra dos meninos.

H – É.

P04 – Tá entendendo? Era letra de adulto, você conseguia perceber isso.

H – Então tinham pessoas que tavam fraudando, assim, entre aspas.

P04 – Lógico, lógico, quantas vezes, Heitor, eu vi na rua gente vendendo o serviço, naqueles papelzinhos no poste, que eles colam, assim, de anúncio que fazia PET pros outros, que fazia atividade pros outros, o povo comercializou isso por um tempo, não sei se a procura era grande, né? Principalmente na minha escola, que era uma escola de periferia, mas que tinha gente comercializando isso, tinha. Então, assim, foi o Google Classroom, tinha o WhatsApp, noventa por cento do meu tempo foi o WhatsApp, vamos colocar assim, nessa monitoria constante com eles, independente de eu ter aula com eles no dia ou não, eu estava disponível pra eles de domingo a domingo, até porque eu não sou o tipo de pessoa que desliga do serviço no sábado e domingo, entendeu, se me manda mensagem eu vou responder, cara, eu não consigo, eu não consigo, mas tem gente que consegue, eu acho louvável a pessoa que consegue, mas eu estou trabalhando para ser essa pessoa um dia. Mas eu respondi, então noventa por cento do meu tempo era o whatsapp, eu preparava esse material complementar, eu disponibilizava vídeos de pessoas que produzem conteúdo rico e bom, né, online, e a gente costumava fazer rodas de conversa das ciências da natureza, principalmente com os meninos... a gente abria pra escola de maneira geral, para todas as turmas, mas os alunos mais frequentes eram os alunos do ensino médio, então nessas rodas de conversa a gente... nós discutia alguns assuntos, como por exemplo nós discutimos as grandes pandemias do mundo, não foram muitas, não porque isso foi uma iniciativa que a gente começou a tomar logo no início da pandemia e aí veio o híbrido e gente parou, porque a gente já tava voltando pra escola em algumas situações, então a gente trabalhou... a gente fez concurso de... eh... era do mês do... como é que chama, gente? Do meio ambiente, o mês do meio ambiente, tinha... tem uma data comemorativa e aí a gente fez... a gente pediu pros meninos criarem artes usando material reciclável, de dentro de casa, com interpretações visuais, mesmo, que eles tinham em relação ao meio ambiente, é a semana da preservação do meio ambiente, é alguma data comemorativa. Mês de novembro, se não me engano, e... é... então a gente fazia essas práticas com os meninos, a gente fazia concursos, a gente estimulava o retorno, então a gente fazia...

incentivava com prêmios, também, sabe, a gente fazia... ia no supermercado e juntava cesta básica e punham alguma coisa que no momento ali, meu filho, cesta básica salvava muitas famílias, né, então a gente preparava esse tipo de atividade, também, tinham essas rodas de conversa que a gente discutia filmes, também, a gente passava filmes, na verdade, foi um filme só que a gente conseguiu discutir, foi um que trava mais a relação de racismo, mesmo, foi um filme americano, mas a gente fez sugestão dos meninos, a gente trabalhava muito em cima das sugestões dos alunos, também, não era nada imposto, então era “o que vocês querem discutir?”, “o que vocês querem fazer?” e os meninos eram “ah, vamos assistir um filme e vamos discutir?”, “beleza”, porque isso atraia os meninos, porque isso foi decisão deles, né.

H – Então vocês abriam pra ter participação...

P04 – Sim, porque a gente sentia que os alunos estavam precisando, que os alunos estavam carentes, eles gostam da escola, o espaço ali, encontrar os amigos, para eles era uma coisa necessária, então se a gente fechasse isso, por exemplo “hoje nós vamos trabalhar com reino animal”, cara, ninguém quer saber de reino animal num momento em que todo mundo está passando por problemas em casa, problemas psicológicos, ansiedade, então a gente abriu espaço para discutir diferentes propostas, lógico que as ciências da natureza permeava isso aí, né, e a gente abria para outros professores, também, então nesse momento da arte, por exemplo, que a gente fez, a professora de artes participou, porque era... o que a gente propôs a gente chama de “land arts”, a tradução ao pé da letra seria “artes da terra”, mas utilizavam materiais do meio ambiente pra preparar a arte, então a gente usou materiais recicláveis dentro de casa, então a professora de artes veio e deu uma palestra, a gente passou um filminho, discuti com eles sobre um artesão de São João del Rei, muito bacana, então a gente teve um retorno muito legal em relação a isso... e era basicamente isso, assim, de ferramentas alternativas que a gente tinha, né.

H – E assim, você falou que teve o período do híbrido, né? Como foi, assim, essa transição, o momento de retorno para o presencial? Porque teve todo um impacto, primeiro, de mudar para o ambiente doméstico e depois voltar para a escola mexe um pouco não só com os alunos, mas também com os professores.

P04 – Sim, foi muito difícil, ao mesmo tempo que tinha aquela sensação boa de que as coisas estavam, entre aspas, voltando ao normal, foi uma sensação de incerteza, assim ‘puts, como vai ser isso, agora?’, mas não mudou muita coisa, o planejamento era o mesmo, porque a gente tinha que manter no PET, então, Heitor, se eu quisesse preparar uma aula para os

meninos que estavam ali, eu não podia, eu não podia por quê? Porque iam pouquíssimos alunos, na verdade, né? E aqueles poucos alunos que estavam ali, não podiam ter uma aula diferente dos que não foram pelas razões óbvias, ou estavam inseguros de ir para a escola porque o pai e a mãe impediu de voltar e eu entendo perfeitamente, porque se eu pudesse, eu não teria voltado, é..., por N razões, vamos deixar assim, então eu não podia, porque... você está entendendo, porque seria um processo diferenciado para ele aqueles que estavam ali, como se para aqueles que estivessem ali fosse como ‘ah, eu vou dar um prêmio para vocês, agora, vou dar uma aula legal aqui pra vocês, com um tema diferenciado’, eu não poderia fazer isso, que ia ser um prejuízo para os meninos que estavam em casa, e com razão, então a gente continuava no PET, o que eu fazia era, a mesma coisa que eu ia fazer no Google Meet, caso tivesse algum aluno, eu ia fazer no presencial, no híbrido, eu sentava, esperava os alunos me procurar, fazia a leitura, como eles, do material teórico, explicava alguma coisa, respondia as questões e eles iam pra casa, quando eles iam, né, a frequência foi muito baixa, tá? Foi muito difícil, porque os meninos tinham de usar a máscara, tinham de manter o distanciamento e a gente sabe o quanto que isso é complicado, o tanto que é complicado, apesar de, assim, a gente ter uma disciplina bem rígida em relação a isso dentro da escola, nos momentos descontraídos ali, por exemplo, no intervalo, os meninos se encontravam, então eles chegavam, eu tava na porta da escola, os meninos, foi cara na rua, os meninos se abraçando, se pegando, encostando, ah, o calor humano, aí na hora que entrava, todo mundo colocava a máscara, tipo ‘agora a gente tá protegido’, puts, não é assim, cara, não é assim que funciona, e eram umas coisas que me incomodavam psicologicamente, me incomodava muito, porque eu tenho um pai idoso, uma mãe idosa. A minha sogra fez um procedimento de saúde extremamente delicado, então, assim, a minha companheira ficou praticamente dois anos sem ir na casa dela, com esse receio, porque ela também não parou de fazer as coisas que ela fazia na pós-graduação, eu não parei, não pude parar, entendeu? Então a gente ficava com esse receio ‘puts, se eu encontrar com a minha sogra e ela pegar COVID, ela não vai poder fazer o procedimento médico que ela precisa fazer, quase que semanalmente, lá no SUS, lá no hospital do SUS’, entendeu? Vou explicar, é que era hemodiálise, na época, se ele pegasse COVID, então ela não poderia fazer o procedimento médico, e aí? Se ela precisa fazer, era incertezas o tempo inteiro, cara e tinha de ter um psicológico muito bom, eu, assim, não sei como eu não entrei em parafuso, mas eu vi muitas pessoas entrando em parafuso e eu me questionaram, ‘cara, como eu não entrei em parafuso, ainda?’, sabe? Mas foi, respondendo a sua pergunta, foi bem difícil, véi, foi bem difícil, porque a gente achou que ia mudar, lembra

quando eu te disse ‘foi uma sensação boa, mas foi uma sensação ruim, de preocupação’? No final das contas, foi só ruim mesmo, cara, porque não mudou, a prática não mudou em absolutamente nada, só aumentou as minhas inseguranças pessoais em relação a COVID, porque a dificuldade continua a mesma, os problemas continuaram os mesmos, a gente tentou voltar numa normalidade que não era normal naquele momento.

H – E, assim, uma última questão já, pra poder fechar, tem algum aprendizado, alguma coisa que você leva pra sala de aula hoje, que você aprendeu durante a pandemia? Alguma coisa que você está incorporando nas suas práticas ou... algo desse tipo?

P04 – Cara, essa é uma pergunta difícil, acho que essa pergunta tinha lá também, na outra, não tinha? Na primeira parte que você me mandou? Acho que tinha essa pergunta lá, eu tive muita dificuldade de responder ela, porque eu fiquei pensando, eu falo pessoalmente, assim, em relação o como eu consegui enxergar ainda mais essa questão de contexto e essa questão pessoal de cada um dos alunos, o tanto que isso é real, a gente tá dentro da escola, a gente sabe que todo mundo tem seu problema, a sua realidade dentro de casa, o seu contexto dentro de casa, mas isso ficou muito mais exposto, muito mais evidente dentro da pandemia, muito mais evidente, porque o retorno dos meninos com a gente era, entre aspas, mais próximo, porque era pelo WhatsApp, era o contato mais rápido, então às vezes viam desculpas dos alunos, ‘o professor, não posso participar por causa disso, disso, disso e disso’, mas tinham coisas que eu ficava abismado de porquê que o menino não podia participar e aquilo que eu te falei, por exemplo, de tomar conta do irmão, isso era coisa leve, eram coisas violentas, mesmo, que aconteciam dentro de casa, por N razões, pelo fato dos pais estarem dentro de casa, que perderam o emprego, certo? Então, aí, nesse momento eu comecei a perceber que realmente, esse contexto, ele precisa ser levado em consideração, tanto é que é uma coisa que hoje eu faço com ainda mais intensidade, perceber os sinais, perceber a realidade de cada um, ter uma aproximação, buscar uma proximidade maior com eles, né? Então quando um aluno está com algum problema eu ‘cara, você não tá bem, o que tá acontecendo?’ , ter esse lado humano, meu, que foi... hoje ele é mais aguçado por conta da pandemia, né? E perceber também que a gente tem que ter em mente que foram dois anos, dois anos que os meninos ficaram dentro de casa, então pro ensino médio, talvez isso, só talvez, tá?, talvez isso não tenha sido tão prejudicial, lógico que foi prejudicial, mas eles já estavam alfabetizados, mas pega os meninos do fundamental um que ficaram dois anos dentro de casa, fazendo as mesmas coisa que eu já falei pra você que eu fiz, eles fizeram lá com as professoras do fundamental um, então hoje eu tenho aluno, hoje eu tenho uma turma de sétimo ano, heitor,

que eu chuto que oitenta por cento dela são de analfabetos funcionais, você tá me entendendo? Não conseguem ler, não conseguem interpretar um texto, são copistas, não conseguem interpretar um texto, porque são o fruto de dois anos da pandemia, então ele pegaram o quinto e o sexto ano, né, ou antes, né, disso também, então se a gente não leva em consideração esses dois anos que passaram, cara, é um absurdo e falar que isso não mudou a nossa prática, essa percepção e se não ficou mais aguçada a nossa percepção em relação às necessidades que cada um desses aluno tem, é mentira, lógico que isso mudou, é uma coisa que hoje eu levo muito em consideração.

H – Nossa. É complicado, bem, essa era a última pergunta, eu fico sem saber o que falar, porque realmente é chocante, né.

P04 – É pra todos nós, meu amigo, pra todo mundo, assim, isso eu falo enquanto um professor novo, com gás, que eu tinha acabado de entrar no estado quando a pandemia estourou, eu tinha seis, alguns meses no presencial, mesmo, normal, aí a greve estourou, a gente fez uma greve em dois mil... ah eu sou muito ruim de data e nome, você deve ter percebido isso, mas um pouquinho antes da pandemia a gente fez uma greve, não foi essa do piso, foi outra e mais uma vez a gente não teve retorno nenhum, a greve foi completamente suprimida, a gente acabou retornando, então quando a gente começou a repor, a pensar no planejamento da reposição, a pandemia estourou, então a gente realmente não voltou pra escola, então ‘agora, o que a gente faz?’, a gente ficou esperando um retorno do estado, que demorou horrores pra vim, demorou muito, a gente teve um índice de evasão gigantesco justificado por conta disso, foi muito corrido pra direção, que a pressão era imensa, então a direção terceirizava, terceirizava não é a palavra não, a direção contava com a ajuda, né, tanto da supervisão, quanto dos professores, para fazer trabalhos que não era cabível da supervisão e dos professores fazerem, entendeu? Que era fazer essa busca ativa, era ficar o tempo inteiro correndo atrás dos meninos, então para mim, que eu tinha uma cabeça boa, vamos dizer assim, um pensamento jovem, né, tinha gás pra começar, pra correr atrás, pra fazer, já foi difícil, agora imagina pra uma pessoa que já está a vinte, trinta anos no estado, nunca tinha passado por uma situação como essa, já vem vivendo esse sucateamento das instituições públicas a um bom tempo, se deparar com uma situação dessas, foi, assim, foi difícil, cara, ver essas pessoas passar por isso, entendeu? E muitas vezes, a nossa profissão foi colocada em cheque, na verdade, tipo assim ah, mas vocês tão em casa, o professor tá em casa, pô, olha que sossego, queria eu, poder estar em casa’, cara, queria eu estar dentro de sala de aula com meus alunos, fazendo o que eu gosto de fazer, junto com eles, a minha vontade era essa, mas

eu não podia e quantas vezes, assim, pessoas, amigos, familiares, conhecidos, internet, rede social, criticando o professor porque tinha a sorte de poder ficar em casa e por isso tava fazendo essa movimentação toda, né, foi tenso, meu amigo e por isso tem que ter uma cabeça muito boa, né, bom, ou tem que ter um acompanhamento psicológico muito bom, a verdade é essa.

ANEXO C - Produção do *corpus textual* e funcionamento do Iramuteq

O *corpus textual* (conjunto de textos a ser analisado pelo programa) necessita de tratamento especial para rodar, começando pelo seu formato de arquivo, que deve ser salvo em .txt pelo bloco de notas ou outro programa de produção textual gratuito, o Microsoft Word gera bugs durante a leitura do Iramuteq, o *corpus textual* deve ser monotemático (cada arquivo analisado precisa ser sobre um tema específico) e não conter tabulações (FERNANDES, 2016), no caso desta pesquisa, considerou-se cada pergunta como um tema para um *corpus textual*, e cada indivíduo como uma variável dentro do *corpus* sendo separados como no exemplo a seguir:

**** *P_01

Resposta do participante.

**** *P_02

Resposta do participante

**** *P_n

Onde n é o número de total de participantes. As perguntas analisadas pelo programa Iramuteq são as de número 8,9,10 e 11, o que resultou em oito *corpus textuais* com 10 variáveis, sendo as mesmas os participantes da pesquisa.

Os temas centrais extraídos das análises são organizados em um grafo de acordo com a teoria dos grafos, de modo a apresentar a inter-relação entre os resultados, sugerindo categorias a serem adotadas ou não pelo pesquisador e possibilita mais análises de cunho qualitativo (interpretação e juízo de valores) e quantitativo (ex.: número de conexões que uma palavra possui, a distância entre vocábulos pelo número de palavras que se encontram entre os mesmo, a frequência de expressões, dentre outros) a depender do enfoque do trabalho (TINTI; BARBOSA; LOPES, 2021).

ANEXO D – Tabelas de falas e excertos sobre as categorias do questionário e da entrevista

Categorias e excertos da pergunta 08 Durante as aulas remotas, qual foi a estratégia de ensino que mais utilizou

Tipo de estratégia	Frequência	Respostas
Textos	7	“Tira dúvidas via áudio e vídeo.”, “grupos de whatsapp, resumos,”, “Preparação de apostilas para suporte teórico;”, “Computador aulas Power pointer.”, “Formulário Google” “Grupos de WhatsApp” “Se liga na Educação”
Vídeos e áudios	8	“Tira dúvidas via áudio e vídeo.” “aulas pelo google meet.” “Meet” “indicação de vídeos no YouTube;”, “aulas e encontros pelo Meet.” “O google meet” “aulas pelo Google Meet” “Aplicativo fornecido pelo Estado/ google meet”
Redes Sociais	3	“grupos de whatsapp” “indicação de vídeos no YouTube” “Grupos de WhatsApp”

Ambientes de Aprendizagem Virtual	8	“aulas pelo google meet.” “Meet” “aulas e encontros pelo Meet.” “ na pública foi o Teams.” “O google meet.” “Formulário Google, vídeo aulas” “aulas pelo Google Meet” “Aplicativo fornecido pelo Estado/ google meet,”
--	---	---

Fonte: Do Autor

Categorias e excertos da pergunta 09 Como seu trabalho foi afetado pela pandemia do COVID-19 e quais desafios precisou enfrentar/ desafios relacionados aos estudantes

Desafios relacionados aos estudantes	Frequência	Falas dos professores
Ausência e/ou distanciamento dos Estudantes	5	“ Nós tivemos que buscar os alunos o tempo todo” “ Falta dos alunos e fazer com que os alunos participassem das aulas.” “Baixa participação dos alunos nas aulas remotas[...]” “Dificuldade de manter contato com os alunos[...]” “Dificuldade para entrar em contato com alunos[...]”
Desinteresse/desânimo dos Estudantes	4	“o desinteresse cresceu muito” “fazer com que os alunos participassem das aulas.” “O desânimo e o contexto provocado pelo COVID foi, na minha visão, um dos maiores problemas” “Os desafios foram a falta de interesse dos alunos”

Fonte: Do Autor

Categorias e excertos da pergunta 09 com suas respectivas respostas/ desafios relacionados ao contexto

Desafios relacionados ao contexto	Frequência	Falas dos professores
Desafios tecnológicos	7	“ As ferramentas ofertadas pela SEE e as exigidas aos professores não foram as melhores na minha opinião. Grande parte dos estudantes não tinham celular, computador ou internet disponível dentro de suas casas.” “e o acesso por parte deles a internet.” “[...] e aprender a manusear essas tecnologias.” “Baixa participação dos alunos nas aulas remotas por não terem acesso à Internet.” “Utilizar de recursos e estratégias os quais não tínhamos o conhecimento necessário.” “[...],aprender e utilizar as novas ferramentas digitais e trabalhar de forma remota.” “ Os desafios foram muitos entre eles cito a tecnologia (que eu já conhecia, mas tive que aprender novos métodos) Dificuldade para entrar em contado com alunos (muitos não tinha acesso a tecnologia e a escola não dispunha de um aparato necessário para Professores e alunos no momento).”
Reestruturação do planejamento	5	“tive que estruturar um novo planejamento de aulas” “A necessidade da adaptação rápida, sem uma formação prévia e um planejamento adequado” “Tivemos que reinventar de um dia para o outro” “Tivemos que nos adequar a uma nova modalidade de ensino sem estudo prévio e planejamento.” “foi criada novas estratégias para as aulas.”
Desafios socioeconômicos	4	“[...] Grande parte dos estudantes não tinham celular, computador ou internet disponível dentro de suas casas. [...] A rotina dos estudantes foi algo que afetou muito o trabalho. Além da falta de estrutura tecnológica em casa,

	os estudantes tiveram que mudar a rotina, por exemplo, assumiram outras responsabilidades como cuidar da casa, dos irmãos ou empregos temporários, deixando o ensino ainda mais marginalizado. [...] muitos estudantes perderam seus familiares que não puderam ficar em casa.” “e o acesso por parte deles a internet.” “Baixa participação dos alunos nas aulas remotas por não terem acesso à Internet. Buscar esses alunos para ajudar no processo de aprendizagem.” “Dificuldade para entrar em contato com alunos (muitos não tinha acesso a tecnologia e a escola não dispunha de um aparato necessário para Professores e alunos no momento).”
--	--

Fonte: Do Autor

Categorias e excertos da pergunta 10 Como sua relação com os estudantes foi afetada

Efeitos sobre a relação Professor-estudante	Frequência	Falas
Dificuldade em manter contato diário com os educandos de forma remota	4	“Alguns alunos se mantiveram fora das redes sociais ou mídias para as aulas.” “Durante o período de pandemia, poucos estudantes mantiveram contato, a grande maioria se afastou totalmente dos professores.” “Muitos estudantes eu não cheguei a conhecer pessoalmente ao longo de todo EaD, ou seja, a relação pessoal nem mesmo chegou a ser formada, já que eu conheci alguns poucos virtualmente.” “Dificuldade do contato diário de forma remota.”
Distanciamento afetivo durante as aulas remotas	4	“ [...] a grande maioria se afastou totalmente dos professores.” “ [...] a relação pessoal nem mesmo chegou a ser formada, já que eu conheci alguns poucos virtualmente.” “Muitos alunos eu ainda não tinha uma relação mais efetiva, por não ter tido a oportunidade de conhecer pessoalmente.” “ A relação Prof/ aluno no que diz respeito a afetividade ficou totalmente comprometida.”
Distanciamento afetivo durante as aulas híbridas	3	“Quando voltamos para o ensino híbrido essa relação começou a ser estabelecida, porém de forma apressada e particionada, uma vez que eram poucos os estudantes presentes e grande eram os intervalos entre as semanas até o próximo encontro.” “Na parte presencial, ficamos distantes” “O contato o convívio nas dependências da escola tudo isso e muito mais comprometeu nosso trabalho com os estudantes.”

Fonte: Do Autor

Categorias e excertos da pergunta 11 O que seria necessário para melhorar o seu trabalho durante o ensino remoto

Tipos de suporte	Frequências	Falas dos professores
Suporte tecnológico	5	“Muitos professores e estudantes não tinham computador disponível em suas casas para a realização do trabalho.” “Se todos os alunos tivessem acesso à internet e celular, com certeza facilitaria muito o nosso trabalho.” “Que todos os alunos tivessem acesso à Internet além de um computador compatível.” “O custeio por parte do governo para que professores tivessem os recursos necessários e básicos para o ensino remoto como, internet e computador.” “[...] disponibilizar materiais e equipamentos.”
Suporte socioeconômico	2	“mudar toda a situação social da minha clientela que em sua maioria, possuem vulnerabilidade socioeconômica não tendo acesso a tecnologias em casa.” “O custeio por parte do governo para que professores tivessem os recursos necessários e básicos para o ensino remoto como, internet e computador.”
Suporte teórico-metodológico	3	“Preparar os alunos em relação às tecnologias, acostumá-los a ter hábito de estudo” “Uma formação adequada também fez muita falta de maneira geral, não são todos que tem facilidade com a tecnologia.” “Preparar alunos e professores anteriormente para o ensino remoto [...]”

Suporte por parte do Estado e da União (Políticas Públicas)	3	“Penso que o Estado poderia ter oferecido um maior amparo para professores e estudantes.” “O custeio por parte do governo para que professores tivessem os recursos necessários e básicos para o ensino remoto como, internet e computador.” “Precisava mais a participação das políticas públicas.”
--	---	---

Fonte: Do Autor

Recortes de falas da entrevista sobre a relação do professor com os alunos

RECORTE PROFESSOR-ALUNOS

- [...] mas nada se compara com o fato de ser professor, de estar o dia inteiro vivendo, respirando aquele contexto escolar, né, porque o ser professor não se resume em elaborar uma aula, elaborar uma metodologia e...e tentar construir esse conhecimento com os alunos, é muito mais complexo do que isso, é muito mais abrangente do que isso, a gente lida com contexto o tempo todo, é uma realidade completamente diferente, são 30,40 alunos dentro de uma sala, cada um com uma realidade diferente, com um contexto diferente e a gente não tem a possibilidade de lidar com esses 40 contextos diferentes, com essas 40 realidades [...]
- [...] a gente não tinha o contato com os meninos e a gente criava links para encontros diários ou semanais com as turmas, mas o retorno era zero, porque noventa e oito por cento dos meus meninos não sabiam utilizar o e-mail [...]
- [...] para você acessar a plataforma você precisava de um log in e uma senha, esse log in é o e-mail institucional do estado, que o estado disponibilizou para os alunos, mas eles não tinham a prática, não tinham o conhecimento de como acessar essas plataformas, então a primeira parte foi pra tentar ambientar os meninos, os estudantes com essa ferramenta que não deu certo, a gente não tinha retorno, não só pela dificuldade de acessar o e-mail, mas pela falta de... de tecnologia mesmo, ou não tinha internet em casa, quando tinha, era um celular da mãe e do pai que era dividido com, é, sei lá, outros quatro irmãos e aí só conseguia ter acesso ao celular quando a mãe ou pai chegava do trabalho, isso era seis, sete horas da noite e aí a gente já tinha encerrado o expediente, né, que a gente tinha que abrir as aulas nos horários das aulas.
- [...] diversas, diversas vezes os estudantes vinham até mim falar “professor, eu não vou conseguir participar”, e isso tudo pelo whatsapp, tá, pela plataforma nunca funcionou, no

pessoal, me mandando mensagem no pessoal, falava “oh, professor, não vou conseguir participar da sua aula, do nosso encontro, hoje, pelo google meet, porque eu tô sozinha, eu sou a irmã mais velha, eu to sozinha em casa e como eu tô em casa, minha mãe não admite, meus pais não admitem que eu fique sem fazer nada.”, na verdade ela ia fazer... ela ia fazer alguma coisa, ela estaria comigo no google meet, né, mas para os pais isso não era aula, então ela tinha que limpar a casa, ela ou ele, né, tinha que limpar a casa, cuidar do irmão mais novo e foi isso que eles viraram, eles assumiram outras responsabilidades, responsabilidades que naquele momento não era... não cabia a eles, né, então eu me desanimei muito, porque eu percebia isso, porque eu tinha esse retorno deles e pro estado tava tudo bem, os índices estavam ótimo, ó que beleza, tava todo mundo feliz, bastava entregar o PET em branco, as atividades, né, que o governo disponibilizava em branco, que o menino tava aprovado e não é uma questão de aprovação, aprovar ou deixar de aprovar, né, é uma questão de entender o processo, de maneira crítica, né, é número que eles queriam, a verdade era essa.

- E aí eles tinham de entregar essas atividades semanalmente, mesmo que entregassem em branco, eles tinham que entregar, porque o ato de entregar em branco significa que o aluno tentou, mas não conseguiu fazer sozinho.
- [...] o que a gente fazia sempre era uma busca ativa, né, a gente mandava mensagem, junto com a supervisão, então por exemplo, eu era responsável por uma turma, então, além de disponibilizar o meu número pessoal, eu era responsável, como se eu fosse o coordenador ou supervisor de uma turma em específico [...]
- [...] E aí as entregas das atividades, Heitor, mais uma vez, era uma entrega online, eles tiravam fotos e me mandavam no whatsapp, aí se eu não tivesse um computador apto a receber essas imagens todas, porque eram caminhões de fotos que eu recebia, de todas as minhas turmas, se eu tivesse uma internet de qualidade, porque o estado não em custo, em momento algum com os professores [...]
- Ou eles podiam entregar na escola, então eles tinham que sair da casa deles em plena pandemia, ir até a escola, alguns da zona rural, por exemplo, tinham que sair de casa, uma distância considerável, e ir até a escola entregar essas atividades, aí a escola armazenava essas atividades numa caixa separada, todas as turmas, aí eu tinha que ir na escola, fuçar na caixa pra mim poder pegar as atividades de todos os meninos, ou seja, a gente tava ciclando o vírus ali, né, porque isso já passou na mão de quantas pessoas? E era complicado, cara. E assim, a gente percebia que o que eles estavam fazendo era pra ter os pontos, né, pra ter... porque o PET, também contava como presença, entendeu? Era presença e forma de avaliar, tá? Então era basicamente isso, velho, no frigar dos ovos era isso e aí cê tinha os meninos

que entregavam em branco mesmo, porque eles sabiam que iam passar, porque isso era divulgado, né, você tinha os memorandos, então os pais ou os responsáveis que tinham maior interesse em ler esses memorandos, né, que são disponibilizados, eles sabiam que eles poderiam entregar em branco, tinham aqueles que entregavam em branco mesmo, porque tinham dificuldade e aqueles que tentavam fazer e todos eles foram aprovados, cara, todos foram aprovados.

- [...] eu disponibilizava esses encontros virtuais, eu ficava vinte e quatro horas disponíveis no whatsapp, mesmo sábado e domingo, tinha dia que eu recebia ligação onze horas da noite no sábado, tipo, dormindo, assim, o telefone tocava, eu falava “meu deus, cara”, mas é isso, a privacidade completamente invadida, né.
- O classroom, isso. O Google Sala de Aula, aí eu disponibilizava lá e tava lá para quem quisesse ler, então era o suficiente, era um material completo para eles lerem, porque na minha concepção, oh Heitor, isso era mais “democrático”, entre aspas, o aluno conseguir se planejar, encima do planejamento dele, obviamente, da realidade dele, do contexto dele, se ele colocasse na balança tudo aquilo que... se você colocar na balança tudo aquilo que eu te falei, das novas responsabilidades que esses alunos assumiram, ele poderia se planejar encima disso, então “a, meu pai e minha mãe chegam em casa seis horas, aí eu não vou precisar tomar conta do meu irmão mais novo, aí eu posso pegar o celular da minha mãe e o material do professor e Fazer o PET, resolver as questões do PET com esse material complementar.”;
- [...] me colocava a disposição ao atendimento, sempre, mandava mensagem “oh, gente, de tal hora a tal hora eu tô lá, quem tiver alguma necessidade, me procure”, mas o retorno foi diminuindo, né, então eu comecei com três, tinha época que entrava quatro meninos, no final já não tava entrando ninguém, da metade pra frente não tava entrando ninguém e esse momento que eu comecei a questionar mesmo, já estava me questionando “cara, isso vai passar, mas o que eu posso fazer para melhorar?”, entendeu?
- [...] o retorno que a gente tinha deles era um papel, o PET, e aí você via que, por exemplo, os meninos do ensino fundamental, dava pra ver quem fez algumas ilustrações, cara, quem fez o PET não era, não era a letra dos meninos.
- Então, assim, foi o Google Classroom, tinha o WhatsApp, noventa por cento do meu tempo foi o WhatsApp, vamos colocar assim, nessa monitoria constante com eles, independente de eu ter aula com eles no dia ou não, eu estava disponível pra eles de domingo a domingo, até porque eu não sou o tipo de pessoa que desliga do serviço no sábado e domingo, entendeu, se me manda mensagem eu vou responder, cara, eu não consigo, eu não consigo, mas tem gente que consegue, eu acho louvável a pessoa que consegue, mas eu estou trabalhando

para ser essa pessoa um dia.

- [...] e a gente costumava fazer rodas de conversa das ciências da natureza, principalmente com os meninos... a gente abria pra escola de maneira geral, para todas as turmas, mas os alunos mais frequentes eram os alunos do ensino médio, então nessas rodas de conversa a gente... nós discutia alguns assuntos, como por exemplo nos discutimos as grandes pandemias do mundo, não foram muitas, não porque isso foi uma iniciativa que a gente começou a tomar logo no início da pandemia e aí veio o híbrido e gente parou [...]
- [...] a gente pediu pros meninos criarem artes usando material reciclável, de dentro de casa, com interpretações visuais, mesmo, que eles tinham em relação ao meio ambiente, é a semana da preservação do meio ambiente, é alguma data comemorativa. Mês de novembro, se não me engano, e... é... então a gente fazia essas práticas com os meninos, a gente fazia concursos, a gente estimulava o retorno, então a gente fazia... incentivava com prêmios, também, sabe, a gente fazia... ia no supermercado e juntava cesta básica e punham alguma coisa que no momento ali, meu filho, cesta básica salvava muitas famílias, né, então a gente preparava esse tipo de atividade, também, tinham essas rodas de conversa que a gente discutia filmes, também, a gente passava filmes, na verdade, foi um filme só que a gente conseguiu discutir, foi um que trava mais a relação de racismo, mesmo, foi um filme americano, mas a gente fez sugestão dos meninos, a gente trabalhava muito encima das sugestões dos alunos, também, não era nada imposto, então era “o que vocês querem discutir?”, “o que vocês querem fazer?” e os meninos eram “ah, vamos assistir um filme e vamos discutir?”, “beleza”, porque isso atraia os meninos, porque isso foi decisão deles, né.
- Sim, porque a gente sentia que os alunos estavam precisando, que os alunos estavam carentes, eles gostam da escola, o espaço ali, encontrar os amigos, para eles era uma coisa necessária, então se a gente fechasse isso, por exemplo “hoje nós vamos trabalhar com reino animal”, cara, ninguém quer saber de reino animal num momento em que todo mundo está passando por problemas em casa, problemas psicológicos, ansiedade, então a gente abriu espaço para discutir diferentes propostas, lógico que as ciências da natureza permeava isso aí [...]

Fonte: Do Autor

Categorias e excertos da Relação professor-aluno

Categorias	Falas
Desafios na interação	"[...] a gente lida com contexto o tempo todo, é uma realidade completamente diferente, são 30,40 alunos dentro de uma sala, cada um com

	uma realidade diferente, com um contexto diferente e a gente não tem a possibilidade de lidar com esses 40 contextos diferentes, com essas 40 realidades [...]" "[...] a gente criava links para encontros diários ou semanais com as turmas, mas o retorno era zero, porque noventa e oito por cento dos meus meninos não sabiam utilizar o e-mail [...]" "[...] para você acessar a plataforma você precisava de um log in e uma senha, esse log in é o e-mail institucional do estado, que o estado disponibilizou para os alunos, mas eles não tinham a prática, não tinham o conhecimento de como acessar essas plataformas [...]" "[...] diversas, diversas vezes os estudantes vinham até mim falar 'professor, eu não vou conseguir participar', e isso tudo pelo whatsapp, tá, pela plataforma nunca funcionou, no pessoal, me mandando mensagem no pessoal, falava 'oh, professor, não vou conseguir participar da sua aula, do nosso encontro, hoje, pelo google meet, porque eu tô sozinha, eu sou a irmã mais velha, eu to sozinha em casa e como eu tô em casa, minha mãe não admite, meus pais não admitem que eu fique sem fazer nada.' [...]"
Necessidade de suporte tecnológico	"[...] então a primeira parte foi pra tentar ambientalizar os meninos, os estudantes com essa ferramenta que não deu certo, a gente não tinha retorno, não só pela dificuldade de acessar o e-mail, mas pela falta de... de tecnologia mesmo, ou não tinha internet em casa, quando tinha, era um celular da mãe e do pai que era dividido com, é, sei lá, outros quatro irmãos e aí só conseguia ter acesso ao celular quando a mãe ou pai chegava do trabalho, isso era seis, sete

	horas da noite e aí a gente já tinha encerrado o expediente, né, que a gente tinha que abrir as aulas nos horários das aulas." "[...] para você acessar a plataforma você precisava de um log in e uma senha, esse log in é o e-mail institucional do estado, que o estado disponibilizou para os alunos, mas eles não tinham a prática, não tinham o conhecimento de como acessar essas plataformas [...]" "[...] E aí as entregas das atividades, Heitor, mais uma vez, era uma entrega online, eles tiravam fotos e me mandavam no whatsapp, aí se eu não tivesse um computador apto a receber essas imagens todas, porque eram caminhões de fotos que eu recebia, de todas as minhas turmas, se eu não tivesse uma internet de qualidade, porque o estado não em custo, em momento algum com os professores [...]"
Adaptação e estratégias do professor	"[...] e a gente costumava fazer rodas de conversa das ciências da natureza, principalmente com os meninos... a gente abria pra escola de maneira geral, para todas as turmas, mas os alunos mais frequentes eram os alunos do ensino médio, então nessas rodas de conversa a gente... nós discutia alguns assuntos, como por exemplo nos discutimos as grandes pandemias do mundo, não foram muitas, não porque isso foi uma iniciativa que a gente começou a tomar logo no início da pandemia e aí veio o híbrido e gente parou [...]" "[...] a gente pediu pros meninos criarem artes usando material reciclável, de dentro de casa, com interpretações visuais, mesmo, que eles tinham em relação ao meio ambiente, é a semana da preservação do meio ambiente, é

	alguma data comemorativa. Mês de novembro, se não me engano, e... é... então a gente fazia essas práticas com os meninos, a gente fazia concursos, a gente estimulava o retorno, então a gente fazia... incentivava com prêmios, também, sabe, a gente fazia... ia no supermercado e juntava cesta básica e punham alguma coisa que no momento ali, meu filho, cesta básica salvava muitas famílias, né, então a gente preparava esse tipo de atividade, também, tinham essas rodas de conversa que a gente discutia filmes, também, a gente passava filmes, na verdade, foi um filme só que a gente conseguiu discutir, foi um que trava mais a relação de racismo, mesmo, foi um filme americano, mas a gente fez sugestão dos meninos, a gente trabalhava muito em cima das sugestões dos alunos, também, não era nada imposto, então era 'o que vocês querem discutir?', 'o que vocês querem fazer?' [...]"
Avaliação e aprovação	"[...] E aí eles tinham de entregar essas atividades semanalmente, mesmo que entregassem em branco, eles tinham que entregar, porque o ato de entregar em branco significa que o aluno tentou, mas não conseguiu fazer sozinho." "[...] os meninos do ensino fundamental, dava pra ver quem fez algumas ilustrações, cara, quem fez o PET não era, não era a letra dos meninos." "[...] Ou eles podiam entregar na escola, então eles tinham que sair da casa deles em plena pandemia, ir até a escola, alguns da zona rural, por exemplo, tinham que sair de casa, uma distância considerável, e ir até a escola entregar essas atividades [...]"

	"[...] me colocava a disposição ao atendimento, sempre, mandava mensagem 'oh, gente, de tal hora a tal hora eu tô lá, quem tiver alguma necessidade, me procure', mas o retorno foi diminuindo, né, então eu comecei com três, tinha época que entrava quatro meninos, no final já não tava entrando ninguém, da metade pra frente não tava entrando ninguém e esse momento que eu comecei a questionar mesmo, já estava me questionando 'cara, isso vai passar, mas o que eu posso fazer para melhorar?', entendeu?" "[...] a gente não tinha o contato com os meninos e a gente criava links para encontros diários ou semanais com as turmas, mas o retorno era zero, porque noventa e oito por cento dos meus meninos não sabiam utilizar o e-mail [...]"
Reconhecimento da importância da escola	"[...] Sim, porque a gente sentia que os alunos estavam precisando, que os alunos estavam carentes, eles gostam da escola, o espaço ali, encontrar os amigos, para eles era uma coisa necessária, então se a gente fechasse isso, por exemplo 'hoje nós vamos trabalhar com reino animal', cara, ninguém quer saber de reino animal num momento em que todo mundo está passando por problemas em casa, problemas psicológicos, ansiedade, então a gente abriu espaço para discutir diferentes propostas, lógico que as ciências da natureza permeava isso aí [...]"

Fonte: Do Autor

Recortes de falas da entrevista sobre a relação do professor com a escola

RECORTES PROFESSOR-ESCOLA

- [...] gente vê o quão difícil é, não só em questão, as questões que a gente já conhece, né, que a gente sabe bem dentro de uma escola pública, mas em relação ao pagamento, também, ao salário, né, que é o reconhecimento, infelizmente é triste. Dizer que a gente consegue se manter com um salário de professor do estado, com um cargo de professor do estado, trabalhando mais do que a gente deveria trabalhar, a gente sabe que é mentira, [...].
- Cara, mas no estado, eu tinha uma noção muito rasa de como...como é a educação básica no estado, tá, e essa, essa noção rasa ainda veio por conta do PIBID, a gente estava sempre em contato com as professoras do estado, a gente tentava ao máximo sempre estar dentro da escola [...]
- [...] o ser professor não se resume em elaborar uma aula, elaborar uma metodologia e...e tentar construir esse conhecimento com os alunos, é muito mais complexo do que isso, é muito mais abrangente do que isso, a gente lida com contexto o tempo todo, é uma realidade completamente diferente, são 30,40 alunos dentro de uma sala, cada um com uma realidade diferente, com um contexto diferente e a gente não tem a possibilidade de lidar com esses 40 contextos diferentes, com essas 40 realidades, né, então acaba que a gente sente que não faz um trabalho completo, que a gente poderia fazer um trabalho completo, mas acaba que pra poder fazer isso, a gente teria que abrir mão de muitas outras coisas, de abrir mão de outras aulas que a gente...que a gente precisa dar pra complementar a renda, porque a gente sabe que um cargo, como eu disse pra você anteriormente, não paga minhas contas, o fato é isso, a realidade é essa e dizer que um cargo com 24 horas semanais é o que eu realmente trabalho, é mentira, porque hoje eu tenho...hoje eu 'tô' com 27 horas semanais, eu trabalho todos os dias da semana, dedicado a essa escola, pra fazer um serviço bem feito, entende? Porque a gente tem que preencher diário, a gente tem que lidar com burocracia, a gente tem que preparar aula, fazer planejamento, participar de reuniões, é... e é muita cobrança que vem encima da gente, então, assim, hoje com essas 27 aulas que é um cargo e um pouquinho mais, né, eu já me sinto completamente exaurido fisicamente, psicologicamente, com dois cargos eu não... eu não... eu sinto que eu não serei completo enquanto professor, eu vou tá empurrando com a barriga uma situação pra poder ter uma folguinha no final do mês [...].
- [...] o problema não é só a vivência do professor, né, o contexto do professor, mas da escola em si, né, a gente vê a quantidade... eu falo o tanto que a educação básica vem sendo sucateada, apesar das propagandas do governo, a gente vê isso, lá dentro da escola, a falta de incentivo de formação continuada do professor, porque enquanto doutor, hoje, eu não

recebo um real a mais por isso... absolutamente nada por isso, então isso não incentiva a gente a ter uma formação complementar, né, mesmo que seja em áreas afins, como é o meu caso, ou sei lá, um mestrado em educação, ensino de ciências, alguma coisa assim, não vai acrescentar nada, então acaba que a gente fica completamente desmotivado nesse sentido, né.

- A, mas isso tem já tem um tempo, né, que a gente luta pra receber o piso, que a gente não recebe o piso, apesar do governador insistir que paga o piso, mas ele não paga o piso, né. E não deu o aumento que o governo federal, os trinta por cento, ele não repassou os trinta por cento também.
- [...] e a gente ficou paralisado um bom tempo com a greve, tamo pagando greve até hoje nos sábados, pra absolutamente nada, absolutamente nada, a gente não teve nenhum retorno, a gente ganhou, na verdade, né ah... o governo recorreu, né, tá no supremo, não sei quando vai sair isso e se tem alguma perspectiva de sair, mas é isso cara, é muito bom estar dentro da escola, com os alunos, receber o retorno deles, o agradecimento deles, mas ao mesmo tempo é muito difícil, saber que a gente tá deixando gente pra trás, abrir mão de uma saúde mental, uma saúde física, né, abrir mão de relaxar mesmo nas férias, coisa que eu não consigo desligar, pra abraçar isso tudo e não ser recompensado, isso eu tô sendo bem raso, né, que tem muitas outras coisas aqui.
- Cara, na real mesmo, eu pensei em desistir várias vezes, porque eu não me senti professor nesse dois anos trabalhando no estado, apesar de ter trabalhado muito mais do que eu trabalho no presencial, né, porque a gente, o estado terceirizou o nosso serviço no sentido de _bom, vocês precisam desenvolver todas as formas possíveis de vocês ajudarem os seus estudantes_ então eu tive que expor a minha intimidade, a escola que eu trabalhava na época se sentiu na obrigação de criar grupo do whatsapp com o meu número pessoal, apesar da gente relutar disso, né, dentro da escola, apesar do governo ter disponibilizado uma plataforma que ele julgava ser democrática, mas não foi, não foi acessível, não adianta falar que foi acessível, porque não foi, porque noventa...
- [...], eu era responsável por uma turma, então, além de disponibilizar o meu número pessoal, eu era responsável, como se eu fosse o coordenador ou supervisor de uma turma em específico, então, sei lá, eu era supervisor do primeiro ano do ensino médio, do primeiro ano do ensino médio um, “ah, uma turma do primeiro ano do ensino médio”, então eu era o professor, eu fazia essa ponte entre os meninos e a supervisão, então a supervisão vinha até mim e falava “e aí, marco, como tá o primeiro ano um do ensino médio?” “ah, só dois alunos têm frequentado minhas aulas pelo google meet, essa semana ninguém entrou, só dez por cento me entregaram as atividades.” .

- É e, tipo assim, o que você tinha me perguntado “o que que eu podia fazer?”, eu vou te falar o que eu fazia, além do PET, eu disponibilizava esses encontros virtuais, eu ficava vinte e quatro horas disponíveis no whatsapp, mesmo sábado e domingo, tinha dia que eu recebia ligação onze horas da noite no sábado, tipo, dormindo, assim, o telefone tocava, eu falava “meu deus, cara”, mas é isso, a privacidade completamente invadida, né.
- Mas foi isso, foi um momento bem tenebroso, assim, enquanto professor, porque era muita cobrança, muita burocracia, muita papelada que a gente tinha de preencher e a gente tinha que dar um retorno, um retorno positivo, obviamente, porque a gente não pode dar um retorno negativo e... cara, era isso, basicamente.
- Então, assim, foi o Google Classroom, tinha o WhatsApp, noventa por cento do meu tempo foi o WhatsApp, vamos colocar assim, nessa monitoria constante com eles, independente de eu ter aula com eles no dia ou não, eu estava disponível pra eles de domingo a domingo, até porque eu não sou o tipo de pessoa que desliga do serviço no sábado e domingo, entendeu, se me manda mensagem eu vou responder, cara, eu não consigo, eu não consigo, mas tem gente que consegue, eu acho louvável a pessoa que consegue, mas eu estou trabalhando para ser essa pessoa um dia.

Fonte: Do Autor

Categorias e excertos da Relação professor-escola

Categorias	Falas
Condições de Trabalho	“[...] o ser professor não se resume em elaborar uma aula, elaborar uma metodologia e...e tentar construir esse conhecimento com os alunos, é muito mais complexo do que isso, é muito mais abrangente do que isso, a gente lida com contexto o tempo todo, é uma realidade completamente diferente, são 30,40 alunos dentro de uma sala, cada um com uma realidade diferente, com um contexto diferente e a gente não tem a possibilidade de lidar com esses 40 contextos diferentes, com essas 40 realidades [...]” "A, mas isso tem já tem um tempo, né, que a gente luta pra receber o piso, que a gente não recebe o piso, apesar do governador insistir que

	paga o piso, mas ele não paga o piso, né. E não deu o aumento que o governo federal, os trinta por cento, ele não repassou os trinta por cento também." “Mas foi isso, foi um momento bem tenebroso, assim, enquanto professor, porque era muita cobrança, muita burocracia, muita papelada que a gente tinha de preencher e a gente tinha que dar um retorno, um retorno positivo, obviamente, porque a gente não pode dar um retorno negativo e... cara, era isso, basicamente.”
Complexidade da Profissão	“[...] o ser professor não se resume em elaborar uma aula, elaborar uma metodologia e...e tentar construir esse conhecimento com os alunos, é muito mais complexo do que isso, é muito mais abrangente do que isso, a gente lida com contexto o tempo todo, é uma realidade completamente diferente, são 30,40 alunos dentro de uma sala, cada um com uma realidade diferente, com um contexto diferente e a gente não tem a possibilidade de lidar com esses 40 contextos diferentes, com essas 40 realidades [...]” “hoje eu ‘tô’ com 27 horas semanais, eu trabalho todos os dias da semana, dedicado a essa escola, pra fazer um serviço bem feito, entende? Porque a gente tem que preencher diário, a gente tem que lidar com burocracia, a gente tem que preparar aula, fazer planejamento, participar de reuniões, é... e é muita cobrança que vem em cima da gente, então, assim, hoje com essas 27 aulas que é um cargo e um pouquinho mais, né, eu já me sinto completamente exaurido fisicamente, psicologicamente, com dois cargos eu não... eu não... eu sinto que eu não serei

	completo enquanto professor, eu vou tá empurrando com a barriga uma situação pra poder ter uma folguinha no final do mês [...].”
Desmotivação e Falta de Reconhecimento	“[...] gente vê o quão difícil é, não só em questão, as questões que a gente já conhece, né, que a gente sabe bem dentro de uma escola pública, mas em relação ao pagamento, também, ao salário, né, que é o reconhecimento, infelizmente é triste. Dizer que a gente consegue se manter com um salário de professor do estado, com um cargo de professor do estado, trabalhando mais do que a gente deveria trabalhar, a gente sabe que é mentira, [...].” “[...] o problema não é só a vivência do professor, né, o contexto do professor, mas da escola em si, né, a gente vê a quantidade... eu falo o tanto que a educação básica vem sendo sucateada, apesar das propagandas do governo, a gente vê isso, lá dentro da escola, a falta de incentivo de formação continuada do professor, porque enquanto doutor, hoje, eu não recebo um real a mais por isso... absolutamente nada por isso, então isso não incentiva a gente a ter uma formação complementar, né, mesmo que seja em áreas afins, como é o meu caso, ou sei lá, um mestrado em educação, ensino de ciências, alguma coisa assim, não vai acrescentar nada, então acaba que a gente fica completamente desmotivado nesse sentido, né.”
Experiências na Escola	“Então, assim, foi o Google Classroom, tinha o WhatsApp, noventa por cento do meu tempo foi o WhatsApp, vamos colocar assim, nessa monitoria constante com eles, independente de

	eu ter aula com eles no dia ou não, eu estava disponível pra eles de domingo a domingo, até porque eu não sou o tipo de pessoa que desliga do serviço no sábado e domingo, entendeu, se me manda mensagem eu vou responder, cara, eu não consigo, eu não consigo, mas tem gente que consegue, eu acho louvável a pessoa que consegue, mas eu estou trabalhando para ser essa pessoa um dia.” “Cara, na real mesmo, eu pensei em desistir várias vezes, porque eu não me senti professor nesse dois anos trabalhando no estado, apesar de ter trabalhado muito mais do que eu trabalho no presencial, né, porque a gente, o estado terceirizou o nosso serviço no sentido de _bom, vocês precisam desenvolver todas as formas possíveis de vocês ajudarem os seus estudantes_ então eu tive que expor a minha intimidade, a escola que eu trabalhava na época se sentiu na obrigação de criar grupo do whatsapp com o meu número pessoal, apesar da gente relutar disso, né, dentro da escola, apesar do governo ter disponibilizado uma plataforma que ele julgava ser democrática, mas não foi, não foi acessível, não adianta falar que foi acessível, porque não foi, porque noventa...” “[...] o ser professor não se resume em elaborar uma aula, elaborar uma metodologia e...e tentar construir esse conhecimento com os alunos, é muito mais complexo do que isso, é muito mais abrangente do que isso, a gente lida com contexto o tempo todo, é uma realidade completamente diferente, são 30,40 alunos dentro de uma sala, cada um com uma realidade diferente, com um contexto diferente e a gente
--	---

	não tem a possibilidade de lidar com esses 40 contextos diferentes, com essas 40 realidades, né, então acaba que a gente sente que não faz um trabalho completo, que a gente poderia fazer um trabalho completo, mas acaba que pra poder fazer isso, a gente teria que abrir mão de muitas outras coisas, de abrir mão de outras aulas que a gente...que a gente precisa dar pra complementar a renda, porque a gente sabe que um cargo, como eu disse pra você anteriormente, não paga minhas contas, o fato é isso, a realidade é essa e dizer que um cargo com 24 horas semanais é o que eu realmente trabalho, é mentira, porque hoje eu tenho...hoje eu 'tô' com 27 horas semanais, eu trabalho todos os dias da semana, dedicado a essa escola, pra fazer um serviço bem feito, entende? Porque a gente tem que preencher diário, a gente tem que lidar com burocracia, a gente tem que preparar aula, fazer planejamento, participar de reuniões, é... e é muita cobrança que vem em cima da gente, então, assim, hoje com essas 27 aulas que é um cargo e um pouquinho mais, né, eu já me sinto completamente exaurido fisicamente, psicologicamente, com dois cargos eu não... eu não... eu sinto que eu não serei completo enquanto professor, eu vou tá empurrando com a barriga uma situação pra poder ter uma folguinha no final do mês [...].” “Cara, mas no estado, eu tinha uma noção muito rasa de como...como é a educação básica no estado, tá, e essa, essa noção rasa ainda veio por conta do PIBID, a gente estava sempre em contato com as professoras do estado, a gente tentava ao máximo sempre estar dentro da
--	---

	escola [...]”
--	---------------

Fonte: Do Autor

Recortes da entrevista sobre a relação do professor com as metodologias de ensino

RECORTES PROFESSOR-METODOLOGIAS
• Cara, na real mesmo, eu pensei em desistir várias vezes, porque eu não me senti professor nesses dois anos trabalhando no estado, apesar de ter trabalhado muito mais do que eu trabalho no presencial, né, porque a gente, o estado terceirizou o nosso serviço no sentido de, bom, <i>vocês precisam desenvolver todas as formas possíveis de vocês ajudarem os seus estudantes</i>, então eu tive que expor a minha intimidade, a escola que eu trabalhava na época se sentiu na obrigação de criar grupo do whatsapp com o meu número pessoal, apesar da gente relutar disso, né, dentro da escola, apesar do governo ter disponibilizado uma plataforma que ele julgava ser democrática, mas não foi, não foi acessível, não adianta falar que foi acessível, porque não foi, porque noventa... • Ai, pera aí, pera aí, que agora você me pegou, tinha o, aquele Google escolar? • Isso, o classroom, aí ele tinha o estude em casa também, que era, é uma página do governo estadual, onde ele disponibilizava os PETs e tinha as vídeo aulas que eram disponibilizadas na rede minas, na época e tinha o classroom, que aí tinha... que assim que a gente disponibilizava alguma coisa, que a gente não tinha o contato com os meninos e a gente criava links para encontros diários ou semanais com as turmas, mas o retorno era zero, porque noventa e oito por cento dos meus meninos não sabiam utilizar o e-mail, cada... para você acessar a plataforma você precisava de um log in e uma senha, esse log in é o e-mail institucional do estado, que o estado disponibilizou para os alunos, mas eles não tinham a prática, não tinham o conhecimento de como acessar essas plataformas, então a primeira parte foi pra tentar ambientar os meninos, os estudantes com essa ferramenta que não deu certo, a gente não tinha retorno, não só pela dificuldade de acessar o e-mail, mas pela falta de... de tecnologia mesmo, ou não tinha internet em casa, quando tinha, era um celular da mãe e do pai que era dividido com, é, sei lá, outros quatro irmãos e aí só conseguia ter acesso ao celular quando a mãe ou pai chegava do trabalho, isso era seis, sete horas da noite e aí a gente já tinha encerrado o expediente, né, que a gente tinha que abrir as aulas nos horários das aulas. Ou também não tinha computador, ou a ... diversas, diversas vezes os estudantes vinham até mim falar _ professor, eu não vou conseguir participar_ e isso tudo pelo whatsapp, tá, pela plataforma nunca funcionou, no pessoal, me mandando mensagem no pessoal, falava, ” <i>oh, professor, não vou conseguir participar da sua aula, do</i>

nosso encontro, hoje, pelo google meet, porque eu tô sozinha, eu sou a irmã mais velha, eu to sozinha em casa e como eu tô em casa, minha mãe não admite, meus pais não admitem que eu fique sem fazer nada” na verdade ela ia fazer... ela ia fazer alguma coisa, ela estaria comigo no google meet, né, mas para os pais isso não era aula, então ela tinha que limpar a casa, ela ou ele, né, tinha que limpar a casa, cuidar do irmão mais novo e foi isso que eles viraram, eles assumiram outras responsabilidades, responsabilidades que naquele momento não era... não cabia a eles, né, então eu me desanimei muito, porque eu percebia isso, porque eu tinha esse retorno deles e pro estado tava tudo bem, os índices estavam ótimo, ó que beleza, tava todo mundo feliz, bastava entregar o PET em branco, as atividades, né, que o governo disponibilizava em branco, que o menino tava aprovado e não é uma questão de aprovação, aprovar ou deixar de aprovar, né, é uma questão de entender o processo, de maneira crítica, né, é número que eles queriam, a verdade era essa.

- Planos de estudos tutorados, se não me falha a memória, é isso.
- É, a gente tinha liberdade de preparar outras coisas, mas esse era o material que o estado preparou, entendeu? Então o estado preparava esse material, já vinha pronto, né, era a parte teórica e depois exercícios, divididos por semanas, semana um, semana dois, semana três, semana quatro, fechava o mês, entendeu? E aí eles tinha de entregar essas atividades semanalmente, mesmo que entregassem em branco, eles tinham que entregar, porque o ato de entregar em branco significa que o aluno tentou, mas não conseguiu fazer sozinho.
- É e, tipo assim, o que você tinha me perguntado “o que que eu podia fazer?”, eu vou te falar o que eu fazia, além do PET, eu disponibilizava esses encontros virtuais, eu ficava vinte e quatro horas disponíveis no whatsapp, mesmo sábado e domingo, tinha dia que eu recebia ligação onze horas da noite no sábado, tipo, dormindo, assim, o telefone tocava, eu falava “meu deus, cara”, mas é isso, a privacidade completamente invadida, né. É... deixa eu ver, outra coisa, ah, eu tinha, o que eu fazia mesmo, eu fazia um material complementar, então eu elaborava um material, elaborava assim, né, pegava um conteúdo da internet, mastigava ele com bastante imagem, fazia esquemas, eu não passava mais atividades, porque não faz sentido você passar mais atividades, né? Resolução de exercício? Não faz sentido, então eu preparava, eu disponibilizava um material teórico complementar, porque eles não tinham livro, tá? O livro não podia sair da escola mais, porque tem turmas, por exemplo, as turmas do ensino médio, não levam o livro pra casa, o livro fica na escola, fundamental já leva pra casa o livro, né. Pelo menos na escola que eu trabalhei, trabalhava na época. Então eu preparava esse material teórico complementar, disponibilizava em PDF, mandava nos grupos e na plataforma do Google, no escolar, escolar, não, como é que é? Eu esqueci o nome dele, já.

- O classroom, isso. O Google Sala de Aula, aí eu disponibilizava lá e tava lá para quem quisesse ler, então era o suficiente, era um material completo para eles lerem, porque na minha concepção, oh Heitor, isso era mais “democrático”, entre aspas, o aluno conseguir se planejar, encima do planejamento dele, obviamente, da realidade dele, do contexto dele [...].
- [...] porque chegou uma hora que eu desisti, cara, eu abria a aula porque eu era obrigado a abrir a aula no classroom, no meet, né, abria aqui a aula, ficava esperando, quinze/vinte minutos, não entrava ninguém, eu saía, me colocava a disposição ao atendimento, sempre [...].
- É, o material eu vou dizer que eu fiz um apanhado teórico complementar, porque ele estava... era o conteúdo disponível na internet, então eu tirava ele, colocava as devidas referências, né, nesse arquivo em PDF, colocava imagens, sugeri muita aula no YouTube de professores especializados nisso, isso era uma coisa que eu fazia constantemente, porque uma coisa que eu nunca fiz na minha vida foi preparar uma aula online, não tinha essa experiência, de todas as vivências práticas que eu tive, mesmo na graduação, nas disciplinas de metodologia, por exemplo, que a gente fez de ensino, todas elas eram presenciais, a gente elaborava o material, né, então preparar uma aula online era uma coisa que eu nunca tinha imaginado, nunca tinha me deparado com isso antes, né, então pensar em elaborar, como fazer, as vezes já é difícil a gente elaborar um material pedagógico diferenciado, né, tipo não expositivo para os meninos, alguma coisa assim, uma metodologia diferente, online então, era ainda mais complicado, cara, eu falei assim “eu não tenho essa didática online que eu tenho presencial”, né?
- Mas eu respondi, então noventa por cento do meu tempo era o whatsapp, eu preparava esse material complementar, eu disponibilizava vídeos de pessoas que produzem conteúdo rico e bom, né, online, e a gente costumava fazer rodas de conversa das ciências da natureza, principalmente com os meninos... a gente abria pra escola de maneira geral, para todas as turmas, mas os alunos mais frequentes eram os alunos do ensino médio, então nessas rodas de conversa a gente... nós discutia alguns assuntos, como por exemplo nos discutimos as grandes pandemias do mundo, não foram muitas, não porque isso foi uma iniciativa que a gente começou a tomar logo no início da pandemia e aí veio o híbrido e gente parou, porque a gente já tava voltando pra escola em algumas situações, então a gente trabalhou... a gente fez concurso de... eh... era do mês do... como é que chama, gente? Do meio ambiente, o mês do meio ambiente, tinha... tem uma data comemorativa e aí a gente fez... a gente pediu pros meninos criarem artes usando material reciclável, de dentro de casa, com interpretações visuais, mesmo, que eles tinham em relação ao meio ambiente, é a semana da

preservação do meio ambiente, é alguma data comemorativa. Mês de novembro, se não me engano, e... é... então a gente fazia essas práticas com os meninos, a gente fazia concursos, a gente estimulava o retorno, então a gente fazia... incentivava com prêmios, também, sabe, a gente fazia... ia no supermercado e juntava cesta básica e punham alguma coisa que no momento ali, meu filho, cesta básica salvava muitas famílias, né, então a gente preparava esse tipo de atividade, também, tinham essas rodas de conversa que a gente discutia filmes, também, a gente passava filmes, na verdade, foi um filme só que a gente conseguiu discutir, foi um que trava mais a relação de racismo, mesmo, foi um filme americano, mas a gente fez sugestão dos meninos, a gente trabalhava muito encima das sugestões dos alunos, também, não era nada imposto, então era “o que vocês querem discutir?”, “o que vocês querem fazer?” e os meninos eram “ah, vamos assistir um filme e vamos discutir?”, “beleza”, porque isso atraía os meninos, porque isso foi decisão deles, né.

- a gente abriu espaço para discutir diferentes propostas, lógico que as ciências da natureza permeava isso aí, né, e a gente abria para outros professores, também, então nesse momento da arte, por exemplo, que a gente fez, a professora de artes participou, porque era... o que a gente propôs a gente chama de “land arts”, a tradução ao pé da letra seria “artes da terra”, mas utilizavam materiais do meio ambiente pra preparar a arte, então a gente usou materiais recicláveis dentro de casa, então a professora de artes veio e deu uma palestra, a gente passou um filminho, discutiu com eles sobre um artesão de São João del Rei, muito bacana, então a gente teve um retorno muito legal em relação a isso... e era basicamente isso, assim, de ferramentas alternativas, né, que a gente tinha.

Fonte: Do Autor

Categorias e excertos da Relação professor-metodologia

Categorias	Falas
Uso de Plataformas Online e Ferramentas Digitais	"[...] a escola que eu trabalhava na época se sentiu na obrigação de criar grupo do whatsapp com o meu número pessoal, apesar da gente relutar disso, né, dentro da escola, apesar do governo ter disponibilizado uma plataforma que ele julgava ser democrática, mas não foi, não foi acessível, não adianta falar que foi acessível, porque não foi, porque noventa..." "Isso, o classroom, aí ele tinha o estude em casa também, que era, é uma página do governo

	estadual, onde ele disponibilizava os PETs e tinha as vídeo aulas que eram disponibilizadas na rede minas, na época e tinha o classroom, que aí tinha... que assim que a gente disponibilizava alguma coisa, que a gente não tinha o contato com os meninos e a gente criava links para encontros diários ou semanais com as turmas, mas o retorno era zero, porque noventa e oito por cento dos meus meninos não sabiam utilizar o e-mail, cada... para você acessar a plataforma você precisava de um log in e uma senha, esse log in é o e-mail institucional do estado, que o estado disponibilizou para os alunos, mas eles não tinham a prática, não tinham o conhecimento de como acessar essas plataformas..." "[...] para acessar a plataforma os estudantes precisavam de um código, uma senha, e eles não sabiam como fazer isso [...]" "[...] a gente criava links para encontros diários ou semanais com as turmas, mas o retorno era zero, porque noventa e oito por cento dos meus meninos não sabiam utilizar o e-mail [...]" "[...] a gente mandava mensagem, junto com a supervisão, então por exemplo, eu era responsável por uma turma, então, além de disponibilizar o meu número pessoal, eu era responsável, como se eu fosse o coordenador ou supervisor de uma turma em específico [...]"
Material Complementar	"[...] eu preparava esse material complementar, eu disponibilizava vídeos de pessoas que produzem conteúdo rico e bom, né, online, e a gente costumava fazer rodas de conversa das ciências da natureza, principalmente com os meninos... a gente abria pra escola de maneira

	geral, para todas as turmas, mas os alunos mais frequentes eram os alunos do ensino médio, então nessas rodas de conversa a gente... nós discutia alguns assuntos, como por exemplo nos discutimos as grandes pandemias do mundo, não foram muitas, não porque isso foi uma iniciativa que a gente começou a tomar logo no início da pandemia e aí veio o híbrido e gente parou, porque a gente já tava voltando
Aulas Online	"[...] a escola que eu trabalhava na época se sentiu na obrigação de criar grupo do whatsapp com o meu número pessoal, apesar da gente relutar disso, né, dentro da escola, apesar do governo ter disponibilizado uma plataforma que ele julgava ser democrática, mas não foi, não foi acessível, não adianta falar que foi acessível, porque não foi, porque noventa..." "Isso, o classroom, aí ele tinha o estude em casa também, que era, é uma página do governo estadual, onde ele disponibilizava os PETs e tinha as vídeo aulas que eram disponibilizadas na rede minas, na época e tinha o classroom, que aí tinha... que assim que a gente disponibilizava alguma coisa, que a gente não tinha o contato com os meninos e a gente criava links para encontros diários ou semanais com as turmas, mas o retorno era zero, porque noventa e oito por cento dos meus meninos não sabiam utilizar o e-mail, cada... para você acessar a plataforma você precisava de um log in e uma senha, esse log in é o e-mail institucional do estado, que o estado disponibilizou para os alunos, mas eles não tinham a prática, não tinham o conhecimento de como acessar essas plataformas..."

	"[...] diversos, diversas vezes os estudantes vinham até mim falar “professor, eu não vou conseguir participar”, e isso tudo pelo whatsapp, tá, pela plataforma nunca funcionou, no pessoal, me mandando mensagem no pessoal, falava “oh, professor, não vou conseguir participar da sua aula, do nosso encontro, hoje, pelo google meet, porque eu tô sozinha, eu sou a irmã mais velha, eu tô sozinha em casa e como eu tô em casa, minha mãe não admite, meus pais não admitem que eu fique sem fazer nada.”” "[...] porque chegou uma hora que eu desisti, cara, eu abria a aula porque eu era obrigado a abrir a aula no classroom, no meet, né, abria aqui a aula, ficava esperando, quinze/vinte minutos, não entrava ninguém, eu saía, me colocava a disposição ao atendimento, sempre [...]" "[...] então a primeira parte foi pra tentar ambientalizar os meninos, os estudantes com essa ferramenta que não deu certo, a gente não tinha retorno, não só pela dificuldade de acessar o e-mail, mas pela falta de... de tecnologia mesmo, ou não tinha internet em casa, quando tinha, era um celular da mãe e do pai que era dividido com, é, sei lá, outros quatro irmãos e aí só conseguia ter acesso ao celular quando a mãe ou pai chegava do trabalho, isso era seis, sete horas da noite e aí a gente já tinha encerrado o expediente, né, que a gente tinha que abrir as aulas nos horários das aulas." "[...] eu ficava vinte e quatro horas disponíveis no whatsapp, mesmo sábado e domingo, tinha dia que eu recebia ligação onze horas da noite no sábado, tipo, dormindo, assim, o telefone
--	--

	tocava, eu falava “meu deus, cara”, mas é isso, a privacidade completamente invadida, né." "[...] noventa por cento do meu tempo foi o WhatsApp, vamos colocar assim, nessa monitoria constante com eles, independente de eu ter aula com eles no dia ou não, eu estava disponível pra eles de domingo a domingo, até porque eu não sou o tipo de pessoa que desliga do serviço no sábado e domingo, entendeu, se me manda mensagem eu vou responder, cara, eu não consigo, eu não consigo, mas tem gente que consegue [...]"
Atividades e Estratégias Alternativas	"[...] nós discutia alguns assuntos, como por exemplo nós discutimos as grandes pandemias do mundo, não foram muitas, não porque isso foi uma iniciativa que a gente começou a tomar logo no início da pandemia e aí veio o híbrido e gente parou, porque a gente já tava voltando pra escola em algumas situações, então a gente trabalhou... a gente fez concurso de... eh... era do mês do... como é que chama, gente? Do meio ambiente, o mês do meio ambiente, tinha... tem uma data comemorativa e aí a gente fez... a gente pediu pros meninos criarem artes usando material reciclável, de dentro de casa, com interpretações visuais, mesmo, que eles tinham em relação ao meio ambiente, é a semana da preservação do meio ambiente, é alguma data comemorativa." "Então a gente fazia essas práticas com os meninos, a gente fazia concursos, a gente estimulava o retorno, então a gente fazia... incentivava com prêmios, também, sabe, a gente fazia... ia no supermercado e juntava cesta básica e punham alguma coisa que no momento

	ali, meu filho, cesta básica salvava muitas famílias, né, então a gente preparava esse tipo de atividade." "Tinham essas rodas de conversa que a gente discutia filmes, também, a gente passava filmes, na verdade, foi um filme só que a gente conseguiu discutir, foi um que trava mais a relação de racismo, mesmo, foi um filme americano, mas a gente fez sugestão dos meninos, a gente trabalhava muito encima das sugestões dos alunos, também, não era nada imposto, então era "o que vocês querem discutir?", "o que vocês querem fazer?" e os meninos eram "ah, vamos assistir um filme e vamos discutir?", "beleza", porque isso atraia os meninos, porque isso foi decisão deles, né." "Sim, porque a gente sentia que os alunos estavam precisando, que os alunos estavam carentes, eles gostam da escola, o espaço ali, encontrar os amigos, para eles era uma coisa necessária, então se a gente fechasse isso, por exemplo "hoje nós vamos trabalhar com reino animal", cara, ninguém quer saber de reino animal num momento em que todo mundo está passando por problemas em casa, problemas psicológicos, ansiedade, então a gente abriu espaço para discutir diferentes propostas, lógico que as ciências da natureza permeava isso aí [...]." "[...] a gente abriu pra escola de maneira geral, para todas as turmas, mas os alunos mais frequentes eram os alunos do ensino médio, então nessas rodas de conversa a gente... nós discutia alguns assuntos, como por exemplo nos discutimos as grandes pandemias do mundo, não
--	--

	foram muitas, não porque isso foi uma iniciativa que a gente começou a tomar logo no início da pandemia e aí veio o híbrido e gente parou [...]."
--	---

Fonte: Do Autor

Recortes da entrevista sobre a relação do professor com suas motivações pessoais

RECORTES PROFESSOR-PESSOAL
• Eu tenho 35 anos. • Há uns três anos, três anos e uns meses. (TEMPO QUE TRABALHA NA EDUCAÇÃO PÚBLICA) • Eu sou de Belo Horizonte. (CIDADE DE ORIGEM) • Tá, então eu vim pra Lavras em 2010 fazer minha graduação em Ciências Biológicas, modalidade Licenciatura e o que me motivou a vim para Lavras é justamente o fato da Universidade, o curso ser mais voltado para a parte da botânica, né, principalmente o curso de Ciências Biológicas ter um viés mais para o lado da botânica do que da saúde e foi uma das coisas que pesou na minha escolha, porquê é a parte das Ciências Biológicas que eu me identifico mais até hoje, a parte das plantas e consegui essa possibilidade por conta do SiSU, né, permitiu também colocar a minha nota aqui em Lavras e deu certo... • E eu tinha alguns parentes aqui ao redor, então foi uma transição tranquila de vir pra cá, essa tomada de decisão foi bem tranquila. • É, não, não em Lavras, eu tenho conhecidos aqui, primos distantes, mas eu tinha uma Tia Avó que morava em Ribeirão Vermelho, então, e primos também que moravam em Ribeirão Vermelho, mas nada muito próximo, mas fez com que, tipo, os meus pais, por exemplo, ficassem seguros da minha decisão de vir pra cá, entendeu? (SE TEM FAMÍLIA EM LAVRAS) • Mais pra eles do que pra mim, porque pra mim essa decisão já estava tomada independente de ter parente aqui ou não. • É, na verdade eu sou, eu tenho mestrado e doutorado em genética, melhoramento de plantas, eh, é isso, basicamente isso, eu não sou botânico, né, eu sou geneticista, de plantas, no caso. • Então, Heitor, eu tinha, eu gostava muito assim de..., eu tinha o costume de estudar para as provas, desde moleque, assim, ensinando, então eu ensinavas pras ‘cadeira’, ‘pros objeto’ da sala de casa, assim como um hobby mesmo, como uma brincadeira, na verdade inicialmente como uma brincadeira e como um método de estudo, aí depois eu fui vendo que eu realmente tinha uma vontade maior em relação ao ser professor e aí eu tinha um a

ideia que ser professora era um hobby, né, mas, na verdade, a gente sabe que não é e eu fui descobrir isso na graduação, então a gente tem uma aptidão para isso e é uma aptidão que demanda muito conhecimento, muita prática, o exercício em si, não enquanto licenciando, então era uma área que sempre me agradou. Tive bons professores, uma coisa, alguns me inspiraram bastante, me apoiaram na tomada da decisão, então fatores que me, que me fizeram escolher a área em si, e poder voltar pra sociedade o que a sociedade me concebeu em algum momento, né, eu acho que é uma das profissões que permite a gente fazer isso, é, todos os investimentos que foram colocados em mim, ao longo da minha vida enquanto bolsista, que sempre fui do PIBID (*Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência*), por exemplo, acho que a educação permite que a gente retorne esse investimento, esse investimento de uma maneira mais rápida, né, mais eficaz, digamos assim.

- Eu fiz pós-graduação justamente pensando nisso, né, quando a gente começa a realmente adentrar dentro de uma escola, dentro do estado (*escolas estaduais*), né, a gente vê o quão difícil é, não só em questão, as questões que a gente já conhece, né, que a gente sabe bem dentro de uma escola pública, mas em relação ao pagamento, também, ao salário, né, que é o reconhecimento, infelizmente é triste. Dizer que a gente consegue se manter com um salário de professor do estado, com um cargo de professor do estado, trabalhando mais do que a gente deveria trabalhar, a gente sabe que é mentira, né e dizer que eu quero viver com esse salário o resto da minha vida, é hipocrisia da minha parte...apesar de *amar* o que eu faço, não é uma questão de não gostar do que eu faço, é uma questão mesmo de necessidade financeira, então se eu falar que eu não...se eu tiver a oportunidade, eu não vou abraçar essa oportunidade no ensino superior, é mentira, eu fiz mestrado e doutorado pensando nisso, entendeu? (SE PRETENDE SER PROF DE ENSINO SUPERIOR)
- Cara, mas no estado, eu tinha uma noção muito rasa de como...como é a educação básica no estado, tá, e essa, essa noção rasa ainda veio por conta do PIBID, a gente estava sempre em contato com as professoras do estado, a gente tentava ao máximo sempre estar dentro da escola, né, assim como a proposta do estágio também, né, o estágio obrigatório, mas nada se compara com o fato de ser professor, de estar o dia inteiro vivendo, respirando aquele contexto escolar, né, porque o ser professor não se resume em elaborar uma aula, elaborar uma metodologia e...e tentar construir esse conhecimento com os alunos, é muito mais complexo do que isso, é muito mais abrangente do que isso,
- hoje com essas 27 aulas que é um cargo e um pouquinho mais, né, eu já me sinto completamente exaurido fisicamente, psicologicamente, com dois cargos eu não... eu não... eu sinto que eu não serei completo enquanto professor, eu vou tá empurrando com a barriga

uma situação pra poder ter uma folguinha no final do mês, a realidade é basicamente essa, mas eu... eu tô falando muito de mim, mas a gente sabe que... o problema não é só a vivência do professor, né, o contexto do professor, mas da escola em si [...]

Fonte: Do Autor

Categorias e excertos da Relação professor-pessoal

Categorias	Falas
Influência de Professores	"Tive bons professores, uma coisa, alguns me inspiraram bastante, me apoiaram na tomada da decisão, então fatores que me, que me fizeram escolher a área em si"
Retorno à Sociedade	“[...] e poder voltar pra sociedade o que a sociedade me concebeu em algum momento, né, eu acho que é uma das profissões que permite a gente fazer isso, é, todos os investimentos que foram colocados em mim, ao longo da minha vida enquanto bolsista, que sempre fui do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), por exemplo, acho que a educação permite que a gente retorne esse investimento, esse investimento de uma maneira mais rápida, né, mais eficaz, digamos assim."
Conscientização sobre as Dificuldades da Educação Básica	"Eu fiz pós-graduação justamente pensando nisso, né, quando a gente começa a realmente adentrar dentro de uma escola, dentro do estado (escolas estaduais), né, a gente vê o quão difícil é, não só em questão, as questões que a gente já conhece, né, que a gente sabe bem dentro de uma escola pública, mas em relação ao pagamento, também, ao salário, né, que é o reconhecimento, infelizmente é triste. Dizer que

	a gente consegue se manter com um salário de professor do estado, com um cargo de professor do estado, trabalhando mais do que a gente deveria trabalhar, a gente sabe que é mentira, né e dizer que eu quero viver com esse salário o resto da minha vida, é hipocrisia da minha parte...apesar de amar o que eu faço, não é uma questão de não gostar do que eu faço, é uma questão mesmo de necessidade financeira, então se eu falar que eu não...se eu tiver a oportunidade, eu não vou abraçar essa oportunidade no ensino superior, é mentira, eu fiz mestrado e doutorado pensando nisso, entendeu?" “hoje com essas 27 aulas que é um cargo e um pouquinho mais, né, eu já me sinto completamente exaurido fisicamente, psicologicamente, com dois cargos eu não... eu não... eu sinto que eu não serei completo enquanto professor, eu vou tá empurrando com a barriga uma situação pra poder ter uma folguinha no final do mês, a realidade é basicamente essa, mas eu... eu tô falando muito de mim, mas a gente sabe que... o problema não é só a vivência do professor, né, o contexto do professor, mas da escola em si [...]”
--	---

Fonte: Do Autor